

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOELSON ERBERT MARTINS

**O SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES NA TEOLOGIA
DE MARTINHO LUTERO E IGREJA MISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A
ATUAÇÃO MISSIONÁRIA NA IECLB**

São Leopoldo

2023

JOELSON ERBERT MARTINS

**O SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES NA TEOLOGIA
DE MARTINHO LUTERO E IGREJA MISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A
ATUAÇÃO MISSIONÁRIA NA IECLB**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: História das
Teologias e Religiões
Linha de Pesquisa: Cristianismos e
História na América Latina

Pessoa Orientadora: Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386s Martins, Joelson Erbert
O sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero e Igreja Missional: contribuições para a atuação missionária na IECLB / Joelson Erbert Martins; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo: EST/PPG, 2023.
134 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Sacerdócio universal. 2. Lutero, Martinho, 1483-1546. 3. Missão da Igreja. 4. Evangelho. I. Wachholz, Wilhelm, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JOELSON ERBERT MARTINS

**O SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES NA TEOLOGIA
DE MARTINHO LUTERO E IGREJA MISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A
ATUAÇÃO MISSIONÁRIA NA IECLB**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: História das
Teologias e Religiões
Linha de Pesquisa: Cristianismos e
História na América Latina

Data de Aprovação: 13 de julho de 2023

PROF. DR. WILHELM WACHHOLZ (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. CELSO GABATZ (URI)
Participação por webconferência

Assinado digitalmente por
WILHELM
WACHHOLZ.5641923699
1
Data: 03/08/2023
10:27:21 -03:00



Assinado
digitalmente por
Oneide Bobsin
Data: 14/08/2023
17:17:58 -03:00



*Dedico essa dissertação à minha amada
esposa Marta e aos meus filhos queridos
Tobias e Felipe.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo seu amor, graça e bondade demonstrados permanentemente em minha vida. Pelo ministério para o qual Ele me chamou e no qual tenho o privilégio de compartilhar o Evangelho de Jesus Cristo. *Soli Deo Gloria!*

À minha esposa Marta por estar ao meu lado em todos os momentos, pela paciência, suporte e apoio.

Aos meus filhos Tobias e Felipe por compreenderem as várias horas em que estive ausente por causa das viagens e do tempo no escritório dedicado aos estudos.

Ao meu orientador Dr. Wilhelm Wachholz que apesar da intensa rotina de sua vida acadêmica aceitou me orientar nesta dissertação. As suas valiosas contribuições fizeram toda a diferença para a pesquisa.

Às lideranças e pessoas membros da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de São José – SC e da Comunidade Luterana de Campinas, agradeço todo o apoio, incentivo aos estudos e suporte por meio das orações.

À senhora Rosa Maria Schmidt pela ajuda na revisão ortográfica dos trabalhos e artigos.

À Faculdades EST e às pessoas docentes que me acompanharam ao longo do desenvolvimento acadêmico e da pesquisa científica.

À Federação Luterana Mundial - FLM pelo apoio financeiro através da concessão de bolsa de estudos que viabilizou a realização do mestrado acadêmico.

Meu muito obrigado!

Todavia, como está escrito: "Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam";

1 Coríntios 2.9

RESUMO

A doutrina do sacerdócio geral de todos os crentes desafia a Igreja cristã a viver e testemunhar publicamente o Evangelho de Jesus Cristo para além dos espaços eclesiais. O tema do sacerdócio geral recebeu considerável atenção na reflexão teológica do reformador Martinho Lutero, sendo abordado em diversos momentos e em muitos dos seus escritos, sob diferentes perspectivas e ênfases. As implicações que se pode extrair da doutrina do sacerdócio geral na teologia de Lutero é que as pessoas cristãs são chamadas a interagir e influenciar o lugar onde vivem a partir da fé e compromisso com o Evangelho, que se mostra de maneira concreta nas atividades e relacionamentos sociais e profissionais que a pessoa cristã desenvolve. Essa é a mesma ênfase que o conceito de Igreja missional procura promover na sua compreensão de missão no mundo e para o mundo. Assim, a pergunta central que a pesquisa procura responder é em que medida o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e a sua relação com o conceito de Igreja missional podem contribuir de maneira efetiva para a atuação e o testemunho da pessoa cristã na sociedade contemporânea, com destaque para a realidade brasileira do século XXI.

Palavras-chave: Sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. Martinho Lutero. Igreja missional. Evangelho. Missão. Mundo.

ABSTRACT

The doctrine of the general priesthood of all believers challenges the Christian Church to live and publicly witness to the Gospel of Jesus Christ beyond ecclesiastical spaces. The theme of the general priesthood received considerable attention in the theological reflection of the reformer Martin Luther, being approached at different times and in many of his writings, under different perspectives and emphasis. The implications that can be drawn from the doctrine of the general priesthood in Luther's theology is that Christian people are called to interact and influence the place where they live based on faith and commitment to the Gospel, which is shown in a concrete way in the social and professional activities and relationships that the Christian person develops. This is the same emphasis that the concept of the missional Church seeks to promote in its understanding of mission in the world and for the world. Thus, the central question that the research seeks to answer is to what extent the general priesthood of all believers and its relationship with the concept of the missional Church can effectively contribute to the performance and witness of the Christian person in contemporary society, especially in the Brazilian reality of the 21st century.

Keywords: General priesthood of all believing people. Martin Luther. Missional Church. Gospel. Mission. World.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 O SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES NA TEOLOGIA DE MARTINHO LUTERO E AS SUAS IMPLICAÇÕES PARA A MISSÃO E O TESTEMUNHO DA FÉ CRISTÃ NO MUNDO.....	19
2.1 CLERO, SOTEREOLOGIA E ECLESIOLOGIA: CONTEXTOS HISTÓRICO E TEOLÓGICOS DA REFORMA.....	19
2.1.1 A clericalização da Igreja cristã	20
2.1.2 A institucionalização da salvação.....	22
2.1.3 A separação entre a esfera secular e a espiritual.....	24
2.1.4 A mediação da Igreja na espiritualidade da pessoa cristã	25
2.1.5 A supervalorização do transcendente em detrimento da realidade imanente	28
2.1.6 Considerações sobre a contextualização do período da Reforma.....	30
2.2 A DOCTRINA DO SACERDÓCIO GERAL NO PENSAMENTO DE LUTERO	31
2.2.1 A justificação pela fé como fundamento para o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes.....	32
2.2.2 O sacerdócio geral e a comunidade de fé	36
2.2.3 O sacerdócio geral: entre o espiritual e o secular	40
2.3 O SACERDÓCIO GERAL E A MISSÃO DE DEUS NO MUNDO NA TEOLOGIA DE MARTINHO LUTERO	45
2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	50
3 O SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES E A IGREJA MISSIONAL	53
3.1 DEFINIÇÃO DE IGREJA MISSIONAL	53
3.1.1 Aspectos históricos	55
3.1.2 Aspectos bíblico-teológicos.....	60
3.2 O SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES E A IGREJA MISSIONAL	65
3.2.1 A Igreja como povo de Deus, a serviço de Deus no mundo, numa perspectiva missional.....	66
3.2.3 Testemunho encarnacional e contextualização.....	70
3.3 MARTINHO LUTERO, IGREJA MISSIONAL E SACERDÓCIO GERAL	74
3.3.1 Dificuldades de aproximação	74
3.3.2 Possibilidades de aproximação	76
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	78

4 IGREJA MISSIONAL E SACERDÓCIO GERAL: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A ATUAÇÃO CRISTÃ NO CONTEXTO BRASILEIRO E NA IECLB	81
4.1 A MISSÃO EM CONTEXTO: ANÁLISE DA REALIDADE BRASILEIRA ATUAL	83
4.1.2 O processo de urbanização e os impactos na realidade brasileira ...	89
4.1.3 O fenômeno ou movimento das pessoas “desigrejadas”	96
4.2 A MISSÃO NA IECLB E POSSÍVEIS TENSÕES A SEREM SUPERADAS .	103
4.2.1 Instituição a serviço da missão ou missão a serviço da instituição?	104
4.2.2 Ministério ordenado e (ou) sacerdócio geral.....	106
4.2.3 Sacralização e secularização.....	110
4.3 IGREJA MISSIONAL, SACERDÓCIO GERAL E A RELAÇÃO COM O MUNDO	113
4.3.1 A centralidade do Evangelho.....	114
4.3.2 A importância da comunidade local.....	118
4.3.2 Comunidades relevantes	120
4.3.3 Comunidades de contraste.....	123
5 CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS.....	127

1 INTRODUÇÃO

A doutrina do sacerdócio geral de todos os crentes desafia a Igreja e a pessoa cristã a viver e testemunhar publicamente a fé para além dos espaços eclesiais. A ação e a missão da Igreja precisam transpor os muros e sair do enclausuramento dos prédios e das reuniões privadas para se conectar com a realidade e o contexto em que a Igreja está inserida. As pessoas cristãs são chamadas a interagir e influenciar o lugar onde vivem por meio de suas atividades e relacionamentos sociais e profissionais. Toda e qualquer atividade cristã no mundo precisa ser intencional e encarnacional. Intencional no sentido de que a Igreja deve estar comprometida com o testemunho do Evangelho de Jesus Cristo em todos os lugares e contextos. Encarnacional porque este testemunho não deve se limitar a um mero discurso, mas envolve toda a vida e ação humana, que se exerce a partir do Evangelho. Desta forma, a atuação missionária da Igreja e o exercício público da fé são, ou pelo menos deveriam ser, responsabilidade de todas as pessoas crentes e não uma tarefa reservada a um grupo restrito de pessoas “especializadas” ou devidamente incumbidas da função. A relevância da Igreja cristã na sociedade contemporânea e sua efetividade missionária dependerão de uma clara compreensão do tema do sacerdócio geral e da vivência prática deste princípio, numa perspectiva missional.

A pergunta central que esta pesquisa pretende responder é até que ponto o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero, numa perspectiva missional, é capaz de contribuir efetivamente para a atuação e o testemunho da Igreja cristã na sociedade contemporânea. Para tanto, é primordial que a pesquisa se ocupe em analisar o contexto a partir do qual propõe a sua reflexão. O contexto imediato da pesquisa é a realidade brasileira do século XXI, na qual a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB está inserida e é chamada a realizar a sua missão como parte da Igreja de Jesus Cristo. Ainda que a pesquisa busque apresentar uma reflexão abrangente sobre a compreensão da vocação e missão cristã no contexto brasileiro, os impulsos e contribuições propostos consideraram, prioritariamente, os desafios missionários no âmbito das comunidades e paróquias da IECLB.

De acordo com critérios de classificação, esta pesquisa, do ponto de vista de sua natureza, é uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfica. Ela se delineará a partir de estudo de materiais e fontes bibliográficas disponíveis sobre o sacerdócio de todas as pessoas crentes na teologia de Lutero e sobre a Igreja missional. Num primeiro momento, a pesquisa se ocupará com o tema do sacerdócio geral a partir de obras selecionadas do reformador Martinho Lutero. Critério semelhante será aplicado para o estudo sobre a Igreja missional, onde a pesquisa se ocupará com as publicações de pessoas relevantes para a definição e compreensão conceito de Igreja missional. Fontes secundárias serão usadas na busca de uma melhor compreensão e análise das principais na abordagem dos referidos temas e que sejam relevantes para a pesquisa. Uma vez concluída a análise dos temas, os dados serão sistematizados e apresentados num texto dissertativo que terá como objetivo destacar impulsos e contribuições para a atuação missionária da Igreja cristã no contexto brasileiro atual, considerando prioritariamente a realidade da IECLB.

2 O SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES NA TEOLOGIA DE MARTINHO LUTERO E AS SUAS IMPLICAÇÕES PARA A MISSÃO E O TESTEMUNHO DA FÉ CRISTÃ NO MUNDO

Em seu programa da Reforma, Martinho Lutero se ocupou com diversos temas bíblico-teológicos de grande importância para a Igreja do seu tempo e que continuam relevantes para a Igreja atualmente, não apenas no que se refere às questões internas e institucionais, mas, sobretudo, no que diz respeito à relação da pessoa cristã com Deus, com as outras pessoas e com o mundo, tendo o Evangelho de Jesus Cristo como princípio fundamental de toda sua reflexão e construção teológica.

Dentre os muitos assuntos trabalhados por Martinho Lutero a doutrina bíblica do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes recebeu considerável atenção. O tema foi exaustivamente desenvolvido pelo reformador em vários escritos e contribuiu para a promoção de um amplo debate sobre a eclesiologia e a soteriologia cristã, resultando num impacto significativo na compreensão sobre a atuação cristã no mundo e o testemunho público da fé.

Contudo, antes de abordar especificamente o tema do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero, faz-se necessário considerar alguns aspectos históricos e teológicos importantes que ajudam a contextualizar o período da Reforma.

2.1 CLERO, SOTERIOLOGIA E ECLESIOLOGIA: CONTEXTOS HISTÓRICO E TEOLÓGICOS DA REFORMA

Os temas essenciais debatidos na teologia de Martinho Lutero não foram escolhidos por acaso. Eles estão situados num contexto histórico maior, de profundas mudanças sociais, políticas e religiosas. Já se afirmou que as “ideias têm o poder de mudar a sociedade”¹, e os séculos XV e XVI foram um campo fértil nesse sentido.

¹ MCGRATH, Alister. *A Revolução Protestante*. Brasília: Palavra, 2012. p. 33.

A Renascença e o Humanismo colocaram “em movimento uma mudança no mundo das ideias que logo se refletiria no mundo mais abrangente da realidade social.”² Diferentes forças e movimentos começaram a surgir em diversas partes do mundo ocidental, impulsionados pelo desejo de mudança. A atitude crítica e questionadora do Humanismo opôs-se às estruturas e ao pensamento dominante na Idade Média, não só no plano religioso, mas também no plano político, social e intelectual.³ Esse cenário criou as condições ideais para impulsionar o debate sobre a necessidade de uma ampla e profunda reforma da Igreja Católica Romana medieval. Reafirmando a centralidade do Evangelho como fundamento da vida e da atuação cristã no mundo, Martinho Lutero colocou no centro do debate a discussão sobre a verdadeira identidade e vocação da Igreja cristã.

2.1.1 A clericalização da Igreja cristã

Em seus primórdios, as comunidades cristãs tinham uma estrutura organizacional muito simples e colaborativa. A autoridade e liderança dos apóstolos era reconhecida pelas comunidades e várias funções eram compartilhadas com pessoas capacitadas e habilitadas pelo Espírito Santo. “A maioria dos ‘líderes’ na Igreja primitiva são figuras carismáticas. Líderes naturais, tanto homens quanto mulheres.”⁴ O conceito do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, mencionado na primeira carta de Pedro 2.9, servia como princípio dinâmico e organizacional das primeiras comunidades cristãs. “Originalmente, os verdadeiros mediadores da mensagem eram os portadores do Espírito, os ‘pneumáticos’, os que possuíam o *pneuma*.”⁵ Embora certas estruturas sociais, culturais e religiosas tenham exercido alguma influência no modelo organizacional dessas comunidades, “não havia ortodoxia padronizada na fé, hierarquia eclesiástica ou instituições centralizadas.”⁶

² MCGRATH, 2012, p. 33.

³ LANFRANCHI, Marcelo Amaral. Lutero e o sacerdócio universal do crente. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 13, nº 24, jul./dez. 2019. p. 83.

⁴ BOSCH, David. *Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Est; Sinodal, 2014. p. 559.

⁵ TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo: Aste, 1988. p. 39.

⁶ BRASILEIRO, Ricardo Adriano Massaro. Cristianismo primitivo rumo à institucionalização: Contexto imperial romano (séc. I). *Passagens: Revista Internacional de História Política Jurídica*, Rio de Janeiro, v. 13, nº 3, set./dez. 2021. p. 561.

Porém, desde cedo as comunidades enfrentaram grandes desafios para manter sua unidade, a integridade do Evangelho de Jesus Cristo e a continuidade da missão cristã no mundo.

Sabemos, porém, segundo a primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 12 em especial, que ele já encontrara dificuldades com os portadores do Espírito porque produziam desordem. Assim acentuou-se a necessidade de ordem ao lado do Espírito. Nas cartas pastorais, atribuídas a Paulo, a ênfase na ordem eclesiástica torna-se cada vez mais importante.⁷

Ao mesmo tempo, as disputas internas e os debates teológicos aumentaram à medida que a fé cristã se expandia geograficamente e interagiu com outras culturas do Império Romano, principalmente com o pensamento grego.

Cada vez mais se traziam experiências e conhecimentos alheios ao cristianismo. Por um lado, a pluralidade cultural foi muito importante para a fé cristã, pois era sinal de universalidade do Evangelho. Por outro lado, algumas interpretações da fé cristã, influenciadas por pensamentos “estranhos”, representavam ameaças a seus fundamentos. O espírito sincretista, sistema que combina de todas as doutrinas um pouco, era ameaçador.⁸

Com as disputas internas e as controvérsias teológicas se tornando cada vez mais frequentes e intensas, num esforço para manter a unidade e combater as heresias, as comunidades cristãs foram obrigadas a repensar suas formas de organização e atuação.

[...] a demora da segunda vinda de Cristo (*parusia*) sedimentou um enrijecimento organizacional eclesiástico, fazendo com que ministérios permanentes se sobrepusessem aos carismas condicionados pelos casos. Quanto mais o tempo progredia, maiores eram as necessidades de se manterem os vínculos com a origem. Assim, o múnus eclesiástico se apresentou como garantia dessa vinculação com os primeiros tempos, na medida em que postou-se de modo subordinado a um esquema sucessório, legitimado por um forte arraçoamento teológico.⁹

Na tentativa de superar as dificuldades e os desafios que se apresentavam, buscou-se fortalecer a autoridade e o ofício dos bispos. “Os bispos assumiram essa posição porque representavam a pureza da doutrina em conexão ininterrupta com os apóstolos”.¹⁰ O zelo pela integridade da fé e o empenho missionário dependiam da unidade das comunidades cristãs que, por sua vez, dependia dos bispos. “É por ordem divina que cada congregação se une em torno de um cabeça comum, assim como os

⁷ TILLICH, 1988, p. 39.

⁸ WACHHOLZ, Wilhelm. *História da igreja antiga e medieval*. São Paulo: Know How, 2010. p. 65.

⁹ BRASILEIRO, 2021, p. 566.

¹⁰ HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Porto Alegre: Concórdia, 1999. p. 89.

apóstolos se uniram em torno de Cristo”.¹¹ As comunidades começaram a assumir formas mais concretas, resultando num complexo processo de clericalização e dogmatização. Com o tempo, a Igreja se tornou uma instituição solidamente estabelecida.¹²

[...] tanto Cipriano quanto Agostinho estavam agudamente conscientes de que o Cristo uno e a uma fé verdadeira exigiam uma comunidade que também fosse uma. [...] A chave para a unidade da Igreja era o clero. [...] A Igreja não podia ser Igreja sem o clero e a unidade entre o povo e o clero. Daí o famoso dito: “Onde está o bispo, lá está a Igreja”.¹³

Cipriano, de modo especial, defendeu a ideia de que o episcopado monárquico tinha sido instituído por Cristo.¹⁴ O bispo representava a Igreja e todas as pessoas cristãs estavam subordinados a esse ofício. As que se encontravam fora dessa comunhão não podiam ser consideradas cristãs, pois não há salvação fora da Igreja e “quem não tem a igreja por mãe não pode ter Deus por Pai”.¹⁵

A partir de então, o ministro ordenado ocuparia uma posição dominante e inconsistente na vida eclesiástica, uma situação que se fortaleceu com as doutrinas da sucessão apostólica, da “marca indelével” concedida aos sacerdotes no rito da ordenação e da infalibilidade do papa.¹⁶

Isso levou a uma crescente divisão da Igreja em duas categorias: a classe leiga e a classe sacerdotal. As pessoas compreendidas como leigas eram consideradas imaturas, menores de idade e totalmente dependentes da classe sacerdotal em questões religiosas.¹⁷ Com o tempo, a relação de dependência e subordinação das pessoas leigas à classe sacerdotal se tornou cada vez maior, comprometendo assim o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e fortalecendo o papel da Igreja e do clero como intermediários na relação da pessoa com Deus.

2.1.2 A institucionalização da salvação

Com o Imperador Romano Constantino (272-337), o cristianismo se tornou a religião oficial do Império. A Igreja e a sua liderança passaram a ocupar uma posição

¹¹ HÄGGLUND, 1999, p. 89.

¹² DREHER, Martin N. *A igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 26.

¹³ HEFNER, Philip J. A Igreja. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. *Dogmática cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 233-234.

¹⁴ DREHER, 1993, p. 37.

¹⁵ HÄGGLUND, 1999, p. 92.

¹⁶ BOSCH, 2014, p. 559.

¹⁷ BOSCH, 2014, p. 559.

de proeminência no contexto romano. Porém, as invasões bárbaras do território romano levaram ao declínio do Império e exigiram uma reorganização social, política e religiosa no mundo ocidental. As mudanças geopolíticas exigiram que a Igreja se adaptasse às novas realidades.

Os bárbaros invadiram Império Romano não para destruí-lo, mas para participarem de seus benefícios. [...] Os bárbaros também abandonaram suas antigas crenças e aceitaram a dos povos conquistados. Daí a origem do cristianismo ocidental.¹⁸

Esse novo cenário permitiu que a mensagem cristã chegasse a outros povos e culturas. No entanto, a Igreja Ocidental, fortemente associada à cultura romana, teve de lidar com a tarefa de acomodar essas novas culturas e novos pensamentos às suas estruturas.

Com o desaparecimento da Antiguidade no Ocidente, a Igreja não se viu somente às voltas com a preservação dogmática, o que era de fato a sua tarefa, mas também com a preservação do espírito latino, ao qual estava ligada a tradição eclesiástica. Assim, na Idade Média, a Igreja também se tornou sustentáculo de tradições.¹⁹

Como se observa, o processo subsequente de clericalização, elaboração doutrinária e institucionalização não foram meras escolhas adotadas pela Igreja cristã, mas uma necessidade relacionada a outros acontecimentos. A preocupação com a preservação da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo e a unidade da Igreja eram, originalmente, uma motivação legítima. Mais tarde, porém, tornou-se um instrumento de poder e dominação da Igreja Romana.

A tendência do pensamento romano de dar formas rígidas, normativas, levou a que no mundo ocidental se acentuassem e ressaltassem questões como até então só se fizera com os dogmas trinitário e cristológico. Assim, na Idade Média, encontraram formulações definitivas a Penitência, a Eucaristia e a doutrina do Poder da Igreja. [...] O esforço feito na regulamentação da Penitência, Eucaristia, Poder da Igreja e Teologia visava submeter a graça divina a meios claramente delimitados e inseridos nas atividades do ministério eclesiástico. Pretendia-se evitar o abuso dos meios da graça, mas se acabou permitindo que a instituição Igreja deles abusasse.²⁰

A eclesiologia medieval se consolidou centrada nas figuras e autoridades sacerdotais e na instituição Igreja Católica Romana. “Num caso, dava-se ênfase ao episcopado dotado do Espírito como elemento unificador da Igreja, no outro

¹⁸ WACHHOLZ, 2010, p. 139-140.

¹⁹ DREHER, Martin N. *A Igreja no mundo medieval*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 11.

²⁰ DREHER, 1994, p. 11.

ressaltava-se a instituição e o cargo como tal.”²¹ Isso trouxe implicações para a soteriologia e a eclesiologia, uma vez que a salvação estava submetida ao poder e controle da instituição eclesiástica e de suas lideranças. Os desdobramentos teológicos e práticos trouxeram consequências significativas para a relação da pessoa cristã com Deus, com a Igreja e com o mundo ao seu redor, com impactos profundos para o testemunho da fé e a atuação cristã.

2.1.3 A separação entre a esfera secular e a espiritual

A queda do Império Romano diante dos povos bárbaros representou um duro golpe para a Igreja. O sentimento de decepção gerou muitos questionamentos. “Entre os cristãos começou-se a duvidar da providência divina. Os patriotas viam na catástrofe o castigo dos antigos deuses que não eram mais adorados.”²² Agostinho de Hipona (354-430) teve um papel de grande relevância na acomodação da Igreja nesse novo contexto. “Agostinho representa o final de uma era, bem como o começo de outra. Ele é o último dos escritores cristãos clássicos e o precursor da teologia medieval.”²³ Tal pensador procurou dar respostas às incertezas de seu tempo. Suas reflexões deram origem à sua obra mais importante, *De Civitate Dei* (A Cidade de Deus).

Classifico a raça humana em dois grupos: o primeiro consiste daqueles que vivem segundo os padrões humanos, o outro dos que vivem pela vontade de Deus [...] Com essas duas cidades, represento as duas sociedades de seres humanos; uma delas está predestinada a reinar com Deus desde sempre; a outra está fadada a sofrer punição eterna com o Diabo.²⁴

Segundo Agostinho, essas duas sociedades coexistiam, porém, de maneira distinta. Não há separação entre as esferas secular e espiritual, mas uma subordinação de uma esfera sobre a outra. A sociedade espiritual tinha supremacia e a cidade terrena deveria se submeter à cidade de Deus.²⁵ A “supremacia e independência do poder espiritual frente às autoridades políticas estava, assim,

²¹ HÄGGLUND, 1999, p. 93.

²² DREHER, 1993, p. 78.

²³ GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 15.

²⁴ BOSCH, 2014, p. 272.

²⁵ BOSCH, 2014, p. 272.

firmemente estabelecida e se expressaria, nos séculos posteriores, sobretudo no papado.”²⁶

Contudo, foram as ações de Gregório VII (1073-1085) que produziram os maiores impactos para a relação entre a Igreja e Estado, no contexto medieval, acentuando ainda mais a separação entre as esferas secular e espiritual, fazendo com que a instituição Igreja ganhasse cada vez mais forma, poder e influência.

Os papas posteriores fizeram poucos acréscimos às teorias do ofício de Gregório. Eles, como Gregório, afirmavam que a sociedade cristã era organizada sob o domínio do papa, seu chefe manifesto, e ele estava protegido contra todas as possibilidades de erro por Pedro, perpetuamente presente em seus sucessores, os bispos de Roma.²⁷

Seria exagero sugerir que houve uma intenção deliberada e proposital de criar uma divisão e separação radical entre as esferas espiritual e secular, principalmente em se tratando de Agostinho. No entanto, os desdobramentos posteriores se valeram de certos conceitos para estabelecer a superioridade da hierarquia religiosa sobre o poder secular, conferindo à Igreja um poder absoluto.

2.1.4 A mediação da Igreja na espiritualidade da pessoa cristã

Na eclesiologia medieval, a salvação da pessoa e a própria espiritualidade estavam atreladas à Igreja Católica Romana. A vida e a piedade cristã não eram vistas como resultado da ação de Deus, mas uma atitude humana em direção a Deus, mediada pela Igreja e sua hierarquia clerical. Conforme discutido anteriormente, mesmo que essa não fosse a intenção inicial, as disputas entre Agostinho e seus adversários ajudaram a consolidar esse entendimento do papel da Igreja como mediadora nas questões que envolvem a relação da pessoa com Deus e com o mundo.

O embate entre Agostinho e Pelágio se ocupou em determinar quais os efeitos do pecado original sobre a natureza humana. Pelágio tinha uma visão otimista da natureza humana e defendia a ideia de que a humanidade não precisava de redenção, mas de inspiração. Jesus Cristo não deveria ser considerado um salvador que morreu pelos pecados da humanidade, mas um mestre e modelo no qual a pessoa humana

²⁶ BOSCH, 2014, p. 273.

²⁷ SHELLEY, Bruce L. *História do cristianismo ao alcance de todos: Uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos*. São Paulo: Shedd, 2004. p. 204-205.

deveria se inspirar e imitar.²⁸ A graça era o impulso inicial para a pessoa fazer o bem: “É, pois, necessário, que a vontade do homem seja apoiada pela graça de Deus. Mas, ao mesmo tempo, o homem é capaz de escolher o bem por si mesmo e para si.”²⁹

Agostinho, por sua vez, defendeu que a natureza humana foi profundamente afetada pelo pecado, o que impossibilitava qualquer iniciativa humana no sentido de mudar essa realidade. “[...] a natureza humana caída é livre somente para pecar”.³⁰ Apenas pela intervenção de Deus é que a pessoa poderia se libertar dessa condição. A redenção humana depende essencialmente da morte expiatória de Cristo. “Deus se tornou humano para salvar as almas que se encaminham à destruição.”³¹ No debate entre os dois pensadores, prevaleceu a posição de Agostinho.

O ponto sensível na posição de Agostinho foi a supervalorização da salvação da alma, que fomentou uma espiritualidade individualista da pessoa em detrimento de uma visão mais ampla da redenção, que contempla toda a criação de Deus, conforme a compreensão bíblica. Esta interiorização da fé sugeria que a pessoa se voltasse para o seu “mundo interior e, de lá, para a transcendência”³² o que fez com que com que a relação com as coisas “terrenas” seja vista como menos importante e espiritual.

Já a controvérsia de Agostinho com os donatistas se deu em razão da situação das pessoas cristãs que renunciaram a fé por causa das perseguições e que, tempos depois, manifestaram o interesse em retornar ao convívio da Igreja. Entre as pessoas que apostataram, algumas ocupavam a função de bispos. Apesar de serem considerados traidores, de modo geral, acredita-se que os bispos arrependidos deveriam ser perdoados e reconduzidos às suas funções. O movimento liderado por Donato, bispo de Cartago, se opôs a readmissão dos traidores.³³ Por não reconhecerem a autoridade e a legitimidade dos bispos readmitidos, os donatistas começaram a questionar a validade do batismo e da ordenação realizados pela Igreja.³⁴ “E, uma vez que a igreja existente tolerava hipócritas e os que uma vez tinham

²⁸ BOSCH, 2014, p. 267.

²⁹ HÄGGLUND, 1999, p. 113.

³⁰ GONZÁLEZ, 2004, p. 44.

³¹ BOSCH, 2014, p. 267.

³² BAYER, Oswald. *Viver pela fé: justificação e santificação*. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 29.

³³ Os donatistas não toleravam a ideia de conceder perdão para quem havia negado a fé ou cometido algum pecado mortal. “A verdadeira igreja precisa manter-se totalmente imaculada e perfeita”. BOSCH, 2014, p. 269.

³⁴ HÄGGLUND, 1999, p. 106.

apostatado, ou adotavam posições mais brandas quanto à penitência, era necessário romper as ligações com essa igreja.”³⁵

Agostinho se opôs ao movimento donatista e defendeu que a Igreja reúne não somente pessoas perfeitas e puras. Agostinho oferecia uma visão mais realista e humana da Igreja, que comporta, ao mesmo tempo, pessoas justas e pecadoras. O aspecto negativo na posição defendida por Agostinho foi que ele superestimou o papel da Igreja em relação à salvação.

[...] viam-se a autoridade e a santidade como vinculadas à igreja institucional [...]. Como igreja mundial, fundada pelos apóstolos, constituía a única igreja verdadeira, quem quer que a abandonasse estava obviamente equivocado; as pessoas que rompiam seus vínculos com a Igreja Católica também desfaziam sua relação com Deus. A unidade visível e a salvação andavam de mãos dadas.³⁶

Tal compreensão se tornou ainda mais contundente no significado da história desenvolvido por Agostinho em seu escrito *A Cidade de Deus*. “A igreja que nutre seus crentes por meio dos sacramentos não está ainda no céu, mas luta e vive como peregrina dentro dos eventos históricos.”³⁷

A esperança pelo reino de Deus se transformou em esperança pelo “céu”, o lugar ou estado de vida em que as pessoas que fazem o bem serão recompensadas e o qual se alcança como prêmio pela perseverança. Visando a isso, desenvolveu-se uma prática penitencial cada vez mais refinada. Orientavam-se os crentes quanto a maneiras apropriadas de realizar o autoexame espiritual a fim de que pudessem analisar melhor suas consciências e detectar fraquezas morais em sua constituição espiritual.³⁸

A estreita relação entre a salvação e a instituição Igreja começava a se consolidar. Com base na institucionalização da salvação, a Igreja Católica medieval fez valer o seu poder e influência em diferentes contextos e realidades. Isso se tornaria ainda mais evidente na ética escolástica, principalmente com Tomás de Aquino.

Para Aquino, a ética cristã não era o caminho da vida em comunhão com Deus, mas sim o caminho que conduz à comunhão com Deus. A ideia que domina a ética escolástica está contida nas palavras de Aquino: “O homem alcança a felicidade através dos muitos movimentos de obras denominadas méritos”.³⁹

³⁵ HÄGGLUND, 1999, p. 105.

³⁶ BOSCH, 2014, p. 269.

³⁷ GONZÁLEZ, 2004, p. 52.

³⁸ BOSCH, 2014, p. 268.

³⁹ FORELL, George W. *Fé ativa no amor*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1977. p. 69.

Aquino não rejeitou completamente o conceito teológico da graça. Entretanto, a graça divina cooperava com os méritos da pessoa, promovendo a ideia de que a pessoa só poderia alcançar o favor de Deus por meio das obras meritórias.⁴⁰ Os efeitos teológicos e práticos determinariam a relação da pessoa cristã com a Igreja e afetariam, até mesmo, as relações entre a Igreja e o Estado. Engendra-se uma estreita associação entre a salvação e a Igreja Católica Romana, sendo que a espiritualidade da pessoa cristã seria tutelada pelo clero no contexto medieval.

A bula papal *Unam Sactam*, de Bonifácio VIII (1302) endossou [...] “Nós declaramos, afirmamos, definimos e anunciamos que é absolutamente necessário para a salvação que toda a criatura humana se sujeite ao pontífice romano”. De forma semelhante, o Concílio de Florença (1441) declarou: “Não só os pagãos, mas também os judeus, hereges e cismáticos não terão parte na vida eterna. Eles irão para o fogo eterno que se preparou para o diabo e seus anjos, a não ser que se incorporem à Igreja Católica antes do fim de suas vidas”.⁴¹

As pessoas cristãs eram cerceadas em sua liberdade de desenvolver uma espiritualidade fora dos padrões e determinações estabelecidos pela Igreja ou por uma liderança clerical. A imagem de um Deus tirano e inacessível que se difundiu na Idade Média exigia a mediação de pessoas espiritualmente elevadas ou devidamente ordenadas que serviam de intermediárias nessa relação. O medo se torna um elemento muito presente na relação da pessoa cristã com Deus, com a Igreja e, sobretudo, com o mundo, percebido como um lugar cheio de impurezas e pecados.

2.1.5 A supervalorização do transcendente em detrimento da realidade imanente

Um último aspecto histórico que ainda é preciso destacar como relevante na contextualização da reflexão de Martinho Lutero sobre o tema do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes diz respeito à ética monástica. A motivação inicial do movimento monástico foi promover uma espiritualidade profunda e disciplinada, oferecendo “diretrizes para quem aspira fazer mais do que se exige do cristão comum”.⁴²

O movimento monástico tem suas origens diversas, tanto internas quanto externas à Igreja. Internamente se nutriu do pensamento do apóstolo Paulo,

⁴⁰ FORELL, 1977, p. 69.

⁴¹ BOSCH, 2014, p. 270.

⁴² SHELLEY, 2004, p. 133.

no sentido de que os que não se casavam podiam servir ao Senhor com maior liberdade. Externamente, a filosofia clássica que afirmava ser o corpo prisão ou túmulo da alma, a tradição estoica, para qual as paixões seriam o grande obstáculo da verdadeira sabedoria, as diversas religiões nas costas do Mediterrâneo, que cultivavam a vida de virgem consagradas, sacerdotes solteiros, eunucos, influenciaram o movimento monástico cristão.⁴³

Enquanto a primeira forma de monasticismo, ligada à Igreja oriental, caracterizava-se por uma postura individualista e introspectiva, em que a pessoa se isolava do convívio social, assumindo um estilo de vida solitário e de auto regramento, a segunda forma, ligada à Igreja ocidental, era essencialmente comunitário.

O propósito da imitação de Cristo era existir apenas para Deus e viver da força de sua graça. Para atingir seus objetivos, os monges faziam três votos: pobreza, castidade e obediência. Assim, os verdadeiros guerreiros espirituais tentavam abrir mão de suas posses, da felicidade conjugal e da liberdade de escolha.⁴⁴

Podem-se descrever muitos elementos positivos do movimento monástico no que diz respeito à prática da espiritualidade e, até mesmo, identificar aspectos que ajudaram na expansão missionária da Igreja cristã.⁴⁵ No entanto, muitos problemas teológicos e práticos no contexto monástico não podem ser negligenciados, especialmente na perspectiva do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e a atuação cristã em relação ao mundo. Martinho Lutero foi um crítico contundente do movimento monástico precisamente porque este encorajava uma vida ascética e o desprezo pelo mundo. Uma vida de celibato e compromisso com a disciplina monástica era vista como uma forma de espiritualidade superior. A vida monástica era compreendida como um estado espiritual que colocava a pessoa em condição superior às pessoas que formavam família e realizavam trabalhos considerados não "espirituais" e, portanto, menos nobres.

Entrar para um monastério significava separar-se do mundo, abandonar os relacionamentos comuns da vida social, renunciar ao casamento e a tudo o que o lar cristão significa. E uma visão equivocada do homem dava apoio a esse esforço. A alma, dizia o monge, está acorrentada à carne como um prisioneiro.⁴⁶

⁴³ WACHHOLZ, 2010, p. 93.

⁴⁴ SHELLEY, 2004, p. 134.

⁴⁵ Bosch destaca a contribuição missionária dos monges, apesar de reconhecer que essa atuação não era premeditada ou consciente, mas algo decorrente. Muitos "monges empreendiam jornadas a lugares longínquos como parte da sua disciplina penitencial e visando à sua própria salvação", o que possibilitou à fé cristã ser difundida pelos territórios anglo-saxões. BOSCH, 2014, p. 287.

⁴⁶ SHELLEY, 2004, p. 139.

A visão equivocada de que a vida monástica representava um estado de serviço a Deus superior e muito mais nobre do que o serviço realizado pelas pessoas que se dedicam a funções na “esfera comum” da sociedade, acentuava ainda mais a divisão entre classes distintas de pessoas e ocupações. Tratava-se de uma postura de negação do mundo e uma visão centrada apenas na realidade transcendente.

2.1.6 Considerações sobre a contextualização do período da Reforma

Por se tratar de um longo período histórico com muitas transformações, certamente outros pontos poderiam ser elencados e discutidos neste capítulo, o que levaria a uma descrição mais precisa e, ao mesmo tempo, abrangente do contexto teológico e histórico do período da Reforma. No entanto, considerando a necessidade de delimitação do tema proposta na pesquisa, a partir dos aspectos acima descritos é possível, ainda que de modo sucinto, traçar o pano de fundo histórico e teológico que servirá de subsídio para a sequência da pesquisa, considerando o tema proposto do sacerdócio de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero e as implicações para o testemunho e atuação cristã no mundo.

A descrição de Boerwinkel desse período destaca pontos significativos que marcaram o desenvolvimento e a consolidação do que Bosch descreve como o paradigma da Igreja medieval:

[...] a igreja sofreu uma série de profundas transformações. Ela passou de uma pequena e acossada minoria a uma organização de porte e influência; transformou-se de seita perseguida em opressora de seitas; desfez-se qualquer vínculo entre cristianismo e judaísmo; desenvolveu-se uma estreita relação entre trono e altar; ser membro da igreja tornou-se algo óbvio; esqueceu-se, em grande parte, o ofício do crente; fixou-se e ultimou-se, de maneira conclusiva, o dogma.⁴⁷

É importante reconhecer que mesmo antes da Reforma do século XV, a Igreja Católica Romana enfrentou muitas resistências e pressões internas para aceitar mudanças e estar aberta a reformas em sua estrutura, prática e ensino. A Igreja Católica resistiu como pôde. No entanto, com a ascensão do mundo novo do Renascimento, a Igreja se deparou com uma situação em que o anseio por mudanças não podia mais ser reprimido.

⁴⁷ BOERWINKEL, Feitse. *Einde of nieuw begin? Onze maatschappij op de breuk-lijn*. Bilthoven: Amboboeken, 1974 *apud* BOSCH, 2014. p. 291.

É em nome do humanismo que o homem, mesmo temeroso, começa a separar-se da grande ordem do universo, para ser o seu expectador privilegiado. Mais do que isso, ele é o organizador dessa ordem. No plano religioso, isso se traduz na Reforma, que não reconhece intermediários – os padres ou o papa – na comunicação com Deus. O homem, e só ele, é responsável pelos seus atos, perante a sua consciência e a divindade.⁴⁸

Martinho Lutero desenvolveu toda a sua reflexão teológica levando em conta esse reposicionamento da pessoa diante da Igreja, de Deus e do mundo. Com base no estudo e interpretação das Escrituras, Lutero reavalia e direciona a atividade humana no mundo, com base no Evangelho de Jesus Cristo. A pessoa cristã vive sob o impacto da Palavra de Deus, que julga e liberta ao mesmo tempo. Conseqüentemente, a vida cristã passa a ser compreendida numa perspectiva de existência *Coram Deo*, diante de Deus. E considerando todo esse contexto e pressupostos, Lutero se ocupa intensamente com o tema do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e as implicações para a atuação cristã no mundo.

2.2 A DOCTRINA DO SACERDÓCIO GERAL NO PENSAMENTO DE LUTERO

Assim como outros temas da teologia de Martinho Lutero, a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes não foi elaborada de forma sistemática e conclusiva num único escrito.⁴⁹ Para que se possa compreender o pensamento do reformador é necessário acessar diferentes escritos identificando as ênfases distintas e a devida correlação com outros temas desenvolvidos.

Quanto mais Lutero se dedicava ao estudo e à interpretação das Escrituras, mais crescia a sua percepção de que temas essenciais da doutrina bíblica haviam sido abandonados e abusados pela Igreja do seu tempo.⁵⁰ Tratava-se de uma tarefa urgente e inegociável reavaliar conceitos e práticas da Igreja Católica Romana, a partir do Evangelho de Jesus Cristo. Para Lutero, qualquer ensino contrário ao Evangelho deveria ser combatido e rejeitado. Foi nesta perspectiva que o reformador se ocupou com o tema do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. Com base nas Escrituras, Lutero redefiniu a relação da pessoa cristã com Deus, com a Igreja e com

⁴⁸ ABRÃO, Bernadette Siqueira. *História da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 2004. p. 128.

⁴⁹ WACHHOLZ, Wilhelm, SELL Wilhelm. Sacerdócio geral de todas as pessoas crentes: uma introdução a perspectiva de Martinho Lutero. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 33, n. 1, 2018. p. 70.

⁵⁰ SHELLEY, 2004, p. 263.

o mundo. A existência da pessoa cristã diante de Deus – *Coram Deo* - compromete a pessoa cristã em sua existência em todas as relações possíveis.

Na linguagem de Lutero, três dessas relações *coram* sempre de novo aparece: a existência diante de mim mesmo (*coram meipso*), a existência diante dos seres humanos (*coram hominibus*) e a existência diante do mundo (*coram mundo*). [...] Frente à existência diante de Deus, até o “diante de mim mesmo” se funde de certa maneira com a existência *coram* em relação aos semelhantes e ao mundo. Por outro lado, a existência “diante de mim mesmo” é incorporada àquela existência diante de Deus. Com isso, porém, ele não está entregue a seu foro e julgamento próprios; antes, é transferido para fora de si mesmo e, assim, tem a sua existência fora de si mesmo, *extra se*, porque a tem diante de Deus.⁵¹

Nesse sentido, Lutero amplia a compreensão e abrangência do sacerdócio geral de todos os crentes para além dos espaços religiosos. “Falar do sacerdócio de todos os crentes significava reintroduzir a ideia de que cada pessoa cristã tem a vocação e a responsabilidade de servir a Deus, de estar ativamente envolvida na obra de Deus no mundo”⁵² e em favor de toda a criação. Sob essa perspectiva que a pesquisa se desdobrará nesse capítulo.

2.2.1 A justificação pela fé como fundamento para o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes

David Bosch destaca que, “para a Reforma protestante, o artigo da justificação pela fé constitui o ponto de partida da teologia”.⁵³ O estudo de qualquer tema na teologia de Martinho Lutero deve considerar a justificação da pessoa cristã pela fé como um princípio elementar. Gunther Wenz confirma esse entendimento e o aprofunda ao defender a tese de que a doutrina da justificação pela fé deve ser o centro e o limite de toda a teologia evangélica. “O evangelho da justificação do pecador por graça, por causa de Cristo, mediante a fé determina não só a percepção original da Reforma, mas também o nexó do conjunto de sua teologia”.⁵⁴

Em tudo isso, a doutrina da justificação mostra ser o centro e o limite da teologia evangélica. “Centro – isto significa que tudo na teologia reformatória está relacionado com ela; afinal, nela se apreende de maneira central o *subiectum theologiae*. Limite – isto significa que tudo o que se encontra fora

⁵¹ EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 157-158.

⁵² BOSCH, 2014, p. 296.

⁵³ BOSCH, 2014, p. 295.

⁵⁴ WENZ, Gunther. Evangelho e escritos confessionais: A hermenêutica das confissões do luteranismo. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 44, n. 1, 2004. p. 47.

daquilo que é definido e concentrado por esse centro é *error et venenum in theologia* [erro e veneno na teologia].⁵⁵

Conforme observado no capítulo anterior, no contexto da Reforma, a vida cristã era regida pela Igreja Católica Romana, que exigia obediência incondicional às suas regras, ritos e sacramentos, e à autoridade eclesiástica por ela instituída. “[...] o sistema romano envolve certo gerenciamento divino-humano, representado e tornado real pelo gerenciamento eclesiástico”.⁵⁶ Configurou-se assim uma intransponível separação “entre a igreja ‘que ensina’ e a igreja ‘que aprende’ (a *ecclesia docens* e a *ecclesia discens*)”.⁵⁷

A reação de Martinho Lutero a esse regramento impositivo da vida cristã e a consequente institucionalização da salvação ocupou um lugar central no debate sobre a doutrina da justificação pela fé. Lutero “inculcou repetidamente a posição central da doutrina da justificação, reguladora de toda a pregação da igreja”⁵⁸ e criticou o modo como a Igreja Católica Romana abusou do seu poder e da sua autoridade ao impor uma espécie de cativeiro sobre as pessoas cristãs, a partir dos sacramentos por ela estabelecidos e administrados, bem como pelo controle exercido pela liderança eclesiástica sobre as pessoas. “[...] a igreja foi privada de toda a sua liberdade.”⁵⁹

Esse controle, em boa medida, se sustentava em razão do medo que as pessoas tinham de Deus e do purgatório. A visão medieval de um Deus irado, pronto para punir a pessoa em virtude de qualquer erro ou deslize, exigia a mediação de outras pessoas com uma moral elevada ou que representassem a santidade da Igreja. A exigência de boas obras⁶⁰ e a busca por méritos pessoais ou de outras pessoas consideradas santas eram os meios oferecidos pela Igreja como uma forma de aplacar a ira de Deus. Isso fomentou o comércio de indulgências, um dos principais temas no debate da Reforma.

⁵⁵ WENZ, 2004, p. 48.

⁵⁶ TILLICH, 1988, p. 228.

⁵⁷ BOSCH, 2014, p. 563.

⁵⁸ WENZ, 2004, P. 47.

⁵⁹ LUTERO, Martinho. Do cativeiro babilônico da igreja. *In: Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2. p. 349.

⁶⁰ FISCHER, Joachim. Introdução ao assunto. *In: Obras seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo. Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2. p. 99. Para uma melhor compreensão do sentido teológico que se pretende aplicar à expressão “boas obras”, Joachim Fischer explica que, “entendeu-se por ‘boa obra’ aquele agir humano pelo qual o cristão merece receber a graça de Deus. Lutero preserva o conceito de ‘boa obra’, mas dá-lhe um sentido novo, evangélico. ‘Boa obra’ é [...] o que Deus fez e faz em Cristo por nós e em nós”.

Para Lutero, a controvérsia da indulgência era um sintoma preocupante de uma doença mais profunda – a perda da percepção fundamental que repousa o cerne do evangelho. Como a igreja [...] perdera de vista a mais importante de todas as percepções cristãs – que Deus oferece a salvação como dom gratuito?⁶¹

A Igreja Católica Romana e a sua liderança eclesiástica definiam as obras consideradas necessárias para a salvação. Toda a responsabilidade pela justificação do pecado dependia da ação humana. A redescoberta do princípio bíblico da justificação pela fé motivou Lutero a combater tal ensino. Somente pela fé em Cristo uma pessoa se torna justa diante de Deus e recebe a salvação e o perdão dos pecados. Essa fé não depende de obras e mediação da Igreja ou de qualquer outra pessoa, pois a fé não precisa de um mestre de boas obras.⁶² “Uma só coisa é preciso para a vida, a justiça e a liberdade cristã, e somente esta: é o sacrossanto Verbo de Deus, o Evangelho de Cristo.”⁶³

A posição de Lutero representou uma guinada significativa na eclesiologia e na soteriologia medievais, pois desvinculou a salvação e a justificação da Igreja Católica Romana e as direcionou exclusivamente para a pessoa e obra de Jesus Cristo. “A fé, portanto, é do começo ao fim obra de Deus, que o ser humano não pode produzir, mas que só pode ser recebida e sofrida.”⁶⁴

Justificação por imputação divina é graça para pecadores. [...] Para Lutero, isso significava que em lugar de todos os sistemas humanos de transição do pecado para a justiça precisamos colocar a simultaneidade do pecado e da justiça. A justiça imputada, como ato divino, traz consigo o *simul iustus et peccator* (simultaneamente justo e pecador) como uma simultaneidade de estados plenos.⁶⁵

A partir dessa compreensão, o reformador estabeleceu um novo paradigma para a relação da pessoa cristã com Deus, com a Igreja e com o mundo. A Igreja não mais ocuparia o lugar de mediadora da salvação, administradora da fé e tutora da vida

⁶¹ MCGRATH, 2012, p. 53.

⁶² LUTERO, Martinho. Das boas obras. *In: Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2. p. 104.

⁶³ LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã. *In: Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2. p. 438.

⁶⁴ BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: uma atualização.* São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 32.

⁶⁵ FORDE, Gerhard. Vida Cristã. *In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (EE.). Dogmática cristã.* São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1995. v. 2. p. 413.

cristã. “[...] em termos reformatórios, a igreja não pode ser compreendida juridicamente como instituto de salvação”.⁶⁶

A relação da pessoa cristã com Deus não deveria se basear na desconfiança, na troca e muito menos dependeria de intermediários. “Fé é acreditar que Deus pode nos salvar a despeito de nós mesmos, que ele está disposto a perdoar-nos os nossos pecados; não porque merecemos, mas porque ele é amor.”⁶⁷ A vida cristã passava a ser compreendida numa perspectiva ontológica que decorre fundamentalmente da justificação pela fé em Jesus Cristo. “A vida cristã começa pela fé; e todas as atividades [...] devem ser um resultado desta fé.”⁶⁸

A imputação divina nos faz pecadores ao mesmo tempo que nos declara justos. Lutero insistiu que desde o início esses estados fossem entendidos como plenos. Isso requer uma reorientação radical do pensamento sobre a vida cristã. Isso destrói nossas noções costumeiras de progresso moral.⁶⁹

Para Lutero, qualquer iniciativa humana que não se apoia na confiança em Deus, deve ser considerada idolatria. “Pois ter um deus não é chamá-lo de deus exteriormente com a boca ou adorá-lo de joelho e com gestos, mas confiar nele de todo o coração e dele esperar todo bem, graça e estima”.⁷⁰

O elemento mais radical da doutrina da justificação de Lutero é a concepção da salvação como um assunto que afeta Deus e o indivíduo. O relacionamento do indivíduo com Deus é direto, determinado pela fé nas promessas de Deus e a salvação proporcionada pela morte e ressurreição de Cristo. Não há mais necessidade de intermediários – da intercessão de Maria nem dos santos. Não há um papel necessário para a igreja, seus sacramentos nem seus sacerdotes na dinâmica da salvação.⁷¹

Assim, a doutrina da justificação pela fé é essencialmente emancipatória porque torna a pessoa cristã livre para servir, desprovida de qualquer interesse egoísta, de modo que toda a pessoa cristã tem a liberdade de se colocar “perante Deus em confiança [...] orar pelo outro e fazer tudo o que vemos o ofício visível e corporal dos sacerdotes fazer e figurar.”⁷² Lutero se valeu do princípio bíblico de 1

⁶⁶ BAYER, 2007, p. 185.

⁶⁷ FORELL, George W. *Introdução ao estudo da ética cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 147.

⁶⁸ FORELL, 1989, p. 139.

⁶⁹ FORDER, 1995, p. 415.

⁷⁰ LUTERO, 2011, p. 107.

⁷¹ MCGRATH, 2012, p. 49.

⁷² LUTERO, 2011, p. 445.

Coríntios 9.19 para determinar a vida cristã: “O cristão é um senhor libérrimo sobre tudo, a ninguém sujeito. O cristão é um servo oficiosíssimo de tudo, a todos sujeito.”⁷³

O cristão não é um tipo especial de ser humano ou de pessoa religiosa, e simplesmente ser humano, ser humano liberto. Na fé ele vive fora de si mesmo, em Deus – livre de ter que sair a cata de sua identidade e de ter que buscar sua auto-realização. Por isso ele pode agora se dar o luxo de ser servidor de todos, não só de todos os seres humanos, mas de todas as coisas [...].⁷⁴

Convencido pelo testemunho da Escritura, Lutero estava convicto de que não havia espaço para qualquer forma de poder e dominação que limitasse a liberdade e a atividade cristã no mundo. A fé, como confiança nas promessas de Deus, leva à livre devoção e obediência a Deus. “[...] a fé precisa ser mestre de obras e capitão em todas as obras, ou então elas nada serão.”⁷⁵

A vida cristã deve ser compreendida como uma fé, uma visão, uma esperança, um posicionamento básico frente à vida produzido pela ação de Deus em Jesus Cristo, levando, subsequentemente, a atitudes de ações no mundo e em prol dos outros.⁷⁶

2.2.2 O sacerdócio geral e a comunidade de fé

Ao se ocupar com a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, tendo a justificação da pessoa cristã pela fé como fundamento, Martinho Lutero promoveu o desencarceramento da experiência da fé e da espiritualidade cristã. “[...] a igreja, agora, desempenharia um papel secundário na dispensação da salvação subordinado ao encontro direto entre o ser humano individual e Deus”.⁷⁷ A Igreja existe como resultado da fé e não o contrário. Desse modo, Lutero retomou o conceito de Igreja nos termos do Credo dos Apóstolos e a definiu como sendo a comunhão dos santos. “Em vez de ‘Igreja’, geralmente entendida como instituição, Lutero preferiu falar de ‘cristandade’, ou seja, comunidade cristã”.⁷⁸

Assim fica claro que a santa Igreja não está vinculada a Roma, mas compreende toda a extensão do mundo, é congregada numa só fé, é espiritual e não corporal. [...] Os sinais pelos quais se pode perceber

⁷³ LUTERO, 2011, p. 437.

⁷⁴ BAYER, 1997, p. 38.

⁷⁵ LUTERO, 2011, p. 110.

⁷⁶ FORDE, 1995, p. 403.

⁷⁷ MCGRATH, 2012, p. 50.

⁷⁸ FISCHER, Joachim. Introdução. In: LUTERO, Martinho. A respeito do Papado em Roma contra o Celeberrimo Romanista de Leipzig. In: *Obras selecionadas*. São Leopoldo. Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2. p. 199.

exteriormente onde está essa Igreja no mundo são o Batismo, o Sacramento (a Ceia do Senhor) e o Evangelho, e não Roma, este ou aquele lugar.⁷⁹

Uma pessoa não se torna cristã por pertencer à instituição Igreja ou se submeter às suas lideranças eclesiais, mas tão somente pela fé nas promessas de Cristo. “[...] a igreja é fundamentalmente uma reunião de crentes, não uma instituição ordenada divinamente com poderes e autoridade sagrados garantidos exclusivamente ao seu clero.”⁸⁰ Lutero não negou a legitimidade e a necessidade da Igreja enquanto instituição organizada. Contudo, a Igreja não é definida por sua estrutura, liderança e ritos. Tudo isso faz parte da Igreja externa e visível. Porém, a Igreja externa não tem sentido e relevância se não estiver comprometida com o Evangelho e nele fundamentada. A Igreja é formada por pessoas que respondem pela fé à mensagem do Evangelho. “Porque nem tu nem eu jamais poderíamos saber algo a respeito de Cristo ou crer nele e conseguir que seja nosso Senhor, se o Espírito não no-lo oferecesse e presenteasse o coração pela pregação do Evangelho.”⁸¹

Seria um erro usar as posições de Lutero para defender um movimento anti-eclesial. O que Lutero combateu foi a noção de que a simples obediência à Igreja Católica Romana e, portanto, ao papa como líder da cristandade, faria que uma pessoa se tornasse cristã. Para o reformador, uma pessoa se tornava cristã pela fé em Cristo, o verdadeiro cabeça e líder da Igreja. Portanto, a tarefa da cristandade não é governar as pessoas, mas levá-las ao arrependimento e declarar-lhe o perdão de Deus.⁸² Isso acontece quando a Igreja proclama as Escrituras de forma clara, testemunhando simultaneamente os mandamentos e promessas de Deus.

Quando, pois, a pessoa aprendeu sua impotência por meio dos preceitos e já ficou ansiosa quanto a como satisfazer a lei [...], então, realmente humilhada e reduzida a nada aos seus olhos, não encontra em si mesma aquilo pela qual possa ser justificada e salva. Neste ponto se faz presente a outra parte da Escritura – as promessões de Deus.⁸³

Neste sentido, a Igreja, como comunidade de crentes, é chamada e orientada a viver e testemunhar publicamente a fé que a faz existir e a sustenta em todas as

⁷⁹ LUTERO, Martinho. A respeito do papado em Roma contra o celeberrimo romanista de Leipzig. *In: Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2. p. 215-216.

⁸⁰ MCGRATH, 2012, p. 57.

⁸¹ LUTERO, Martin. Catecismo maior do Dr. Martinho Lutero. *In: Obras selecionadas: Vida em comunidade, ministério, culto, sacramentos, visitação, catecismos, hinos*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016. v. 7. p. 395.

⁸² FISCHER, 2011, p. 198.

⁸³ LUTERO, 2011, p. 440.

suas ações. Portanto, cada pessoa cristã é entendida como um sacerdote diante de Deus, das pessoas e do mundo. [...] “em Cristo, somos todos sacerdotes e reis”.⁸⁴ Para Lutero, a tarefa de compartilhar a mensagem cristã era responsabilidade de todas as pessoas crentes, seja por meio de palavras ou pelo testemunho de vida, no qual a pessoa tem consciência de que tudo o que faz deve apontar para a pessoa e a obra de Jesus Cristo e conduzir à exaltação e glorificação de Deus.⁸⁵ A legitimidade para o sacerdócio de todas as pessoas se dá pela união com Cristo. Lutero explicou essa relação empregando a metáfora do casamento. Na perspectiva bíblica, o casamento une duas pessoas e as torna uma só. Portanto, elas compartilham tudo entre si. O mesmo ocorre no relacionamento da pessoa que crê em Cristo. A pessoa passa a possuir tudo o que pertence a Cristo, e vice-versa. “Cristo é cheio de graça, vida e salvação; a alma está cheia de pecados, morte e condenação. Intervenha agora a fé, e acontecerá que os pecados, a morte e o inferno se tonam de Cristo, e a graça, vida e salvação são da alma.”⁸⁶

O sacerdócio de todas as pessoas crentes está vinculado à comunidade de fé, mas não se restringe a ela. “Esteja, pois, certo e reconheça que qualquer um que se considere cristão: todos somos igualmente sacerdotes, isto é, temos o mesmo poder na Palavra e em qualquer sacramento.”⁸⁷ Deve-se ressaltar, entretanto, que Lutero nunca pretendeu abolir ou deslegitimar o ministério ordenado. Assim como defendeu a extrema relevância do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, o reformador advertiu que “não é lícito que qualquer um faça uso desse poder, a não ser com o consentimento da comunidade ou por chamado de um superior.”⁸⁸

[...] um cristão ordenado exerce sua vocação pastoral na pregação e no ensino. Mas essa instanciação inclui, pelo menos na forma latente, as vocações individuais de todos os cristãos. Esses ouvintes e participantes são os cristãos que exercem suas vocações no mundo. A comunidade de fiéis é concretizada nesses dois sentidos.⁸⁹

Em situação de necessidade e na ausência de uma pessoa ordenada para a função eclesial, a comunidade poderia escolher uma pessoa entre ela para

⁸⁴ LUTERO, 2011, p. 444.

⁸⁵ SCHERER, James A. *Evangelho, Igreja e Reino: estudos comparativos de teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 1991. p. 47.

⁸⁶ LUTERO, 2011, p. 442.

⁸⁷ LUTERO, 2011, p. 417.

⁸⁸ LUTERO, 2011, p. 417.

⁸⁹ JORGENSON, Allen G. Contornos do sacerdócio comum. In: HELMER, Christine (Ed.). *Lutero: um teólogo para os tempos modernos*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 287.

assumir esse ofício, mesmo que não o tenha recebido em razão da ordenação eclesiástica.⁹⁰ Com isso, Lutero procurou desconstruir o antagonismo entre ministério ordenado e o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes.

A principal crítica de Lutero à classe clerical se deu em razão dos abusos cometidos por ela e pela compreensão equivocada de que a ordenação sacerdotal criava uma elite religiosa e uma categoria superior de pessoas cristãs, desqualificando o sacerdócio das pessoas leigas.⁹¹

[...] foi feita injustiça a estes vocábulos: “sacerdote” “clérigo”, “espiritual”, “eclesiástico”, porquanto foram transferidos de todos os demais cristãos para aqueles poucos que agora, por uso prejudicial, são chamados de eclesiásticos.⁹²

A tarefa primordial da pessoa ordenada ao ministério da Igreja é anunciar a Palavra de Deus de modo que, pela fé em Cristo, se promova a liberdade cristã e fomenta o exercício do sacerdócio de todas as pessoas crentes no mundo. “Essa fé nasce e é preservada quando é pregado por que Cristo veio, o que trouxe e concedeu [...] e por que razão todos os cristãos somos reis e sacerdotes”.⁹³ Portanto, a distinção entre a classe clerical e as pessoas leigas se deve apenas em razão do ofício, não sendo possível fazer qualquer outra diferenciação e separação.

E não somos apenas os mais livres reis, mas também sacerdotes em eternidade, o que é bem mais excelente do que ser rei, porque por meio do sacerdócio somos dignos de comparecer perante Deus, orar uns pelos outros e ensinar-nos mutuamente sobre as coisas de Deus. Pois estes são ofícios dos sacerdotes, que de forma alguma podem ser conferidos a algum descrente. Assim, Cristo no-lo conseguiu, se nele cremos, para que, como coirmãos, co-herdeiros e correis, também sejamos seus cossacerdotes, ousando a aparecer perante Deus em confiança [...] orar pelo outro e fazer tudo o que vemos o ofício visível e corporal dos sacerdotes fazer e figurar.⁹⁴

Lutero ampliou assim os horizontes da atividade cristã para além da esfera eclesiástica. O sacerdócio geral foi instituído por Deus em favor de toda a criação e como parte integrante da mesma criação.

⁹⁰ LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão. In: *Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2. p. 282.

⁹¹ MCGRATH, 2012, pg. 57.

⁹² LUTERO, 2011, p. 445.

⁹³ LUTERO, 2011, p. 446.

⁹⁴ LUTERO, 2011, p. 445.

2.2.3 O sacerdócio geral: entre o espiritual e o secular

Uma das estratégias adotadas pela Igreja Católica Romana para se resguardar das críticas e constantes pressões por reformas foi reafirmar a sua autoridade e seu poder. Para isso, enfatizava que a esfera espiritual era superior à esfera secular e que, por esse motivo, a esfera secular estaria sujeita à espiritual. Lutero se ocupou com esse debate no escrito: *À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão*. Para Lutero, a separação entre as esferas espirituais e seculares era um erro gravíssimo. “Donde provem tão grande distinção entre cristãos iguais?”⁹⁵

Inventou-se que o papa, os bispos, os sacerdotes e os monges sejam chamados de estamento espiritual; príncipes, senhores, artesãos e agricultores, de estamento secular. Isso é uma invenção e fraude muito refinada. [...] todos os cristãos são verdadeiramente de estamento espiritual, e não há qualquer diferença entre eles a não ser exclusivamente por força do ofício.⁹⁶

Pelo batismo, toda pessoa cristã faz parte da esfera espiritual, independente do ofício que ela desempenhe. “Como pois o poder secular é batizado como nós, tem a mesma fé e Evangelho, temos que deixá-lo ser sacerdote e bispo e considerar seu ofício que pertence à comunidade cristã e lhe é útil.”⁹⁷

Assim a visão dicotômica de mundo entre a esfera secular e espiritual não se sustentava, uma vez que a Escritura descreve a Igreja em termos orgânicos e numa relação de codependência. “Todos somos um corpo, porém, cada membro tem a sua própria função, com a qual serve aos outros.”⁹⁸

Um sapateiro, um ferreiro, um lavrador, cada um tem o ofício e a ocupação próprios do seu trabalho. Mesmo assim todos são sacerdotes e bispos ordenados de igual modo, e cada qual deve ser útil e prestativo aos outros com seu ofício ou ocupação, de modo que múltiplas ocupações estão voltadas para uma comunidade, para promover corpo e alma, da mesma forma como os membros servem todos um ao outro.⁹⁹

No entendimento de Martinho Lutero, todas as atividades humanas no mundo são realizadas em cooperação com Deus a fim de proteger, manter e promover o

⁹⁵ LUTERO, 2011, p. 285.

⁹⁶ LUTERO, 2011, p. 282.

⁹⁷ LUTERO, 2011, p. 283.

⁹⁸ LUTERO, 2011, p. 282.

⁹⁹ LUTERO, 2011, p. 284.

desenvolvimento de toda a criação. Assim, tanto a esfera secular quanto a espiritual servem aos propósitos de Deus. Ambas dependem uma da outra, servem uma à outra e convergem para o propósito redentor de Deus. A vida cristã não deveria se basear numa relação puramente vertical e individual com Deus, mas no compromisso e no serviço ao mundo e as pessoas. “[...] não pode acontecer que ela (a pessoa cristã) seja ociosa nesta vida e sem obra a favor de seus próximos.”¹⁰⁰

O reformador se valeu das doutrinas dos dois reinos e dos três estamentos para articular as implicações práticas da sua reflexão na realidade concreta. Ao se ocupar com a doutrina dos dois reinos, Lutero destacou a inter-relação entre os reinos secular e espiritual, visto que Deus é Senhor e Soberano sobre ambos.¹⁰¹ Ainda que seja importante reconhecer que há uma diferença entre os dois por causa da função que cada reino representa, trata -se “das duas maneiras distintas com que Deus lida com o mundo pecador: por um lado com o evangelho que dá o Espírito Santo, por outro com a lei que externa e reprime as consequências do pecado”.¹⁰² Mesmo quando a autoridade secular não é exercida necessariamente por pessoas cristãs, ela ainda serve aos propósitos de Deus.

[...] os dois reinos não se diferenciam à maneira de duas leis conflitantes e concorrentes, mas pelo fato de serem constituídos pela lei e evangelho. Conhecendo a distinção de lei e evangelho de Lutero, não se pode mais incorrer no erro de achar que o reino de Cristo, no qual o evangelho rege, nada tenha a ver com a lei e que aquilo que no reino do mundo se faz passar por lei já fosse, como tal, lei de Deus.¹⁰³

Já a doutrina dos três estamentos, que correspondem à Igreja, economia (regime doméstico) e política, reflete a maneira como o reformador interpretou a proto-história bíblica, na perspectiva da teologia da criação, teologia do pecado e ética social. “Esses estamentos de Deus perpassam todos os reinos ao redor do mundo e permanecerão até o fim do mundo.”¹⁰⁴

Essa é a instituição da igreja, antes que houvesse economia e política [...]. A Igreja é instituída sem muros e sem qualquer pompa, num lugar amplo e agradável. Depois de instituição da Igreja, organiza-se também o regime

¹⁰⁰ LUTERO, 2011, p. 452.

¹⁰¹ EBELING, 1988, p. 149.

¹⁰² EBELING, 1988, p. 146.

¹⁰³ EBELING, 1988, p. 150.

¹⁰⁴ BAYER, 2007, p. 88.

doméstico [...]. A organização política é o remédio necessário para a natureza corrompida.¹⁰⁵

O mundo passa a ser visto como parte da boa criação de Deus, apesar de estar corrompido pelo pecado. “É verdade, a criação é boa”¹⁰⁶, de modo que, a pessoa cristã é desafiada à uma atuação propositiva no mundo, a serviço da criação, conforme o propósito divino.

Nesse sentido, o “pertencer” aos três estamentos excede o mero “existir” em perspectiva passiva no mundo, mas implica “ser para” através dos estamentos. Do “ser para”, em particular, da pessoa cristã, deriva o tema da ética cristã. Nessa perspectiva, esta análise objetiva compreender o ser humano feito, pela fé em Cristo, cooperador com Deus no “ser para”. Através da cooperação do ser humano, Deus governa o mundo por meio de seus dois regimentos, isto é, o espiritual e o secular.¹⁰⁷

Assim, a relação da pessoa cristã com o mundo, com base nas doutrinas dos dois reinos e dos três estamentos, se dá na perspectiva da sua existência *Coram Deo*, ou seja, uma vida que se realiza diante da face de Deus. A compreensão ontológica de pessoa passa a ser definida a partir de uma “unidade e totalidade do ser humano na sua existência diante de Deus”.¹⁰⁸ A pessoa cristã participa e interage com a realidade concreta em resposta a Palavra de Deus, que julga e liberta a sua consciência e determina a sua identidade e vocação no mundo.

Ser pessoa, nessa linha de raciocínio, significa assumir a incumbência que Deus nos conferiu frente ao mundo, executar o serviço que nos coube, realizar, como instrumento de Deus, a obra de Deus para a qual fomos destinados nesse mundo, e mais: por incumbência e em representação de Deus, usar a autoridade, valer-nos da competência, dizer o que nos foi confiado. [...] a vida cristã como tal, como testemunho com a palavra de fé, é um cargo e uma incumbência.¹⁰⁹

Com base na doutrina bíblica do sacerdócio geral, a pessoa cristã é chamada a se envolver com o mundo, não se isolando dele, postura diferente do que incentivava a ética monástica, duramente criticada por Lutero, que pregava o distanciamento do mundo e o não envolvimento com responsabilidades consideradas seculares. A opção pela vida monástica e pelo celibato representavam um estado espiritual elevado e muito mais nobre do que constituir família e ter uma ocupação considerada secular e

¹⁰⁵ LUTERO, Martinho. Interpretação do Antigo Testamento. *In: Obras selecionadas: textos selecionados sobre Gênesis*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2020. v. 12, p. 134-135.

¹⁰⁶ LUTERO, 2020, p. 135.

¹⁰⁷ WACHHOLZ, 2017, p. 16.

¹⁰⁸ BELEING, 1988, p. 158.

¹⁰⁹ EBELING, 1988, p.161.

mundana. “Introduziram no mundo abusos pervertidos das palavras, e com isso taparam a boca de todo o mundo e os seduziram, para que espiritual fosse chamado de secular, e secular fosse chamado de espiritual.”¹¹⁰

Embora Lutero não negasse o direito de uma pessoa optar pelos votos monásticos, muito menos defendesse a extinção dos mosteiros, o ponto básico do reformador era que a vida monástica não deveria ser superestimada como um modo de vida espiritualmente superior em detrimento do matrimônio e outras ocupações, considerados seculares. “A ideia de que a vida monástica é superior e mais perfeita que as vocações comuns é oposta aos mandamentos de Deus, que se referem a todos os cristãos da mesma maneira.”¹¹¹

A fé pode perfeitamente fazer uso de todas as coisas [...] exceto a incredulidade e seus frutos. Pois estes são diretamente contrários à fé e a tornam impossível; no mais, tudo o que possibilita a fé se torna inofensivo, puro, santo, proveitoso e salutar por meio da fé, de modo que o crente pode lidar com essas coisas e conviver com elas sem perigo. [...] para o cristão o mundo inteiro é salutar, puro, útil e proveitoso.¹¹²

Nesse sentido, o matrimônio, bem como outras ocupações e responsabilidades ditas como seculares, são tão espirituais, e por vezes, até mais espirituais, porque refletem o propósito e a vontade de Deus para a pessoa humana e o mundo. Diferente de uma vida centrada num relacionamento privado e individualizado com Deus, desconectado da realidade e do mundo, aquelas ocupações e responsabilidades simples e consideradas menos dignas, quando realizadas na perspectiva da fé, resultam na exaltação a de Deus e, por isso, devem ser consideradas tão espirituais quanto qualquer outra.

Diz-me: Se um homem fosse lavar as fraldas ou realiza-se qualquer outro serviço desprezível na criança, e todos zombassem dele, dizendo que é um babaca e afeminado; no entanto, se ele o fizesse [...] na fé cristã – dize-me, agora, quem zomba mais do outro? Deus se alegra com todos os anjos e criaturas, não porque o [pai] lava as fraldas, mas por fazê-lo na fé. Aqueles zombadores, porém, que enxergam apenas a obra, mas não a fé, zombam de Deus e de toda a criatura como os maiores tolos da terra [...].¹¹³

¹¹⁰ LUTERO, Martinho. Da vida matrimonial. *In: Obras Seleccionadas: Ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 5. p. 197.

¹¹¹ HÄGGLUND, 1999, p. 202.

¹¹² LUTERO, LUTERO, Martinho. O sétimo capítulo de S. Paulo aos Coríntios. *In: Obras Seleccionadas: Ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 5. p. 212.

¹¹³ LUTERO, 1995, p.177.

Para Lutero, o contexto familiar é um espaço privilegiado no qual o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes se torna efetivo, pois “o melhor de tudo que a vida matrimonial proporciona, e por amor ao qual se deveria sofrer e fazer tudo, é que Deus dá fruto e ordena criá-lo para o serviço de Deus.”¹¹⁴ É primordialmente nesse espaço que a pessoa cristã tem a oportunidade de compartilhar a fé e praticar o serviço amoroso às pessoas. “[...] o estado matrimonial não é apenas de proveito para o corpo, o bem, a honra e alma do indivíduo, mas também para cidades países inteiros [...]”¹¹⁵ A atuação cristã no mundo se torna um desdobramento do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes que começa no âmbito familiar.

Por aí percebes que o quanto o estado matrimonial é rico em boas obras, pois Deus coloca em seu seio as almas geradas do próprio corpo e nas quais podem praticar todas as obras cristãs. Pois, sem dúvida, pai e mãe são apóstolo, bispo e pastor das crianças, anunciando-lhes o Evangelho. Em resumo, não existe autoridade maior e mais nobre na terra do que a dos pais sobre os filhos, visto que têm autoridade espiritual e secular sobre eles. Quem ensina o Evangelho aos outros é, sem dúvida, seu apóstolo e bispo. Mitras e báculos e grande possessões bem que fazem ídolos, mas ensinar o Evangelho faz apóstolos e bispos.¹¹⁶

Martinho Lutero procurou superar a visão equivocada que promovia a separação entre as esferas seculares e espirituais. As implicações das reflexões de Lutero desafiam a pessoa cristã à uma atuação no mundo de modo que se promova o Evangelho de Jesus Cristo em todos os lugares e contextos. A fé não se resume a uma experiência puramente mística e privada, restrita a espaços sagrados. O testemunho da pessoa cristã se dá de maneira livre e, ao mesmo tempo, comprometido com o serviço amoroso às pessoas e no cuidado com a criação como um todo. A presença cristã no mundo serve como um sinal visível da ação poderosa e redentora de Deus no mundo, que busca estabelecer o seu reino de justiça e paz. Lutero evidencia essa compreensão na sua explicação da oração do Pai Nosso. A petição do Pai Nosso pela vinda do reino de Deus conecta a pessoa cristã com o propósito de Deus e, por meio da vida e do testemunho da comunidade cristã no mundo, pretende-se que o nome de Deus seja louvado em toda a parte.¹¹⁷

[...] que isso tome efeito entre nós, e que destarte seu nome seja exaltado pela santa Palavra de Deus e por uma vida cristã, tanto para que nós, que a aceitamos, nisso permaneçamos e diariamente progridamos, como também

¹¹⁴ LUTERO, 1995, p.181.

¹¹⁵ LUTERO, 1995, P. 180.

¹¹⁶ LUTERO, 1995, p. 181.

¹¹⁷ SCHERER, 1991, p. 45.

a fim de que alcance assentimento e adesões entre outros homens [...] a fim de que, trazidos pelo Espírito Santo, virem ao reino de graça e se tornem partícipes da redenção. Para que, dessa maneira, todos juntos fiquemos eternamente em um só Reino, agora principiado.¹¹⁸

O reino de Deus permeia todas as esferas da realidade humana, tanto a secular quanto a espiritual. Martinho Lutero compreendia que o reino de Deus é uma realidade presente e futura, uma experiência pessoal na fé e um evento público, que na perspectiva do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, aponta para uma dimensão cósmica da ação redentora de Deus.¹¹⁹ Não existe em toda a criação, divisas e espaços restritos, que delimitem a presença e a ação graciosa e poderosa de Deus.

2.3 O SACERDÓCIO GERAL E A MISSÃO DE DEUS NO MUNDO NA TEOLOGIA DE MARTINHO LUTERO

A reflexão sobre a temática da missão cristã na teologia de Martinho Lutero suscita diferentes posições entre especialistas em missão e historiadores da Igreja. Ao longo dos mais de 500 anos, a compreensão sobre a missão da Igreja e as implicações para a atuação cristã no mundo, no contexto da tradição luterana, passou por inúmeras mudanças e descontinuidades, sendo difícil determinar um fator unificador.¹²⁰ Há quem argumente que Lutero negligenciou o assunto da missão e que não apresentou nenhuma contribuição relevante para o tema.¹²¹ Possivelmente, essa afirmação se deve a um conceito específico do que significa a atividade missionária cristã. Contudo, afirmar “que os reformadores não possuíam uma visão missionária [...] é interpretar equivocadamente o impulso básico de sua teologia e ministério.”¹²²

[...] a redescoberta de alguns temas bíblicos pela linha principal de reformadores estabeleceria as bases teológicas para uma nova visão de missão: a salvação pela graça mediante a fé, *sola Scriptura* (“somente a Escritura”), o sacerdócio de todos os cristãos, o chamado dos cristãos ao mundo, a realeza de Cristo e uma estrutura criação-queda-redenção mais histórica.¹²³

¹¹⁸ LUTERO, 2016, p. 407.

¹¹⁹ SCHERER, 1991, p. 45.

¹²⁰ SCHERER, 1991, p. 41.

¹²¹ PRILL, Thorsten. Martin Luther and evangelical mission: father or failure? *Foundation*, Cambridge, n. 73, 2017, p. 21.

¹²² BOSCH, 2014, p. 299.

¹²³ GOHEEN, Michael W. *A missão da igreja hoje: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas*. Viçosa: Ultimato, 2019. p. 112.

Um estudo que busque identificar princípios e conceitos missiológicos na teologia de Martinho Lutero deve considerar o contexto histórico em que surgiram as reflexões teológicas do reformador. Ignorar as realidades históricas e religiosas no contexto da Reforma pode induzir a erros e levar a uma falsa compreensão do entendimento de Lutero sobre a relevância da atividade missionária da Igreja cristã.

O movimento da Reforma se desenvolveu num contexto em que a cristandade ocidental havia alcançado sua maior expansão e influência antes do período colonial, de modo que os reformadores estavam mais preocupados com a renovação da Igreja do que a necessidade de um engajamento missionário.¹²⁴

[...] as preocupações primordiais da Reforma luterana era a renovação da fé e a reforma da Igreja com base na Escritura e no ensinamento evangélico. Embora a compreensão reformatória do Evangelho viesse mais tarde a ter implicações cruciais para a atividade missionária evangélica, a evangelização mundial ainda não estava no primeiro plano das preocupações.¹²⁵

A tarefa primordial da Igreja, de acordo com Lutero, consiste em anunciar o Evangelho, pois somente ele tem o poder de suscitar a fé em Cristo e promover a reconciliação entre a pessoa pecadora e Deus. Para o historiador da missão luterana Gustav Leopold Plitt (1836-1880), Lutero pode ser considerado o pai da missão evangélica, pois o reformador dedicou sua vida e todos os seus esforços no sentido de resgatar a pregação do Evangelho. A Igreja tem a tarefa de comunicar a Escritura em todos os lugares e contextos, mas para que a Igreja seja fiel a essa tarefa, ela precisa estar alicerçada no Evangelho de Jesus Cristo.¹²⁶

[...] a distorção da mensagem do evangelho tinha levado à degeneração da missão, transformando-a em propaganda eclesiástica, a conversões forçadas, cruzadas papais e métodos não evangélicos, a obediência de Lutero à ordem missionária significava o reestabelecimento da Igreja sobre seu único verdadeiro fundamento em Jesus Cristo.¹²⁷

Lutero entendia o pecado como falta de confiança em Deus e conseqüente auto encurvamento da pessoa que se fecha em si mesma. Nesse caso, para Lutero o conceito de fé não tem a ver com crer ou não na existência de Deus, mas com a plena confiança nas promessas de Deus, que salva e liberta a pessoa do seu auto encurvamento e alienação em relação a Deus. A fé nasce como resultado do anúncio

¹²⁴ SCHERER, 1991, p. 41.

¹²⁵ SCHERER, 1991, p. 42.

¹²⁶ SCHERER, 1991, p. 44.

¹²⁷ SCHERER, 1991, p. 44.

da Palavra de Deus e permite que a pessoa cristã assuma uma nova postura diante da vida, em que ela não permanece mais encurvada e fechada em si mesma, mas se volta para Deus, para o mundo e para as demais pessoas.

Toda a vida cristã passa a ser entendida a partir dos propósitos de Deus, não centrada no egoísmo presente na humanidade caída. A fé, conseqüentemente, compromete a pessoa com o exercício do sacerdócio de todas as pessoas crentes e com o testemunho do Evangelho, pois “é a fé que, sozinha, torna todas as outras obras boas, agradáveis e dignas pelo fato de confiar em Deus e não duvidar que, perante ele, tudo que a pessoa fizer está bem feito.”¹²⁸

Destaca-se novamente aqui o entendimento de Lutero sobre a identidade e vocação da Igreja. Para o reformador, a Igreja não deve ser concebida simplesmente como uma instituição, mas como uma comunidade de pessoas cristãs, que surge como resultado da fé em Cristo e que vivem a partir dessa fé. Assim, um princípio missiológico extremamente relevante no pensamento de Lutero é o reino de Deus, do qual as pessoas fazem parte em razão da fé. O reino de Deus se estabelece no mundo como resultado da ação redentora de Deus, e não como um esforço resultante de um projeto eclesial. A Igreja é instrumento para a concretização do reino, e não o objetivo final do reino.

Mas o que significa o reino de Deus? Resposta: outra coisa não é senão o que ouvimos acima, no Credo: que Deus enviou ao mundo a Cristo, seu filho, nosso SENHOR, para que nos redimisse e libertasse do poder do diabo e nos levasse a ele e nos governasse como rei da justiça, da vida e da bem-aventurança, contra o pecado, a morte e a má consciência. Para tanto nos deu o seu Espírito Santo, que nos convencesse disso mediante a sua santa palavra, e por seu poder nos iluminasse e fortalecesse a fé.¹²⁹

Nesse sentido, a Igreja é essencialmente missionária, uma vez que ela é fruto da proclamação da palavra, sendo “uma congregação peculiar no mundo, congregação esta que é a mãe que gera e carrega cada cristão mediante a palavra de Deus.”¹³⁰ A Igreja é enviada ao mundo para dar testemunho da palavra de Deus, ao mesmo tempo em que é capacitada e inspirada pelo poder do Espírito Santo, que

¹²⁸ LUTERO, 2011, p. 104.

¹²⁹ LUTERO, 2016, p. 407.

¹³⁰ LUTERO, 2016, p. 395.

a cria e mantém, de tal modo que onde está a palavra de Deus, também está o Espírito Santo que gera a fé.¹³¹

Por isso, todas as pessoas cristãs são responsáveis por compartilhar o Evangelho.¹³² Segundo Lutero, qualquer pessoa cristã teria a incumbência de pregar e ensinar o Evangelho, pois a missão de Deus não é um projeto meramente institucional, mas orgânico e dinâmico. “Lutero vê a Igreja, juntamente com palavra de Deus e todo crente batizado, como instrumentos divinos cruciais para a missão.”¹³³

A pregação do Evangelho deve alcançar as pessoas não cristãs, bem como as pessoas cristãs que estiverem vivendo no erro. Mesmo que nem todas as pessoas cristãs tenham sido chamadas para esse ofício, isso deveria ser feito em virtude do dever fraterno.¹³⁴ O Evangelho não deve ser apresentado de forma impositiva e muito menos terá a adesão de todas as pessoas. “A proclamação universal do evangelho, e não a conversão do mundo inteiro, é a expectativa de Lutero.”¹³⁵

Isso é coerente com a convicção de Lutero de que “a palavra de Deus nunca está sem o povo de Deus”. A palavra dinâmica, ativada pelo Espírito Santo, tem poder para envolver a terra e engendrar a fé em qualquer lugar. A igreja missionária que resulta da pregação do evangelho também envia o evangelho ao mundo. Cada crente batizado – o sacerdote leigo que vive no mundo – testemunha mediante a sua vocação. Essa é a tríade missionária informal de Lutero – Palavra, Igreja e crente – que possibilita à missão de Deus dispensar agentes missionários especiais.¹³⁶

A própria interpretação bíblica não seria mais uma tarefa exclusiva do magistrado da Igreja, mas de toda comunidade cristã. “Por isso, cabe a cada cristão assumir a fé, de forma a compreendê-la e defendê-la, bem como condenar todos os erros.”¹³⁷

Com base na doutrina do sacerdócio universal dos crentes, Lutero insistia que todo cristão tem o direito de interpretar a Bíblia e questionar qualquer aspecto do ensinamento ou da prática da igreja que pareça inconsistente com a Bíblia. Não existem nenhuma autoridade “espiritual” distinta daquela que o cristão comum tem, nem superior a ela que possa impor determinadas leituras da Bíblia à igreja. O direito de ler e interpretar é direito de nascimento de todo cristão.¹³⁸

¹³¹ LUTERO, 2016, p. 396.

¹³² PRILL, 2017, p. 27.

¹³³ SCHERER, 1991, p. 44.

¹³⁴ BOSCH, 2014, p. 299.

¹³⁵ SCHERER, 1991, p. 46.

¹³⁶ SCHERER, 1991, p. 48.

¹³⁷ LUTERO, 2011, p. 287.

¹³⁸ MCGRATH, 2012, p. 58.

Essas posições de Lutero promoveram não somente a democratização da leitura e interpretação bíblica, mas contribuíram significativamente para uma visão muito mais profunda e propositiva do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, numa perspectiva missionária. Elas oferecem possibilidades para que a Palavra de Deus possa agir plenamente na vida da Igreja. Uma vez que a Palavra de Deus está acessível a toda pessoa cristã, cabe a cada pessoa assumir a tarefa de promover o encorajamento, conforto, edificação e a disciplina umas das outras, em benefício de toda a Igreja e do mundo.¹³⁹

Percebe-se assim que, na compreensão de Lutero, a missão da Igreja consiste, essencialmente, em anunciar o Evangelho de Cristo, não apenas como um discurso, mas a partir de uma vida orientada pelo mesmo Evangelho. Conseqüentemente, o anúncio do Evangelho não deve estar confinado ao templo, mas se torna testemunho público por meio da vida e das relações, em meio às ocupações cotidianas. Não existe separação entre espaço sagrado e profano, pois o Evangelho permeia todas as áreas da vida e se torna uma manifestação visível do reino de Deus e do seu propósito redentor para o mundo. A missão e o testemunho público de fé da pessoa cristã buscam promover a fé, agradecimento e louvor a Deus, ressaltando sempre de novo que isso não deve ser feito de maneira impositiva ou autoritária, mas como um convite ao mundo em resposta a mensagem da cruz. “A pessoa e obra de Jesus Cristo é o centro do anúncio e testemunho cristão.”¹⁴⁰ Nesse sentido, Karl Holl (1866-1926) observou impulsos importantes e orientações precisas para a compreensão da missão na teologia de Lutero.

Ao comentar sobre a compreensão de Igreja de Lutero, segundo a qual a Igreja é essencialmente missionária em sua natureza e o sacerdócio leigo implica em engajamento missionário, Holl também observou a concepção sensível do reformador a respeito dos costumes e das culturas, a qual não permitia uma transferência servil de padrões e valores europeus para áreas de missão. Costumes e hábitos populares locais tinham de receber seu lugar legítimo. Converter pessoas da idolatria para a fé no Deus vivo nada tinha a ver com imposição de regras eclesiásticas ou rituais de caráter legalista!¹⁴¹

Toda a vida cristã se desenvolve a partir da confiança em Deus e a relação com o mundo é fruto dessa confiança, mostrando-se por meio do testemunho público.

¹³⁹ ANIZOR, Uche, VOSS, Hank. *Representing Christ: A vision for the priesthood of all believers*. Downers Grove: IVP Academic, 2016. E-book (178 p.).

¹⁴⁰ SCHERER, 1991, p. 49.

¹⁴¹ SCHERER, 1991, p. 49.

Lutero exemplifica isso a partir da sua explicação sobre os dez mandamentos. A pessoa cristã se firma no primeiro mandamento do decálogo e, em confiança em Deus, se ocupa com as demais áreas da vida na perspectiva de que todos os outros mandamentos estão vinculados ao primeiro. “Com a nova obediência Lutero visa sobriamente o âmbito no qual estamos colocados, o âmbito da justiça mundana liberta da preocupação com a salvação.”¹⁴²

Assim, o exercício do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes transcende a ideia de uma piedade religiosa fechada para o mundo e enclausurada dentro das paredes da Igreja. Sob essa perspectiva, o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes se volta para a atuação cristã no mundo, pois a “fé transparece na vida cotidiana do cristão e lhe indica o rumo a ser tomado”.¹⁴³ A criação e todas as pessoas estão inseridas no plano maior da ação graciosa e misericordiosa de Deus, que busca salvar e restaurar a sua criação das consequências da queda e do pecado, sem distinção.

Deus está no processo de levar a criação à consumação que planejou para ela; em consequência, ele é um Deus amoroso que deseja a realização e não a destruição da criação; a ação adequada para pessoas que desejam glorificar Deus e ser obedientes aos propósitos dele é viver uma vida que se dê para o mundo e até para a morte, se necessário for, para que o mundo venha a conhecer seu destino nas mãos de um Deus amoroso e deixe esse destino governá-lo.¹⁴⁴

A missão e o testemunho do Evangelho não são, portanto, atividades que acontecem a partir de um programa específico da Igreja, mas como parte de sua própria natureza, que determina como ela existe e como ela interage com as pessoas e com o mundo. Não há distinção entre pessoas leigas e a classe clerical, entre a esfera espiritual e secular, entre o mundano e o sagrado, porque todas estão servindo à missão e propósito de Deus para a humanidade e o mundo como um todo.

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

O tema do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero representa um grande desafio e permanece extremamente atual para a reflexão teológica e para a missão da Igreja cristã. A riqueza do material e as várias

¹⁴² BAYER, 1997, p. 36.

¹⁴³ FISCHER, 2011, p. 99.

¹⁴⁴ HEFNER, 2002, p. 232.

ênfases propostas pelo reformador oferecem inúmeras oportunidades para aprofundar vários aspectos da doutrina bíblica, como se percebe no desenvolvimento da pesquisa apresentado até aqui.

O princípio fundamental para Lutero é que o sacerdócio geral resulta da fé que une a pessoa com Cristo. A doutrina bíblica da justificação pela fé perpassa toda a reflexão teológica do reformador sobre tema. O sacerdócio geral promove o desencarceramento da experiência religiosa ao romper com as estruturas hierárquicas e desafia a pessoa cristã a uma interação propositiva e positiva com o mundo e o contexto no qual está inserida. Toda pessoa batizada é chamada a viver o sacerdócio e servir aos propósitos de Deus no mundo. Com isso, Martinho Lutero não invalidou o ministério ordenado, mas desconstruiu a concepção hierárquica da experiência religiosa. Ao mesmo tempo em que procurou superar a categorização e a distinção da experiência humana entre as esferas secular e religiosa, santa e profana, entre pessoas sacerdotes e leigas.

A pessoa cristã vive no mundo em cooperação com Deus, a partir do propósito amoroso do Deus. O criador não deseja apenas manter a sua criação, mas age no sentido de conduzi-la à restauração e à redenção de todas as consequências da queda e rebelião humana. Essa é a mensagem central do Evangelho que aponta para a cruz de Cristo.

A comunidade cristã, presente no mundo, é chamada a anunciar e testemunhar em todos os lugares e contexto, a mensagem do Evangelho, tanto com palavras como com a própria vida. A Igreja não deveria ser reduzida a uma instituição fechada em si mesma e voltada para o seu próprio interesse e preservação. Na perspectiva da doutrina bíblica do sacerdócio geral, Lutero define a Igreja como uma comunidade que reúne pessoas que creem em Jesus e serve como instrumento de Deus para a divulgação do Evangelho e promoção do reino de Deus no mundo.

Consequentemente, o testemunho e a missão da Igreja não ocorrem de forma impositiva, arrogante e autoritária. Através de uma vida que reflete o Evangelho, a pessoa cristã se ocupa de tudo e com todas as coisas como vocação e serviço amoroso a Deus, às pessoas e ao mundo. A partir de uma fé viva e ativa, que promove a Cristo em todas as áreas da vida, o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes se torna o meio eficaz e impactante de anunciar o Evangelho. Por meio desse sacerdócio, o nome de Deus é exaltado e glorificado em todos os tempos e lugares.

3 O SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES E A IGREJA MISSIONAL

A partir do século XX, a reflexão sobre a identidade e vocação missionária da Igreja cristã recebeu um novo impulso que ajudou a redefinir o paradigma missionário anteriormente estabelecido. Até então, a missão da Igreja era compreendida como uma tarefa que envolvia levar o Evangelho a outros contextos culturais, onde não havia ainda presença de pessoas cristãs. Com isso, negligenciava-se a necessidade da vivência e testemunho público do Evangelho de Jesus Cristo no contexto imediato em que a Igreja e as pessoas cristãs estavam inseridas. O sacerdócio geral de todas as pessoas crentes foi substituído pela atuação de pessoas devidamente preparadas e especializadas para atuar como missionárias em contextos transculturais. A tarefa da Igreja e das demais pessoas cristãs era o de dar apoio financeiro e suporte espiritual para a atuação missionária em contextos geográficos distantes.

O Evangelho de Jesus Cristo não é um produto de exportação, mas uma mensagem que compromete as pessoas cristãs com os atos salvíficos de Deus, considerando a humanidade e a criação como um todo e em todos os lugares. A vida cristã é baseada na fé, no compromisso com o Evangelho e seu testemunho, tanto nas relações com as pessoas quanto nas atividades e ocupações do dia a dia, onde quer que a pessoa cristã esteja. A Igreja cristã não é missionária apenas quando envia pessoas para trabalhar em contextos geograficamente distantes, mas é missional quando prepara e envia pessoas cristãs como testemunhas do Evangelho de Jesus Cristo em seu contexto local. Nesse sentido, a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero e o conceito de Igreja missional encontram possibilidades de diálogo e convergência.

3.1 DEFINIÇÃO DE IGREJA MISSIONAL

Elaborar uma definição precisa e conclusiva sobre a identidade e a vocação da Igreja, que contemple as múltiplas e variadas compreensões presentes na tradição cristã, é um dos grandes desafios que se impõe à teologia. Isso se deve a natureza dinâmica e orgânica da Igreja de Cristo.

O desafio [...] é o do caráter incompleto intrínseco ao processo de autodefinição da Igreja. Ela não pode atingir um caráter doutrinário final ao descrever a si mesma porque nunca para de crescer e porque não existe um único conjunto de critérios, imagens ou modelos de Igreja que pode preservar tudo o que ela deseja preservar.¹⁴⁵

Nos primeiros séculos da tradição cristã, grandes esforços foram feitos para estabelecer e sistematizar os elementos fundamentais da fé cristã. Como resultado, surgiram as primeiras confissões de fé, também conhecidas como credos ecumênicos. Nessas formulações, buscou-se apresentar uma definição de Igreja que considerasse as muitas formas e conceitos existentes na época. O Credo Niceno, datado do ano de 325, define a Igreja da seguinte maneira: Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.¹⁴⁶ Nessa formulação, percebe-se a ênfase na unidade da Igreja, na sua especificidade como povo redimido de Deus, na descrição da sua vocação e compromisso com o testemunho do Evangelho de Jesus Cristo, enviada ao mundo todo.

Desde então, a interpretação e aplicação dessa definição em vários períodos e segmentos da tradição cristã determinou a compreensão de Igreja e influenciou a forma como as pessoas cristãs se relacionam com o mundo e o contexto em que se encontram. Também é importante reconhecer que acentos teológicos específicos, bem com as diferenças culturais e sociais, igualmente exerceram uma considerável influência na compreensão da identidade e vocação da Igreja. É por isso que, no desenvolvimento da teologia cristã, o tema da eclesiologia tem sido amplamente discutido e frequentemente revisitado.

E nesse contexto de reflexão sobre a identidade e missão da Igreja, a discussão sobre a Igreja missional ganhou destaque e relevância nas últimas décadas.

O debate em torno da palavra missional é relativamente linear, partindo de Karl Barth, na Europa continental, passando pelo bispo e missionário Lesslie Newbigin, no Reino Unido, e chegando aos professores Darrel Guber (Seminário Teológico de Princeton) e George Hunsberger (Seminário Teológico Ocidental).¹⁴⁷

¹⁴⁵ HEFNER, 2002, p. 211-212.

¹⁴⁶ HEFFNER, 2002, p. 213.

¹⁴⁷ CARRIKER, Timóteo. *O que é igreja missional: modelo e vocação da igreja no novo testamento*. Viçosa: Ultimato, 2018. p. 14.

O debate atual sobre o conceito de Igreja missional procura aprofundar a compreensão sobre a identidade da Igreja relacionada à sua responsabilidade e atuação missionárias. Enfatiza a importância do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, levando em conta o compromisso da pessoa cristã com o testemunho público do Evangelho de Jesus Cristo a todas as pessoas e em todos os contextos, e não apenas em lugares e espaços geográficos considerados não cristãos. A análise de alguns aspectos históricos e bíblico-teológicos permite propor uma definição do conceito de Igreja missional e ajuda na reflexão sobre a papel da Igreja cristã contemporânea.

3.1.1 Aspectos históricos

Os registros bíblicos do Novo Testamento destacam a diversidade e a pluralidade presentes nas diferentes comunidades cristãs primitivas. As realidades culturais, sociais e as ênfases teológicas determinavam a identidade de cada comunidade e influenciavam o modelo de atuação e testemunho a partir de cada contexto específico. “[...] a diversidade da Igreja pode ser vista, em termos mais positivos, como parte necessária da penetração da Igreja na existência humana.”¹⁴⁸ Nesse contexto, enquanto algumas comunidades mantinham laços estreitos com a cultura judaica, outras eram mais influenciadas pelo mundo greco-romano. A unidade e a cooperação entre as diferentes comunidades se davam por causa do Evangelho de Jesus Cristo e não pelos vínculos institucionais e organizacionais. “A característica de unicidade da Igreja assenta-se, em última análise, na natureza de Deus e no correlativo relacionamento da Igreja com Deus.”¹⁴⁹

O estilo de vida das pessoas cristãs era determinado pelo Evangelho e se evidenciava pelo compromisso e senso de responsabilidade coletivos com o testemunho de fé à todas as pessoas e em todos os lugares. “Ministérios divergentes não eram vistos como incompatíveis com a unidade do evangelho e de todos aqueles que nasceram do evangelho.”¹⁵⁰ Firmadas e inspiradas na pessoa e obra de Jesus

¹⁴⁸ HEFFNER, 2002, p. 215.

¹⁴⁹ HEFFNER, 2002, p. 214.

¹⁵⁰ CARRIKER, p. 21.

Cristo, as primeiras comunidades cristãs procuravam encarnar a vida, a espiritualidade e a missão do Deus criador e redentor.¹⁵¹

A igreja primitiva derrubou as barreiras que haviam sido erigidas no mundo antigo entre ricos e pobres, homens e mulheres, escravos e livres, gregos e bárbaros, em uma criativa e desconcertante “impossibilidade sociológica”. Um persuasivo “evangelho de amor e caridade” era praticado em favor dos pobres, órfãos e viúvas, doentes, trabalhadores de minas, presos, escravos e viajantes. [...] o amor perdoador de uns para com os outros e para com seus inimigos testemunhava o poder do evangelho. A vida dos membros de crenças, nutrida e moldada pela história bíblica, capacitava-os a viver como estrangeiros residentes, como luz em um mundo de trevas.¹⁵²

A experiência da fé não era individualizada e muito menos restrita à esfera privada, mas permeava todas as áreas nas quais a vida se desenvolvia. A compreensão de Igreja não estava atrelada a lugares e espaços específicos, onde Deus era adorado e servido em dias e horários predeterminados, embora as reuniões e celebrações comunitárias tivessem um papel importante. Cada pessoa cristã se tornava uma presença real da Igreja em cada canto e lugar, por meio do testemunho público da fé, nas atividades do dia a dia, nas relações interpessoais e com o mundo. Crer e servir a Deus significava “tornar todos os aspectos e dimensões da vida sagrados; família, trabalho, diversão, conflitos, etc., e não limitava a presença de Deus às zonas religiosas.”¹⁵³ Tampouco se promovia uma visão dicotômica do mundo, em que o sagrado e o mundano eram realidades separadas uma da outra. “O monoteísmo bíblico nos ajuda a desenvolver uma perspectiva da vida toda. O dualismo distorce nossa experiência com Deus, com seu povo e com seu mundo.”¹⁵⁴

Com o tempo essa realidade foi se transformando gradativamente. O crescimento e a expansão das comunidades cristãs para outros contextos geográficos colocaram a fé cristã em contato com diferentes culturas e formas de pensar, acentuando a diversidade teológica entre as comunidades cristãs e a necessidade de fortalecimento institucional. A experiência religiosa passou a estar cada vez mais associada a espaços e templos sagrados. Além disso, outros fatores históricos e

¹⁵¹ HIRSCH, Alan. *Caminhos esquecidos: reativando a igreja missional*. Curitiba: Esperança, 2015. p. 103.

¹⁵² GOHEEN, Michael W. *A igreja missional na Bíblia: Luz para as nações*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 24-25.

¹⁵³ HIRSCH, 2015, p. 104.

¹⁵⁴ HIRSCH, 2015, p. 104.

ambientais fizeram com que a espiritualidade cristã se voltasse mais para a realidade transcendente em detrimento da imanente.¹⁵⁵

Já no período da Reforma Protestante no século XVI, e pós-Reforma, o distanciamento entre os diferentes segmentos e confissões cristãs levou não apenas a controvérsias e debates teológicos, mas também a muitas guerras e conflitos. No mundo Ocidental, a delicada e complexa relação entre Igreja e Estado contribuiu para que guerras envolvendo diferentes confissões cristãs causassem morte e destruição, com enormes prejuízos para o testemunho da fé cristã.

Durante um período demasiadamente longo, guerras religiosas desmantelaram a Europa. [...] Em 1648, a Paz da Vestefália encerrou uma das mais bárbaras guerras religiosas na história europeia. Durante as três décadas anteriores, os estados luteranos, calvinistas e católicos-romanos haviam se combatido, encharcando o continente com sangue de cristãos mortos por outros cristãos.¹⁵⁶

Todos esses fatores influenciaram a reflexão sobre a identidade e a missão da Igreja cristã. Em boa medida, a reflexão se concentrou mais no caráter apologético, institucional e confessional.¹⁵⁷ Enfatizaram-se conceitos que contribuía para a defesa dos acentos doutrinários, da validação institucional e da legitimação dos poderes políticos.

Ainda no contexto ocidental, além das guerras religiosas, a ambivalência entre a modernidade e a religião contribuiu para que a fé cristã fosse reduzida a um aspecto puramente individual e privado, afetando consideravelmente a atuação cristã no mundo, à luz do Evangelho de Jesus Cristo.¹⁵⁸ Perdeu-se, em boa medida, a dimensão da reponsabilidade pessoal do testemunho público do Evangelho. Desconectou-se o Evangelho da vida ordinária, transformando-o num mero produto de exportação. Testemunhar o Evangelho, por um longo período na história, significava transportar a mensagem cristã para outras culturas e lugares em que a fé cristã ainda não estava presente.

Missão dizia respeito, sobretudo, à expansão geográfica da fé cristã do Ocidente cristão ao não Ocidente não cristão. [...] Essa visão de missão levou

¹⁵⁵ Por exemplo, a ética monástica medieval ajudou a desenvolver uma visão mais “espiritualizada da Igreja e da vida cristã”. Práticas e disciplinas consideradas “espirituais” foram superestimadas, enquanto a inserção e a interação da pessoa cristã com o mundo foram vistas como uma subcategoria da atividade cristã.

¹⁵⁶ GOHEEN, 2014, p. 28.

¹⁵⁷ GOHEEN, 2014, p. 22.

¹⁵⁸ GOHEEN, 2014, p. 30.

a vários problemas. A missão da igreja é reduzida a levar o evangelho a lugares onde ele não é conhecido.¹⁵⁹

Como já exposto, a responsabilidade de comunicar o Evangelho se tornou uma atividade para pessoas e grupos específicos, devidamente especializados para essa função. Isso trouxe inúmeras implicações para a compreensão de Igreja e o exercício do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes.

Esse cenário começou a mudar à medida que um movimento crescente de Igrejas cristãs, de diferentes tradições e confissões, passou a se ocupar intensamente com o tema da missão da Igreja e a atuação cristã no mundo. “Durante o século 19, a missão era entendida como uma tarefa [...] da Igreja. No século 20 [...] missão não é simplesmente uma tarefa da Igreja, mas algo central para sua própria natureza e existência.”¹⁶⁰

Um esforço colaborativo no campo da teologia começou a ganhar forma, procurando resgatar a compreensão da natureza universal e missionária da Igreja. A reflexão sobre a eclesiologia deixou de ter um caráter meramente confessional e institucional, buscando recuperar a visão de que a “Igreja é constituída pela atividade de proclamar e corporificar as intenções redentoras do Deus Uno em todos os lugares e tempos, atingindo todas as espécies e condições de pessoas.”¹⁶¹

Berkhof analisa o desenvolvimento histórico da eclesiologia, nessa perspectiva, da seguinte forma:

O aspecto institucional da Igreja dominou a história da igreja ocidental, enquanto a ênfase na comunidade evolui apenas a partir do tempo de Reforma. Hoje, o movimento missionário e a secularização do Ocidente enfatizam a importância de recuperar a dimensão da orientação da Igreja para o mundo. A reflexão teológica sobre essa orientação externa da eclesiologia desenvolveu-se nos círculos missionários ao longo do século 20, mas não penetrou a teologia oficial, exceto em Karl Barth.¹⁶²

Nessa perspectiva, o debate sobre os conceitos de Igreja “missionária” e “missional” ganhou relevância. Os termos missional e missionário aplicados à atuação da Igreja cristã são parecidos, contudo, eles sugerem uma distinção necessária. O termo missional é usado para destacar a essência da Igreja, que é tornar o Evangelho de Jesus Cristo conhecido por todas as pessoas e em todos os contextos. Essa

¹⁵⁹ GOHEEN, 2019, p. 62.

¹⁶⁰ GOHEEN, 2019, p. 62.

¹⁶¹ HEFNER, 2002, p. 213.

¹⁶² BERKHOF, 1979 *apud* GOHEEN, 2019, p. 67.

responsabilidade é delegada pelo próprio Deus às pessoas cristãs, deixando de ser uma atividade institucionalizada.

A literatura sobre a igreja missional usa essa palavra para se referir à identidade da igreja como instrumento de transformação do mundo, especialmente em seu círculo mais imediato. A mesma literatura usa a palavra missionário para se referir também à identidade da igreja como instrumento de Deus na transformação do mundo, mas em contextos mais distantes.¹⁶³

Mesmo que pareça sutil a diferença entre os conceitos “missional” e “missionária”, essa distinção contribuiu para uma mudança significativa no que diz respeito à reflexão sobre a atuação da Igreja e das pessoas cristãs no mundo, com implicações importantes para o resgate da relevância do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. Como mencionado anteriormente, até o início do século XX prevaleceu o entendimento de que a cultura ocidental era totalmente cristã e a tarefa e responsabilidade da Igreja consistiam na expansão geográfica da fé para outros contextos não cristãos. Cristianizar outras culturas definia o caráter missionário das Igrejas e das pessoas cristãs. Embora essa seja uma tarefa importante da Igreja, ou seja, compartilhar o Evangelho com todas as pessoas e em todos os contextos, em especial nos lugares onde o Evangelho ainda não é conhecido, o conceito de Igreja missional resgata a importância e necessidade do testemunho público da fé de todas as pessoas cristãs em seu contexto imediato.

O adjetivo “missional” se instalou para se referir especialmente ao engajamento das comunidades locais em alcançar pessoas de fora da igreja, mas que tinham contato com seus membros. [...] dizer que uma igreja é missional significa dizer simplesmente que ela exerce sua vocação missionária no contexto em que está inserida.¹⁶⁴

Portanto, todas as pessoas cristãs são chamadas a servir e se envolver com a causa do Evangelho de Jesus Cristo, por meio do seu anúncio verbal e por meio de atos de misericórdia e amor ao próximo.

[...] a igreja deve ser entendida em termos de seu caráter triplo: primeiro, a Igreja é uma instituição, uma totalidade de estruturas para e atividades; em seguida, é uma comunidade, uma totalidade de relações pessoais que compartilham a salvação de maneira coletiva; e, por fim, é uma totalidade de influências no mundo como sal e fermento.¹⁶⁵

¹⁶³ CARRIKER, 2018, p. 14.

¹⁶⁴ CARRIKER, 2018, p. 9.

¹⁶⁵ GOHEEN, 2019, p. 67.

Uma Igreja que é missional e missionária reconhece o seu compromisso e responsabilidade com o testemunho público da fé cristã e se dedica à proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, servindo aos propósitos de Deus, todos os dias da semana e em todos os espaços, sejam eles públicos ou privados. “Nosso lugar na narrativa bíblica é encarnar a boa notícia de que Deus está restaurando a criação.”¹⁶⁶

Tal compreensão representa um grande desafio para a Igreja cristã em nosso tempo, uma vez que ela é chamada a assumir a sua identidade e vocação não só quando envia pessoas como missionárias para outros contextos, mas quando ela própria assume a sua identidade e responsabilidade missional no seu contexto local.

A igreja não é a soma de indivíduos que se vinculam uns aos outros baseados em interesses religiosos que compartilham entre si. A partir da perspectiva do Novo Testamento, a igreja ocupa um lugar central na história da salvação, porque é a comunidade testemunha do propósito de Deus em Jesus Cristo. Seu testemunho é essencialmente encarnacional.¹⁶⁷

Recupera-se, assim, uma visão holística da vida e da experiência religiosa, em que a Igreja não existe apenas quando se reúne em lugares, dias e horários predeterminados. A Igreja se faz presente em cada canto e lugar, em cada dia da semana, mesmo quando não está reunida, pois ela se manifesta por meio de cada pessoa que vive e compartilha a mensagem do Evangelho por meio das suas ocupações diárias, a partir de uma vida orientada pelo Evangelho de Jesus Cristo.

3.1.2 Aspectos bíblico-teológicos

A compreensão de Igreja missional surge com base na influência de muitas pessoas e movimentos que propuseram importantes reflexões sobre os temas da eclesiologia, cristologia e soteriologia, e que procuraram conectar esses temas com a atuação e o testemunho de fé das pessoas cristãs no mundo. Seja no contexto europeu, norte-americano, latino-americano e asiático, diferentes pessoas refletiram sobre temas como a teologia pública, teologia da missão e teologias contextuais. Todas essas ênfases acabaram contribuindo para o incremento do debate sobre o conceito de Igreja missional.

¹⁶⁶GOHEEN, Michael W.; BARTOLOMEW, Craig G. *Introdução cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*. São Paulo: Vida, 2016. p. 109.

¹⁶⁷PADILLA, C. René. Uma eclesiologia para a missão integral. *In: PADILLA, C. René; COUTO, Péricles [Orgs.]. Igreja: agente de transformação*. Curitiba: Aliança, 2011. p. 55.

Como não será possível detalhar e determinar todas essas influências, dentre os muitos nomes que poderiam ser citados, destacam-se três teólogos que são reconhecidamente relevantes para a definição de Igreja missional. Contudo, ao longo do capítulo, outros acentos e conceitos teológicos poderão ser identificados e pontuados.

O primeiro nome a ser mencionado é o do teólogo e pastor suíço Karl Barth (1886-1968). Barth levantou fortes questionamentos contra a teologia do seu tempo,¹⁶⁸ discordando do senso teológico predominante que considerava a experiência da fé cristã como um elemento restrito à realidade espiritual e privada da vida humana.¹⁶⁹ Para Barth, a fé e a vida cristã decorrem das ações reconciliadoras de Cristo que unem a pessoa cristã à Igreja, que é "a comunidade viva de nosso Senhor Jesus Cristo",¹⁷⁰ e a desafia ao serviço e testemunho público do Evangelho de Jesus Cristo no mundo. A identidade e a vocação da Igreja são, na verdade, uma resposta às ações de Deus.¹⁷¹

Deus revela a si mesmo, e assim a revelação é recebida e apreciada pela humanidade no e através do poder do Espírito e, como resultado, estabelece-se uma comunidade que dá seguimento ao testemunho daqueles que testemunharam a autorrevelação de Deus como atestado na Sagrada Escritura [tradução nossa].¹⁷²

Desta forma, a reflexão sobre a eclesiologia, na proposta de Barth, ultrapassa os limites confessionais e institucionais e desafia as pessoas cristãs a participarem ativamente em todos os espaços públicos no sentido de promover e partilhar a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo. A responsabilidade primordial da pessoa cristã no mundo é apontar para Cristo, seja por meio do seu testemunho comunicativo ou por ações concretas.¹⁷³ "A verdadeira comunidade de Cristo, como o próprio Cristo, existe para o mundo."¹⁷⁴

¹⁶⁸ HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Porto Alegre: 1999. p. 343.

¹⁶⁹ ZEFERINO, Jefferson. Estudos sobre Karl Barth e teologia pública. *Revista de cultura teológica* da PUCSP, São Paulo, n. 97, set./dez. 2020. p. 298.

¹⁷⁰ MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte: Os teólogos protestantes e ortodoxos*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 43. 2 v.

¹⁷¹ BENTLEY, Wessel. Karl Barth's understanding of mission: The Church in relationship. *Verbum et Ecclesia* University of Pretoria, South Africa, v. 30, n. 1, 17 July 2009. p. 26.

¹⁷² BENTLEY, 2009, p. 26. "God reveals Godself, and so the revelation is received and appreciated by humanity in and through the power of the Spirit and, as a result, a community is established that continues the witness of those who have testified to God's self revelation as attested in Holy Scripture."

¹⁷³ BENTLEY, 2009, p. 32.

¹⁷⁴ MODIN, 1980, p. 45.

Iluminada e sustentada pelo Espírito Santo, ela foi enviada ao mundo para prestar testemunho de Jesus Cristo diante de todos os homens, para proclamar que a aliança entre Deus e o homem por ele restabelecida constitui o significado último da história, que se concluirá com o seu retorno.¹⁷⁵

Portanto, a Igreja não deveria ser entendida como um agrupamento de pessoas que vivem a sua fé de modo privado e particular, mas como uma comunidade de pessoas que creem na mensagem do Evangelho de Jesus Cristo e testemunham a ação redentora de Deus através de suas palavras e ações, tornando-se solidária com o mundo em suas dores, ajudando-o a realizar o seu destino.¹⁷⁶

Os meios com os quais a Igreja exerce o seu ministério são a palavra e a ação. À palavra pertencem a adoração, a pregação, a instrução e a ação. À ação pertencem a oração, a cura das almas, o diaconato ou serviço em benefícios daqueles que necessitam e a ação profética. Todos esses ministérios implicam em reponsabilidades por parte da comunidade, tanto em seu componente clerical como no seu componente leigo. Os membros da igreja têm dons e funções diferentes, mas nenhum está autorizado a ficar de “braços cruzados”.¹⁷⁷

Numa linha muito próxima à de Karl Barth, o teólogo e missiólogo britânico Lesslie Newbigin (1909-1998) propôs uma eclesiologia intimamente relacionada com o que Deus está fazendo na história do mundo e em toda a criação.¹⁷⁸ Segundo Newbigin, a “Igreja é uma consequência natural ao ministério de Jesus Cristo.”¹⁷⁹ A Igreja cristã existe no mundo com o objetivo de proclamar o Evangelho de Jesus Cristo, que envolve o “anúncio de todos os atos salvíficos de Deus para a salvação da humanidade e de toda a criação.”¹⁸⁰

[...] a missão não é, em primeiro lugar, uma ação nossa. É uma ação de Deus, o Deus trino – do Deus Pai, que está incessantemente em ação em toda a criação e no coração e na mente de todos os seres humanos, quer eles o reconheçam ou não, conduzindo graciosamente a história em direção do seu verdadeiro fim; do Deus Filho, que se tornou parte desta história criada na encarnação, e do Deus, Espírito Santo, que é dado como uma antecipação do fim para capacitar e ensinar a igreja e para convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo.¹⁸¹

¹⁷⁵ MODIN, 1980, p. 43.

¹⁷⁶ MONDIN, 1980, p. 45.

¹⁷⁷ MONDIN, 1980, p. 43.

¹⁷⁸ DA CUNHA, Gladson Pereira. Um povo para todos os povos: elementos introdutórios à eclesiologia trinitária de Lesslie Newbigin. *ATEo PucRio*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 68, jul./dez. 2021. p. 456-457.

¹⁷⁹ DA CUNHA, 2021, p. 457.

¹⁸⁰ DA CUNHA, 2021, p. 458.

¹⁸¹ NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma sociedade pluralista*. Viçosa: Ultimato, 2016. p. 177.

Lesslie Newbigin enfatizou um aspecto importante da soteriologia bíblica, mostrando o aspecto efetivo da redenção como uma ação de Deus que busca não apenas salvar a alma humana, mas considera a pessoa em sua integralidade e, ao mesmo tempo, toda a criação de Deus.¹⁸² “A solidariedade da Igreja para com o todo da criação é parte constitutiva de sua natureza missionária, a qual não pode ser negada, sob o risco de grave contradição ou mesmo de não identificação como corpo de Cristo.”¹⁸³

Neste ponto, percebe-se que Newbigin está rompendo com uma longa e conhecida tradição presente no cristianismo, o dualismo, que diferentemente do proposto nas Sagradas Escrituras, no que diz respeito à teologia da criação e mesmo da antropologia: a confissão da existência de uma unidade essencial.¹⁸⁴

As implicações desse entendimento para a atuação cristã no mundo incentivam à uma postura ética que se baseia na confiança no governo amoroso de Deus sobre todas as pessoas e toda a criação. “[...] a igreja deve existir não para si mesma e não para os seus membros, mas como sinal, agente e antecipação do reino de Deus”.¹⁸⁵

Segue-se que o principal papel da igreja em relação às grandes questões de justiça e paz não estará nas suas declarações formais, mas na sua ação contínua de alimentar e sustentar homens e mulheres que agirão de maneira responsável como cristãos na medida em que cumprem seus deveres seculares como cidadãos.¹⁸⁶

Por fim, cabe ainda destacar as contribuições do teólogo contemporâneo Michael W. Goheen que explorou os temas centrais da teologia sob a perspectiva de uma hermenêutica missional. Goheen propõe uma reflexão missional para a teologia¹⁸⁷ e sugere que as teologias missionais da Ásia, África do Sul e da América Latina representam um desafio às teologias não missionais do Ocidente.

Seguindo o teólogo sistemático Martin Kahler, que argumentou, em 1908, que na Igreja primitiva a missão era a mãe da teologia, Bosch acredita que os primeiros teólogos da Igreja “escreviam teologia em prol da missão”, e que isso “é o que está acontecendo na África hoje”. Da mesma forma, Johannes Aagaard diz que na Ásia “a teologia, de certa forma, tornou-se missiologia,

¹⁸² DA CUNHA, Gladson Pereira. A trindade como chave-de-leitura da realidade no pensamento teo-missiológico de Lesslie Newbigin. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 46, n. 02, jul./dez. 2020. p. 159.

¹⁸³ DA CUNHA, 2021, p. 467.

¹⁸⁴ DA CUNHA, 2021, p. 468.

¹⁸⁵ NEWBIGIN, 2016, p. 178.

¹⁸⁶ NEWBIGIN, 2016, p. 182.

¹⁸⁷ GOHEEM, 2019, p. 73.

enquanto, ao mesmo tempo, a missiologia tornou-se teologia. [...] As teologias latino-americanas – católicas, evangélicas, libertacionistas – também são frutos de missão, uma vez que a igreja tem procurado considerar seu contexto de injustiça e opressão com o evangelho. Bosch conclui [...] que “as teologias do Terceiro Mundo são *missionárias*, enquanto as teologias do Primeiro Mundo não o são” e, assim, espera que “as teologias do Terceiro Mundo venham a se tornar uma força de renovação do Ocidente.”¹⁸⁸

A eclesiologia desenvolvida a partir de uma hermenêutica missional, segundo Goheen, evidencia a necessidade de uma desconstrução da visão de Igreja meramente institucional e fechada em si mesma, ao mesmo tempo em que ressalta a importância de uma consciência bíblica de que a Igreja existe para o mundo e atua em favor do mundo como um todo.

Ao longo da história da Igreja, a obra da salvação realizada por Deus muitas vezes era reduzida a sua obra na igreja e para a igreja [...]. E assim, a Igreja é entendida em termos do que acontece dentro das quatro paredes da igreja institucional e não em termos do seu chamado missional.¹⁸⁹

A legitimidade do caráter institucional da Igreja não deve ser completamente rejeitada e ignorada. No entanto, assim como Karl Barth, Goheen argumenta que uma perspectiva dualista que separa a esfera religiosa e privada da vida pública pode causar enormes danos à atuação cristã no mundo e, portanto, à missão da Igreja.¹⁹⁰

O termo “missional”, portanto, lembra a igreja de que ela deve estar orientada para o mundo e permanecer fiel à sua identidade como agente da missão de Deus e participante na história de Deus. Somente quando a igreja é uma encarnação fiel do reino como parte da cultura ao seu redor – mas em contraposição à sua idolatria – é que sua vida e palavras produzirão um testemunho atraente e convincente a favor das boas-novas de que em Jesus Cristo um novo mundo é chegado e está chegando.¹⁹¹

A exemplo de Newbigin, a eclesiologia proposta por Goheen prioriza uma visão ampla e holística da cristologia e da soteriologia. Segundo G. C. Berkouwer, “um egocentrismo soteriológico” tem ignorado a intenção cósmica da redenção realizada por Jesus Cristo, conforme o testemunho das Sagradas Escrituras.¹⁹² Para Goheen, a individualização da fé, em especial no contexto da teologia protestante “é o resultado da ‘profunda personalização da fé cristã’ que aconteceu na Reforma”¹⁹³ e que se intensificou a partir do Iluminismo.

¹⁸⁸ GOHEEN, 2019, p. 73.

¹⁸⁹ GOHEEN, 2019, p. 83.

¹⁹⁰ GOHEEN, 2019, p. 84.

¹⁹¹ GOHEEN, 2014, p. 21.

¹⁹² BEROUWER, 1972 *apud* GOHEEN, 2019, p.75.

¹⁹³ GOHEEN, 2019, p. 76.

Tal compreensão não repudia o que a Bíblia diz sobre a nova terra; ela simplesmente a ignora. A perspectiva cósmica simplesmente não é assimilada [...]. É como se a perspectiva da criação fosse obliterada na escatologia e se tornasse supérflua por causa da salvação individual.¹⁹⁴

O caminho necessário para se evitar essa personalização do Evangelho e o prejuízo à missão da Igreja passa justamente pela compreensão de que a obra redentora de Jesus Cristo abrange toda a criação de Deus.

Portanto, o evangelho é uma mensagem de que, na pessoa e obra de Jesus Cristo e nos eventos de sua vida, morte, ressurreição e ascensão, Deus revelou e realizou o objetivo da história de redenção narrada no Antigo Testamento: a restauração de toda a criação e a integridade da vida humana para, mais uma vez, viver sob o governo de Deus.¹⁹⁵

Assim, os fundamentos bíblico-teológicos do conceito de Igreja missional permitem compreender que a tarefa da Igreja cristã não é apresentar a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo de maneira impositiva e colonialista, mas identificar e reconhecer o que Deus está fazendo no mundo. Uma visão abrangente da obra e da redenção realizada por Jesus Cristo permite que as pessoas cristãs reconheçam a obra de Deus no mundo e se tornem cooperadoras com ele, comprometidos com o cuidado responsável de toda a criação e com vista à restauração completa da boa criação de Deus.

3.2 O SACERDÓCIO GERAL DE TODAS AS PESSOAS CRENTES E A IGREJA MISSIONAL

A Igreja cristã, por meio do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, dá testemunho da sua fé no com base no Evangelho de Jesus Cristo e proclama o governo soberano e amoroso de Deus sobre toda a criação, através da sua inserção e interação com o mundo, vivendo com intencionalidade o discipulado cristão. “Nas Escrituras, a igreja é uma fraternidade criada pelo Deus da graça, integrada por todos os que foram chamados do mundo para pertencer a Cristo, e enviada ao mundo para dar testemunho dessa graça.”¹⁹⁶ Igreja, missão e sacerdócio geral de todas as pessoas crentes são conceitos essenciais e fortemente entrelaçados na teologia

¹⁹⁴ BEROUWER, 1972 *apud* GOHEEN, 2019, p.75.

¹⁹⁵ GOHEEN, 2019, p. 77.

¹⁹⁶ QUIROZ, Pedro Arana. A missão integral no entrelaçamento de graça, mundo e igreja. *In*: PADILLA, C. René; COUTO, Péricles (Orgs.). *Igreja: Agente de transformação*. Curitiba: Aliança, 2011. p. 147.

bíblica. No entanto, como já mencionado anteriormente, essa interrelação nem sempre foi considerada de maneira apropriada ao longo da história.

Com a institucionalização da igreja, nos primeiros séculos do cristianismo, começa a apresentar-se uma diferença nítida entre clérigo e leigos. Os primeiros eram os que exerciam, especificamente e exclusivamente o ministério na igreja. Os outros, os leigos, constituíam o povo em geral, entendido como *laos* de Deus. É impossível não perceber a contradição implícita em tal dicotomia, pois se de um lado encontramos os que são clero, diferenciados dos leigos, entendidos como “membros do povo de Deus”, onde se localizam os do clero?¹⁹⁷

Não é à toa que, em meio aos debates eclesiológicos do período da Reforma, o tema do sacerdócio comum de todos os crentes foi tratado com tanta ênfase pelos reformadores, especialmente por Martinho Lutero.

Falar do sacerdócio de todos os crentes significava reintroduzir a ideia de que cada pessoa cristã tem a vocação e a responsabilidade de servir a Deus, de estar ativamente envolvida na obra de Deus no mundo, rompendo, dessa forma, com o conceito de que os crentes “comuns” eram simplesmente “menores” e “objetos” imaturos do ministério eclesiástico.¹⁹⁸

O mesmo ocorre no debate atual sobre a Igreja missional. A doutrina bíblica do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes ocupa um lugar de suma importância, uma vez que ela provoca reflexões pertinentes no que diz respeito a compreensão da Igreja como povo de Deus, a serviço de Deus no mundo. Assim, destaca-se a relevância de que cada pessoa cristã encarne a mensagem do Evangelho para dentro da sua própria cultura e realidade. “A Igreja é o povo de Deus vivendo de acordo com o propósito de Deus em todo o espectro de suas vidas.”¹⁹⁹

3.2.1 A Igreja como povo de Deus, a serviço de Deus no mundo, numa perspectiva missional

A atuação cristã no mundo é determinada pelo Evangelho de Jesus Cristo. A vivência e o testemunho do Evangelho se dão por meio de palavras e ações concretas que apontam para o propósito redentor de Deus e que envolve toda a sua criação.

¹⁹⁷ ROLDÁN, Alberto Fernando. O sacerdócio de todos os crentes e a missão integral. *In*: PADILLA, C. René; COUTO, Péricles (Orgs.). *Igreja: Agente de transformação*. Curitiba: Aliança, 2011. p. 114-115.

¹⁹⁸ BOSCH, 2014, p. 297.

¹⁹⁹ “The church is God’s people living as God intends across the whole spectrum of their lives.” GOHEEN, Michael W.; MULLINS, Jim. *The symphony of mission: playing your part in God’s work in the word*. Grand Rapids: Baker Academic, 2019. p. 27

Numa perspectiva missional, esse compromisso dá sentido e razão à existência da Igreja cristã, não apenas como uma instituição, mas como povo de Deus no mundo em relação ao mundo.²⁰⁰ “A imagem é de um povo que segue o seu destino para o qual Deus o chamou, confiante na fidelidade de Deus em guardá-lo e preservá-lo.”²⁰¹ Esse é um dos princípios essenciais para o exercício do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, do ponto de vista de uma teologia missional, uma vez que cada pessoa cristã é desafiada a assumir um estilo de vida que encarna o plano universal de Deus para toda a criação, não sendo essa uma tarefa restrita à uma categoria de pessoas devidamente incumbidas ou pertencentes a uma elite espiritual distinta.

Nesse sentido, a reflexão missional acerca da compreensão bíblica do conceito de povo de Deus, aplicado tanto à imagem de Israel como posteriormente às comunidades das pessoas seguidoras de Jesus Cristo, encorajam ao exercício efetivo do sacerdócio geral. No contexto de Israel, a imagem de povo está relacionada com a ação libertadora de Deus da escravidão no Egito e os feitos poderosos de Deus que culminaram no estabelecimento das famílias de Israel na terra prometida. Israel, enquanto povo liberto e conduzido por Deus em sua história, serve como testemunha aos outros povos da terra. Já a imagem de povo relacionada aos discípulos e discípulas de Jesus, do qual fazem parte pessoas de diferentes grupos, realidade social e culturas, revela que a ação reconciliadora e libertadora de Deus ultrapassa as fronteiras geográficas e étnicas. As testemunhas oculares da pessoa e obras de Jesus Cristo dão testemunho do que ouviram, viram e experimentaram. “A igreja é um povo que testemunha e um povo de pessoas que testemunham.”²⁰²

Desde o início da história bíblica, o povo de Deus havia sido chamado para andar nos caminhos do Senhor, para viver de acordo com o propósito e ordem que Deus tinha em mente para a vida humana com a criação. [...] Seu povo é chamado a viver a vida que Deus pretende a todos.²⁰³

Deus formou para si mesmo um povo não para desfrutar de privilégios ou se tornar uma classe superior e separada do mundo. Ao invés disso, esse povo foi chamado a existir para o benefício e serviço, em favor do mundo. “O fundamental para

²⁰⁰ CARRIKER, 2018, p. 13.

²⁰¹ HEFNER, 2002, p. 223.

²⁰² QUIROZ, 2011, p. 149.

²⁰³ GOHEEN, 2014, p. 120.

que a igreja cumpra a sua missão [...] não é uma hierarquia, mas uma comunidade de dons que se complementam entre si e contribuem igualmente para o bem comum.”²⁰⁴

[...] uma igreja que se volta para o mundo porque considera que sua missão não é outra que amar o mundo como Deus amou em Jesus Cristo; uma igreja que reconhece a vigência da totalidade dos carismas do Espírito, os quais habilitam os membros do corpo a desenvolver uma ação missionária integral; uma igreja que tem como objetivo não a proclamação de si mesma, mas a proclamação do reino de Deus e a sua justiça em todas as esferas da vida espiritual, pessoal, familiar, social e política.²⁰⁵

Trata-se de um povo que aponta com a sua vida e testemunho para o Deus ao qual serve e no qual crê, adotando um estilo distintivo de viver e servir. Nesse sentido, o caráter comunitário se torna uma marca fundamental para a Igreja numa perspectiva missional. A Igreja existe e atua no mundo como povo, não como pessoas individualizadas, encurvadas em si mesmas, que buscam e preconizam os seus próprios interesses.

Os discípulos de Jesus não se distinguem por serem meros adeptos de uma religião – um culto a Jesus –, mas por um estilo de vida que reflete amor e a justiça do reino de Deus. A missão da igreja, portanto, não pode se limitar a proclamar uma mensagem de “salvação da alma”: sua missão é “fazer discípulos” que aprendem a obedecer ao Senhor em todas as circunstâncias da vida diária, tanto privadamente como em público, tanto no pessoal como no social, tanto no espiritual como no material.²⁰⁶

O modo de vida colaborativo e interdependente combina a imagem de povo com a figura do corpo humano, enfatizando ainda mais o aspecto essencial do exercício geral do sacerdócio de todos os crentes. No corpo, cada membro é importante e cada um desempenha uma tarefa em benefício de todo o corpo. A Igreja “é a extensão e continuação de Cristo neste mundo. [...] Cristo é o cabeça do corpo que a Igreja se torna. O mandato da Igreja [...] é ser a presença de Cristo no mundo.”²⁰⁷ Numa perspectiva missional, é justamente esse aspecto apresentado na teologia bíblica do Novo Testamento, que enfatiza a ligação e a união da Igreja com Cristo, que confere legitimidade para o exercício do sacerdote geral de todos os crentes, enquanto povo de Deus atuando no mundo.

[...] igreja missional é uma comunidade do povo de Deus que define a si mesma e organiza a sua vida em torno do seu real propósito de ser um agente

²⁰⁴ PADILLA, 2011, p. 66.

²⁰⁵ ROLDÁN, 2011, p. 134.

²⁰⁶ PADILLA, 2011, p. 52.

²⁰⁷ HEFNER, 2002, p. 223.

da missão do Senhor para o mundo. [...] A missão de Deus flui diretamente por meio de todo cristão e de toda comunidade de fé [...].²⁰⁸

Assim, para que o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes se torne efetivo no mundo, cabe às pessoas cristãs evitarem a tentação de se isolar em guetos, adotando costumes, rituais e linguagem desvinculados da cultura ao seu redor. Para que a Igreja obtenha êxito ao comunicar a sua mensagem de forma compreensível e relevante ao contexto em que está inserida, ela precisa desenvolver a capacidade de contextualizar a sua mensagem e ser coerente em seu testemunho. “A missão do povo de Deus sempre será pensada em determinado contexto em determinado momento.”²⁰⁹ Isso exige que as pessoas cristãs estejam sensíveis e abertas a interagir com a cultura, identificando e reconhecendo o agir de Deus, que transcende os espaços religiosos e permeia o mundo todo. Goheen argumenta que, do ponto de vista missional, “a igreja precisa assumir uma postura de solidariedade com a sua cultura. A igreja sempre viverá o evangelho inserida em algum ambiente cultural. A igreja precisa sentir-se em casa no seu ambiente cultural.”²¹⁰

Ao mesmo tempo, o compromisso da Igreja e das pessoas cristãs com o Evangelho de Jesus Cristo desafia à consciência e postura críticas em relação a cultura, uma vez que as consequências da queda e da rebelião humana contra o Criador criam sistemas e estruturas de injustiça, opressão e morte.

Se a igreja se sentir ao mesmo tempo em casa e em desacordo com sua cultura, ela será, por um lado, uma comunidade contracultural que se posiciona contra as tendências espirituais que conduzem à morte em sua cultura. Por outro lado, ela será uma comunidade relevante que adota e celebra as correntes da vida criacionais com as quais está sintonizada.²¹¹

Desse modo, o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes numa perspectiva missional desafia a Igreja no sentido de uma atuação no mundo que visa ao testemunho encarnacional e contextualizado do Evangelho de Jesus Cristo, considerando a cultura e a realidade de vida das pessoas.

²⁰⁸ HIRSCH, 2015, p. 89.

²⁰⁹ GOHEEN, 2019, p. 95.

²¹⁰ GOHEEN, 2014, p. 252-253.

²¹¹ GOHEEN, 2014, p. 253.

3.2.3 Testemunho encarnacional e contextualização

O desafio prático para o testemunho do Evangelho de Jesus Cristo em todos os lugares e contextos envolve conhecer as pessoas, as realidades culturais e sociais em que a Igreja se encontra. “[...] uma hermenêutica missional começa com uma análise precisa do contexto sociocultural, interage com as narrativas bíblicas abrangentes e, finalmente, revê as categorias teológicas.”²¹²

Newbiggin aponta o aspecto prático da contextualização. Esse é o aspecto chave para o seu conceito de contextualização. Os membros da igreja são um fator determinante para o sucesso do “encontro missionário” entre o Evangelho e a cultura. Ele argumenta que as ações da comunidade local são fundamentais para a pregação do Evangelho ter impacto na sociedade. Newbiggin incentiva congregações locais para irem além das paredes da igreja e se familiarizar com as pessoas, fazer parte da cultura delas, e demonstrar o reino de Deus na sociedade.²¹³

O paradigma essencial da contextualização da mensagem cristã é o Deus encarnado. Em Jesus Cristo, o próprio Deus se tornou pessoa humana, entrou na realidade da sua criação, participando e interagindo diretamente com o contexto cultural e histórico, vivenciando a realidade humana em sua integralidade com o objetivo de revelar o seu propósito redentor.

[...] o ensinamento de Jesus não foi nem mera, nem particularmente doutrinário ou teórico, mas prático e paradigmático. Em outras palavras, sua pedagogia consistiu em nada mais que seu exemplo e ação, uma vez que, por meio dos quais, ele transmitia os valores do reino de Deus encarnados em si mesmo.²¹⁴

Trata-se assim, de um modelo encarnacional do Evangelho e que se torna o paradigma para o exercício do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. “Esse testemunho encarnacional será sempre contextual; ele tomará forma e será moldado em um contexto cultural específico, de acordo tanto com a época quanto o lugar em que Deus nos coloca.”²¹⁵

A Igreja cristã contemporânea, especialmente no contexto Ocidental, perdeu a capacidade de se comunicar e interagir com a cultura. Isso representa um grande desafio à atuação cristã na sociedade e no mundo, pois a fé cristã se coloca diante de

²¹² CARRIKER, 2018, p. 21.

²¹³ COCCARO, Giuliano Letieri. Pregando num “mar de mudança”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Lesslie Newbiggin. *Tear online*. São Leopoldo, v. 6, n. 1, jan./jun. 2017. p. 8.

²¹⁴ PADILLA, 2011, p. 52.

²¹⁵ GOHEEN; BARTOLOMEW, 2016, p. 109.

uma realidade cultural secularizada e pluralista. Há algum tempo, a mensagem cristã deixou de ter a primazia e exclusividade de crença religiosa. “Na América Latina, teólogos enfatizam, já há bastante tempo, a necessidade de uma avaliação social dos contextos locais, nacionais e globais.”²¹⁶

Se a Igreja busca uma inserção e atuação relevante no mundo, ela precisa aprender a ler e interpretar a realidade ao seu redor para ser bem-sucedida em sua missão e testemunho. Sensibilidade e dedicação ao contexto imediato é tarefa essencial para que as pessoas cristãs possam atuar no mundo e cooperar com a missão e propósito manifestos de Deus.

Elas conhecem o seu contexto, a comunidade em que estão inseridas e as histórias das pessoas dessa comunidade. Por essa razão, são capazes de apresentar claramente as afirmações e o poder de Jesus Cristo à comunidade, por meio de palavras e ações.²¹⁷

Desse modo, a Igreja missional prepara as pessoas cristãs para o sacerdócio geral, de modo que elas sejam capazes de “[...] penetrar em suas complexas realidades culturais para construir pontes. Estar inserido na cultura local para mostrar Cristo na vida diária é fundamental.”²¹⁸ Assim, as pessoas não apenas comunicam o Evangelho de Jesus Cristo, adotando um discurso desconectado da vida, mas elas encarnam o Evangelho, de modo que todo e qualquer envolvimento com as pessoas e com o mundo é impregnado pelo Evangelho.

No entanto, como observado, a contextualização que a Igreja cristã é desafiada a desenvolver precisa ser crítica. Isso significa que a pessoa cristã é chamada a se posicionar contra toda e qualquer forma de injustiça e idolatria que produza morte, opressão e destruição. “[...] a contextualização fiel exige discernimento em três dimensões: (1) propósito da criação, (2) idolatria cultural e (3) potencial curativo.”²¹⁹

A partir disso, o conceito de Igreja missional destaca a extrema relevância do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. Como a comunidade cristã é composta de pessoas, são essas pessoas que fornecem os elementos necessários para a

²¹⁶ CARRIKER, 2018, p. 16-17.

²¹⁷ STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. *Igrejas que transformam o Brasil: Sinais de um movimento revolucionário e inspirador*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017. p. 68.

²¹⁸ STETZER; QUEIROZ, p. 202.

²¹⁹ GOHEEN; BARTOLOMEW, 2016, p. 205.

contextualização adequada da mensagem cristã, à medida que estão mais conectadas à cultura em que estão inseridas. A missão institucional da Igreja, por meio dos seus ministros e ministras ordenadas, é preparar e auxiliar as pessoas cristãs para que expressem a sua fé diante dos desafios diários. “A teologia cristã [...] não será mais simplesmente uma teologia para sacerdotes e pastores, mas também uma teologia para os leigos e suas vocações no mundo.”²²⁰

Segue-se que necessitamos urgentemente de uma teologia do laicato – algo de que apenas os primeiros rudimentos estão agora emergindo. Mas essa teologia também só agora está se tornando possível de novo, na medida em que estamos nos afastando da sombra maciça do iluminismo. Pois uma teologia do laicato pressupõe uma ruptura com a noção, tão fundamental para o iluminismo, de que a esfera privada da vida tem que ser separada da pública.²²¹

Uma Igreja que procura ser missional, considera o contexto local em sua atuação missionária, valorizando a história de vida e a identidade das pessoas com as quais se ocupa. Uma Igreja missional é composta por pessoas que se comprometem com a superação de toda forma de injustiça e decadência. Essa postura de abertura e diálogo permite à Igreja perceber o agir de Deus para além dos seus muros e limites, e desafia a uma cooperação com diferentes movimentos, instituições e até mesmo com diferentes confissões religiosas, tendo em vista a promoção do Evangelho de Jesus Cristo.

A linguagem teológica é aproximativa, polissêmica, capaz de se refazer com o intuito de manter a sua força de convencimento pelo amor e não pela imposição da força. Os quatro Evangelhos, por exemplo, apontam para a riqueza da diversidade de olhares sobre o mesmo Jesus Cristo. Cada um, a seu modo, narra o evento Cristo a partir de um só ponto de vista sem, contudo, negar outras possibilidades de narrações.²²²

Ainda que as ênfases teológicas distintas permaneçam entre os diferentes seguimentos da tradição cristã, a consciência e o compromisso com a vocação missionária da Igreja desafiam ao reconhecimento de que todas as confissões cristãs trabalham por uma causa maior do que a simples manutenção da sua estrutura e suas validações doutrinárias. “Missão é, antes de tudo, a atividade de Deus. O impulso missionário flui do amor de Deus para reconciliar seu mundo alienado.”²²³

²²⁰ MOLTSMANN, 1975 *apud* BOSCH, 2002. p. 558.

²²¹ BOSCH, 2014, p. 564.

²²² CUNHA, Carlos Aberto Mota. Teologia e pensamento decolonial: em busca de novos lugares para a enunciação da fé. *Interações*, Belo Horizonte, v. 16, m. 01, jul./dez. 2021, p. 139.

²²³ GOHEEN, 2019, p. 64.

Poder-se-ia sugerir que a própria diversidade das igrejas é um dom de Deus, que possibilita que todas as espécies e condições de pessoas e grupos se congreguem em torno de Cristo na Igreja, e que, por isso, qualquer forma de unidade que trivialize ou reprima esta diversidade deve ser evitada.²²⁴

No entanto, não se deve confundir contextualização com relativismo. Nenhuma cultura está imune ao abuso e a perversão. É possível encontrar princípios e valores culturais que promovem a injustiça e a dominação, causando prejuízos à dignidade humana, gerando sofrimento, caos e morte. “O evangelho aprova uma ampla diversidade entre as culturas humanas, mas não aprova um relativismo total.”²²⁵

Há bons e maus em todas as culturas e há avanços contínuos em todas as culturas que podem ser criativos ou destrutivos, alinhados com o propósito de Deus como foi revelado em Cristo para todos os seres humanos, ou, então, em desacordo com ele.²²⁶

A postura cristã não pode ser ingênua e muito menos compactuar práticas que não estejam em conformidade com os princípios e valores do Evangelho de Jesus Cristo. Antes, deve denunciá-las e condená-las por contrariar a vontade de Deus. “A igreja é chamada a oferecer o evangelho, em suas palavras e ações a uma comunidade escravizada pela idolatria desumanizadora.”²²⁷

Uma atuação cristã que procura ser contextualizada e encarnacional, por meio do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, não se isola do mundo e da cultura, mas também resiste à tentação da assimilação acrítica da cultura e dos seus ídolos fabricados. “[...] exige que a igreja esteja em sintonia com as necessidades sinceras de seus vizinhos, mas também plenamente consciente das idolatrias culturais que impulsionam a vida humana hoje.”²²⁸ Mesmo que isso não se mostre numa construção religiosa propriamente dita, a cultura tem o poder de fabricar ídolos aos quais as pessoas dedicam sua vida. “Somos integrantes de nossa cultura e, no entanto, como uma comunidade de contraste, desafiamos os espíritos religiosos que são incompatíveis com o reino de Deus.”²²⁹

²²⁴ HEFNER, 2002, p. 215.

²²⁵ NEWBIGIN, 2016, p. 252.

²²⁶ NEWBIGIN, 2016, p. 252.

²²⁷ GOHENN, 2019, p. 263.

²²⁸ GOHEEN, 2019, p. 195.

²²⁹ GOHEEN, 2014, p. 247.

3.3 MARTINHO LUTERO, IGREJA MISSIONAL E SACERDÓCIO GERAL

Ao analisar as contribuições da Reforma Protestante para reflexão da atuação missionária da Igreja, com destaque para a teologia de Martinho Lutero, percebe-se que as visões e conclusões apresentadas por diferentes pessoas diferem de acordo com a compreensão que se tem do que significa a missão da Igreja. Se o entendimento for baseado na lógica predominante até o século XIX, influenciada pelo humanismo, pietismo e iluminismo, que em geral relaciona a tarefa missionária da Igreja, sobretudo, como a divulgação do Evangelho de Jesus Cristo e a cultura de cristandade, em moldes europeus, para contextos não cristãos e “não civilizados”²³⁰, então, pode-se concluir erroneamente que “os reformadores eram indiferentes, se não hostis, à missão.”²³¹

Asseverar que os reformadores não possuíam uma visão missionária [...] é interpretar equivocadamente o impulso básico de sua teologia e ministério. É preciso considerar Lutero, em especial, “um pensador missionário criativo e original”, e deveríamos ler a Bíblia “com os olhos do Martim Lutero missiólogo”.²³²

Nesse sentido, o debate atual sobre a Igreja missional permite uma interação mais propositiva e construtiva com a teologia do reformador Martinho Lutero. Evidentemente, é importante reconhecer que a distância temporal e cultural exige uma análise cautelosa para evitar abusos e distorções. Como o objetivo é relacionar o tema do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero e o conceito de Igreja missional, faz-se necessário reconhecer as dificuldades e possibilidades dessa aproximação.

3.3.1 Dificuldades de aproximação

Logo de início é possível destacar que a principal dificuldade de aproximação da reflexão sobre a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero e o debate atual sobre Igreja missional é o fator espaço-temporal. O contexto histórico, cultural e social em que o movimento reformatório se desenvolveu foi amplo e complexo, muito diferente dos dias atuais. O mundo, em

²³⁰ HOLSTEN, 1953 *apud* BOSCH, 2014, p. 299.

²³¹ BOSCH, 2014, p. 298.

²³² BOSCH, 2014, p. 299.

especial o continente europeu, estava passando por muitas e aceleradas transformações na esfera política, econômica e religiosa. Enquanto diferentes fatores contribuíram com os ideais reformatórios nas esferas religiosa e social, outros fatores também atuaram como limitadores e precisam ser considerados quando se avalia os fundamentos teológicos e missionário no contexto da Reforma.

As várias constantes da única missão da igreja ao longo da sua história tanto moldaram quanto foram moldadas pelo contexto histórico-cultural e o pensamento teológico correspondente de épocas e lugares específicos. A história da missão, os movimentos da cultura e da história da teologia se cruzam e, dependendo da maneira como se cruzam, vários “modelos” de missão podem ser discernidos.²³³

Ao avaliar o paradigma missionário da Reforma, David Bosch apresenta as posições de teólogos que ajudam a identificar importantes impulsos missionários na teologia dos reformadores.²³⁴ Ao mesmo tempo, Bosch aponta quatro obstáculos práticos para um engajamento missionário mais abrangente e uma reflexão teológica mais específica a partir de uma perspectiva missionária por parte dos reformadores: 1) a preocupação e o esforço concentrado com a reforma da Igreja Católica; 2) pouco contato dos territórios fortemente impactados com o movimento da Reforma com culturas e territórios não cristãos, diferentemente dos territórios católicos, como Espanha e Portugal, que tiveram uma atuação colonialista, num primeiro momento, muito maior; 3) o terceiro obstáculo era basicamente uma questão de sobrevivência pois somente depois da Paz da Westfália (1648) as Igrejas oriundas da Reforma puderam se organizar adequadamente; 4) por último, as disputas teológicas e os conflitos políticos, sociais e religiosos consumiram muito tempo e energia dos protestantes.²³⁵

Embora outros obstáculos pudessem ser apontados, isso não significa que Martinho Lutero não se ocupou e refletiu sobre a atuação missionária da Igreja. Para Lutero, a fé na pessoa e obra de Jesus Cristo era o ponto de partida e o sentido de toda a atividade cristã no mundo. Ao mesmo tempo, Lutero também se posicionou sobre como as pessoas cristãs deveriam agir diante de uma realidade ou contexto em que existem pessoas não cristãs: “ela teria a obrigação de pregar e ensinar o

²³³ BEVANS; SCHROEDER, 1992 *apud* GOHEEN, 2019, p. 113.

²³⁴ BOSCH, 2014, p. 300.

²³⁵ BOSCH, 2014, p. 300.

evangelho aos [...] não cristãos [...] motivada pelo dever do amor fraterno, mesmo que nenhum ser humano a tivesse chamado a fazê-lo.”²³⁶

Percebe-se assim que, por vezes, a dificuldade de aproximação entre Lutero e o debate sobre a atividade missionária da Igreja ocorre muito mais devido a uma compreensão colonialista e eurocêntrica de missão.

[...] isso é intimar os reformadores a comparecerem diante do tribunal da missão colonial católica romana, bem como do movimento missionário moderno, e tê-los considerados culpados de não terem cumprido esse único padrão de missão.²³⁷

Como observado anteriormente, as reflexões sobre a Igreja missional tentam desconstruir essa compreensão exclusivista e fechada de missão. Nesse sentido, há uma boa e promissora possibilidade de reconciliação entre a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e o conceito de Igreja missional. “Lutero vê a Igreja, juntamente com a palavra de Deus e todo crente batizado, como instrumentos divinos cruciais para a missão.”²³⁸

3.3.2 Possibilidades de aproximação

Assim como o conceito de Igreja missional, a doutrina do sacerdócio geral na teologia de Martinho Lutero enfatiza a importância do envolvimento da pessoa cristã no mundo como resultado da sua união e relação com Cristo, promovendo o testemunho e a vivência do Evangelho de Jesus Cristo em todas as áreas da vida. Para Lutero, “em Cristo somos todos sacerdotes”²³⁹ e a Igreja é formada pelo povo de Deus que responde pela fé à mensagem do Evangelho.²⁴⁰ Com isso, o reformador procurou desconstruir a visão dualista do mundo, fortemente presente no contexto da cultura medieval.

O caráter institucional da Igreja cristã tem o seu lugar e relevância, porém, de acordo com Lutero, ele não deve se sobrepor ao seu caráter orgânico. “Todos somos um corpo, porém, cada membro tem a sua própria função, com a qual serve aos

²³⁶ BOSCH, 2014, p. 299-300.

²³⁷ GOHEEN, 2019, p. 112.

²³⁸ SCHERER, 1991, p. 44.

²³⁹ LUTERO, 2011, p. 444.

²⁴⁰ SCHERER, 1991, p. 48.

outros.”²⁴¹ A Igreja não tem como missão primordial a sua preservação e manutenção institucional, mas está voltada para o mundo, em favor do mundo, tendo a responsabilidade de tornar visível e conhecidos os propósitos graciosos e redentores de Deus. “A pessoa e obra de Jesus Cristo é o centro do anúncio e testemunho cristão.”²⁴² Toda pessoa cristã é vocacionada por Deus e chamada a agir em cooperação com ele com a missão de preservar e contribuir para o bem e o desenvolvimento de toda a criação.

A doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero está em estreita relação com a doutrina dos três estamentos: Igreja, família e política.

Nesse sentido, o “pertencer” aos três estamentos excede o mero “existir” em perspectiva passiva no mundo, mas implica “ser para” através dos estamentos. Do “ser para”, em particular, da pessoa cristã, deriva o tema da ética cristã. Nessa perspectiva, esta análise objetiva compreender o ser humano feito, pela fé em Cristo, cooperador com Deus no “ser para”. Através da cooperação do ser humano, Deus governa o mundo por meio de seus dois regimentos, isto é, o espiritual e o secular.²⁴³

Aqui é possível identificar como a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Lutero e o conceito de Igreja missional convergem, pois ambas ressaltam que a participação cristã no mundo não se resume a espera por uma vida numa realidade transcendente, e muito menos deve permanecer enclausurada dentro dos muros e templos religiosos, ignorando o seu papel e responsabilidade no mundo e para com o mundo.

Uma vez que o evangelho diz respeito ao governo de Deus sobre toda a criação, todas as nações e toda a vida humana, a missão dos seguidores de Jesus é tão vasta quanto a própria criação. Eles recebem a comissão de testemunhar acerca do evangelho em todas as áreas da vida pública – nos negócios, na vida acadêmica, na política, na família, na justiça criminal, nas artes, nos meios de comunicação – e em todos os outros aspectos da experiência humana [...].²⁴⁴

Para Martinho Lutero, a Igreja é uma comunidade de fé na qual as pessoas, com diferentes dons e vocações, reúnem-se em torno da Palavra e dos sacramentos de Deus e são, então, enviadas ao mundo como sacerdotes. Para o reformador, a missão é obra do trino Deus, que busca estabelecer o seu reino de paz e justiça no

²⁴¹ LUTERO, 2011, p. 282.

²⁴² SCHERER, 1991, p. 49.

²⁴³ WACHHOLZ, 2017, p. 16.

²⁴⁴ GOHEEN, 2016, p. 29.

mundo. Assim, o princípio missiológico mais relevante no pensamento de Lutero é o reino de Deus, que é resultado da ação redentora de Deus no mundo, e não a Igreja, que serve apenas como instrumento para a concretização do reino de Deus.²⁴⁵

Michael W. Goheen aponta na mesma direção ao descrever a relação entre a congregação local e a missão da Igreja. “Viver o evangelho [...] é manifestar a própria vida de Cristo no mundo. Isso só acontecer se essa vida estiver constantemente nutrida com o evangelho na Palavra, no sacramento, na oração e na liturgia.”²⁴⁶ Com isso, apesar da diferença e da distância histórico-cultural entre Martinho Lutero e o debate contemporâneo sobre Igreja missional, é possível estabelecer pontes e relações importantes com o objetivo de contribuir com a Igreja contemporânea em sua missão e exercício efetivo do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes.

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

O debate sobre Igreja missional reforça o princípio bíblico de que a vivência e o testemunho do Evangelho de Jesus Cristo é responsabilidade de todas as pessoas cristãs. A tarefa da Igreja não se resume em manter as suas estruturas e preservar as suas doutrinas. Numa perspectiva missional, a Igreja, enquanto povo de Deus no mundo, é chamada a testemunhar a sua fé e confiança na ação amorosa e graciosa de Deus, que age para restaurar o mundo da sua condição de decadência e miséria, promovendo a justiça, paz e apontado para a pessoa e obra de Jesus Cristo.

Nesse sentido, o debate atual sobre Igreja missional permite estabelecer relações muito próximas com a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho, pois ambas resgatam o princípio bíblico de que a Igreja cumpre o seu papel no mundo não apenas quando se reúne em horários pré-determinados e dentro de prédios, uma vez que o sacerdócio geral desafia as pessoas crentes à uma vida que encarna o Evangelho e o torna real e perceptível em todas as esferas da vida, seja público e privada.

A atuação cristã no mundo se baseia e se inspira no Evangelho. A Igreja é composta de pessoas que foram chamadas do mundo ao aceitarem o Evangelho de Jesus Cristo pela fé e foram enviadas de volta ao mundo para pregar o mesmo

²⁴⁵ SCHERER, 1991, p. 44.

²⁴⁶ GOHEEN, 2019, p. 208.

Evangelho por meio de palavras e ações, em todos os lugares e contextos. Sendo assim, a Igreja não existe para si mesma e nem deve estar fechada em si mesma. Desse modo, tanto o conceito de Igreja missional como a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia desafiam a Igreja atual a refletir, a luz do Evangelho, a sua vocação e atuação missionária.

4 IGREJA MISSIONAL E SACERDÓCIO GERAL: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A ATUAÇÃO CRISTÃ NO CONTEXTO BRASILEIRO E NA IECLB

Com base no estudo desenvolvido até aqui é possível apontar aspectos relevantes sobre a Igreja e a atuação cristã no mundo, que servirão de base para as contribuições e considerações apresentadas neste capítulo, a partir da proposta de pesquisa. Pode-se determinar que o Evangelho de Jesus Cristo e o compromisso com a promoção do reino de Deus, em vista da redenção de toda a criação, são os elementos essenciais para uma Igreja que procura ser missional e promover o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes.

A Igreja cristã não deve ser compreendida como um fim em si mesma, mas como resultado da ação missionária de Deus e, ao mesmo tempo, instrumento da missão de Deus no mundo. “Deus [...] é, pois, um Deus missionário que cria, envia e sustenta um povo, uma comunidade que se define e se entende a si mesma como ‘comunidade missionária’.”²⁴⁷

Em Cristo, Deus sai de si mesmo. Deus é, portanto, o primeiro missionário. Ele vai ao encontro do outro, da sua criatura. [...] A Igreja que segue os passos de Jesus, por sua vez, não pode buscar para si condição diferente da que viveu seu Senhor.²⁴⁸

O propósito missionário de Deus é reconciliar a humanidade e restaurar a criação à sua condição original pré-queda. A doutrina bíblica sobre a queda testemunha que, se “vivemos num mundo repleto de sofrimento, doenças, pobreza, racismo, desastres naturais, guerras, envelhecimento e morte”²⁴⁹, essa situação de caos e degradação resulta da atitude humana de rebelião contra o Criador. Essa postura de rebelião se evidencia através da desconfiança e rejeição em relação a Deus e à sua Palavra. “Em última análise, todos os problemas humanos são sintomas, e nossa separação de Deus é a causa.”²⁵⁰ Numa ação deliberada, Deus intervém na

²⁴⁷ ZWETSCH, Roberto. Missão no século 21 no Brasil: missão como com-paixão. *Revista Caminhando*, v. 15, n. 2, jul./dez. 2010, p. 38.

²⁴⁸ DIETZ, Martin T. “O futuro de nossas Igrejas”: o desafio missionário, fundamentado na teologia luterana. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 62, n. 01, jan./jun. 2022, p. 172.

²⁴⁹ KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida, 2014. p. 36.

²⁵⁰ KELLER, 2014, p. 36.

história com o objetivo de salvar e restaurar a sua criação caída e mortalmente enferma. O encontro missionário de Deus com a sua criação tem o seu ponto alto na encarnação de Jesus Cristo e, portanto, na sua vida, ministério, crucificação e ressurreição.

A Igreja nasce desse encontro missionário e entende que o envolvimento intencional com o mundo, com o propósito de testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo através de palavras e ações concretas, promovendo os princípios e valores do reino de Deus, é um dos pontos fundamentais da sua identidade e vocação.

Em Jesus [...] fomos convencidos da paixão de Deus pelo mundo. Por isto, na força do Espírito, somos um povo de apaixonados pelo evangelho e a mensagem do reino de Deus. Se a missão de Deus é nossa paixão, a compaixão como via prática da missão nos desafia a um compromisso novo e transformador.²⁵¹

Quando a pessoa cristã está ciente do seu chamado e compromisso com a missão redentora e transformadora de Deus, ela resiste à tentação de manter uma postura de alienação e isolamento do mundo. A doutrina bíblica do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, como bem destaca o reformador Martinho Lutero, conectada com uma perspectiva missional, desafia a pessoa cristã a viver o seu chamado e sua vocação para dentro da cultura na qual está inserida e da qual faz parte, a partir dos seus dons, ocupações e relacionamentos, evidenciando sinais concretos do reino de Deus e dando um testemunho relevante do Evangelho de Jesus Cristo, conectado com a realidade.

A inculturação tem sua fonte na encarnação, o ministério da Palavra feito carne em Jesus Cristo. “Por conseguinte, a inculturação torna-se uma outra forma de descrever a missão cristã. Se a proclamação vê a missão na perspectiva da Palavra a ser proclamada, a interculturação vê a missão na perspectiva da carne, ou corporificação concreta, que a Palavra assume num indivíduo, comunidade, instituição ou culturas particulares”.²⁵²

Ao mesmo tempo, esse é o dilema com o qual o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes numa perspectiva missional precisa lidar. Num mundo em constante transformação, os desafios e oportunidades para atuação da Igreja e o testemunho da pessoa cristã mudam o tempo todo. A realidade na qual a pessoa cristã e a própria Igreja estão inseridas não é estática e nem imutável. Ela se transforma e se amolda

²⁵¹ ZWETSCH, 2010, p. 48.

²⁵² SCHERER, 1991, p. 161.

aos diferentes tempos e situações e se desenvolve através de um processo contínuo e dinâmico. Sendo assim, o sacerdócio para o mundo que a pessoa cristã é chamada a exercer precisa constantemente ser repensado, reavaliado e revitalizado, de modo que o testemunho do Evangelho seja compreensível a todas as pessoas e em todos os tempos, sem, contudo, diluir ou adulterar o seu conteúdo principal, que é a pessoa e obra de Jesus Cristo.

Ao escrever sobre a importância da contextualização da mensagem cristã, considerando a realidade em que a Igreja e as pessoas cristãs são enviadas a exercer o seu chamado e vocação, Timothy Keller destaca que a “habilidade de contextualizar é um dos segredos do ministério eficaz hoje”.²⁵³

A grande tarefa missionária é transmitir a mensagem do evangelho a uma nova cultura evitando transformar a mensagem desnecessariamente em algo estranho a essa cultura, mas sem deixar de fora nem obscurecer o escândalo e a ofensa da verdade bíblica. O evangelho contextualizado é marcado por clareza e poder de atração, e mesmo assim desafia a autossuficiência do pecador e o chama ao arrependimento. Ele se adapta à cultura e faz contato com ela, ao mesmo tempo em que a desafia e a confronta. Se não conseguirmos nos adaptar à cultura ou se deixarmos de desafiá-la – caso a subestimemos ou a superestimemos -, o nosso ministério será infrutífero, porque não fomos capazes de fazer uma boa contextualização.²⁵⁴

Qualquer iniciativa nessa direção demanda que se entenda a realidade e se percebam os desafios e possibilidades que cada contexto oferece. Portanto, antes de propor impulsos e contribuições para atuação missionária da Igreja a partir do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, numa perspectiva missional, é necessário analisar o atual contexto brasileiro.

4.1 A MISSÃO EM CONTEXTO: ANÁLISE DA REALIDADE BRASILEIRA ATUAL

De acordo com Gilbraz S. Aragão, a Igreja cristã no contexto brasileiro é chamada a refletir sobre a sua vocação e missão à luz da sua realidade específica: “Com efeito, o mundo que nos foi dado para viver – e salvar – é o da cidade pós-moderna, e esses são os seus desafios.”²⁵⁵ Muito do que se percebe e apreende da realidade brasileira em termos sociais, econômicos, culturais e religiosos, guardadas as devidas proporções e considerando as particularidades que compõem a identidade

²⁵³ KELLER, 2014, p. 109.

²⁵⁴ KELLER, 2014, p. 107-108.

²⁵⁵ ARAGÃO, Gilbraz S. A Igreja na cidade pós-moderna. *Revista de teologia e ciências da religião* da Universidade Católica de Pernambuco, ano 2, n. especial, jan. 2003, p.184.

local e regional, reflete um movimento global de mudanças e transformações que levaram ao surgimento de novos conceitos e padrões que determinam e influenciam as diferentes áreas da vida.

Dessa forma, uma análise contextual da realidade brasileira requer que se identifiquem os aspectos básicos da cidade pós-moderna, que incluem não apenas questões culturais, religiosas e comportamentais, mas todo o processo de urbanização que promoveu o crescimento e desenvolvimento das cidades brasileiras. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) não pode limitar o seu planejamento missionário, buscando atender apenas suas demandas internas e a manutenção institucional. A IECLB, se deseja ser fiel ao seu chamado e vocação para ser Igreja de Jesus Cristo no Brasil, precisa considerar a realidade das pessoas membros que participam de suas comunidades e são chamadas a viver e se relacionar com outras pessoas, no contexto em que estão inseridas, a partir de suas vocações e compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo.

4.1.1 A realidade brasileira na pós-modernidade

A pós-modernidade começou a ser debatida nas décadas de 1950 e 1960, sendo descrita por parte de pessoas estudiosas como uma reação ao modernismo.²⁵⁶ Tal reação seria resultado das expectativas frustradas diante de um ideal eurocêntrico de modernidade que buscou conduzir o mundo ao progresso e a humanidade a uma situação de paz e prosperidade baseada na razão e na ciência.²⁵⁷

[...] não se acredita mais no progresso inevitável, ou seja, que estamos melhorando cada vez mais; rejeita-se a ideia de que a verdade é exata e puramente racional; não se acredita que o conhecimento seja objetivo; descarta-se a suposição moderna do cientista desapaixonado e, por fim, nega-se a existência de uma verdade absoluta, ou seja, abandonam-se os alicerces sobre os quais foi erguida toda a modernidade.²⁵⁸

Ainda que boa parte do mundo Ocidental tenha experimentado avanços científicos e progressos consideráveis em muitas áreas ao longo da modernidade, o

²⁵⁶ GOHEEN, 2014, p. 29. A modernidade pode ser descrita como um movimento filosófico e cultural fundamentado na primazia da razão. Acreditava-se que “o conhecimento científico do mundo daria condições à humanidade primeiramente para controlá-lo e, depois para construir um mundo melhor.”

²⁵⁷ GOHEEN, 2014, p. 31.

²⁵⁸ MENEZES, Flávio; PARLAGRECO, Natasha Mendes. A Igreja na pós-modernidade. *Caderno Intersaberes*, Curitiba, v. 10, n. 25, 2021, p. 198.

sonho acalentado pelo ideal modernista começou a desmoronar diante dos horrores das duas grandes guerras que “minaram a confiança das nações ocidentais nas antigas profecias de paz e prosperidades sempre crescentes.”²⁵⁹ Além das duas grandes guerras, com base numa leitura mais crítica, pode-se elencar uma série de outros efeitos nocivos que fomentaram ainda mais esse desencantamento.

O paradigma científico moderno contribuiu com inegáveis avanços para a humanidade. A produtividade e o progresso em muitas áreas, tais como a produção de alimentos, a farmacologia, a medicina e, sobretudo hoje, as tecnologias da comunicação e informação, nos mostram isto. Porém, as consequências negativas deste modelo de racionalidade científica também se fizeram sentir. A destruição do meio ambiente, a ameaça nuclear e a corrida armamentista, o aquecimento global, entre outros, são consequências de uma racionalidade que se separou da natureza e ao fazer isto tornou-se uma ameaça para a vida em seu conjunto, incluindo a humana.²⁶⁰

Para as pessoas que sustentam o sobrepujamento da modernidade, “as crises que adentram o campo das ideologias políticas, dos conceitos estéticos, dos raciocínios científicos, das concepções religiosas, das críticas filosóficas e culturais, enfim, de todo o espectro do conhecer”²⁶¹ servem como evidências desse processo. A designação “pós-moderno” pretende justamente reforçar a visão de superação da metanarrativa modernista.²⁶²

Entretanto, não há um consenso absoluto acerca dessa visão para descrever o momento presente, uma vez que a “pós-modernidade se delineou de modo apressado, quer seja para celebrá-la, quer seja para mortificá-la”.²⁶³ Há quem resista em classificar a pós-modernidade como superação ou suplantação da modernidade, argumentando que os fundamentos da modernidade permanecem vivos, ainda que estejam sujeitos “a processos diferentes e mais intensos”.²⁶⁴ Assim, o mais apropriado seria falar em hipermodernidade, ou, como sugere Zygmunt Bauman, em modernidade líquida.

²⁵⁹ GOHEEN, BARTHOLOMEW, 2016, p. 168.

²⁶⁰ MARTINS, José Eduardo; VERÁSTEGUI, Rosa de Lourdes Aguilar. Os paradigmas epistemológicos da modernidade e da pós-modernidade: educação e decolonialidade. *Revista Dialectus*. Universidade Federal do Ceará, ano 10, n. 22, junho 2021. p.12.

²⁶¹ SILVA, 2021, p. 44.

²⁶² GOHEEN, BARTHOLOMEW, 2016, p. 165.

²⁶³ CARVALHO, Alexandre Filordi de. Pós-modernidade e agenciamentos trajetivos: passagens insituáveis para uma educação estético-ético-política. *Revista Dialectus*. Universidade Federal do Ceará, ano 10, n. 22, jun. 2021. p. 43.

²⁶⁴ SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A pós-modernidade e o pensamento social: complementariedade ou antagonismo? *Caminhos de Geografia*, Uberlândia-MG, v. 22, n. 82, ago. 2021, p. 44.

Não se atendo demasiadamente à discussão dos termos e conceitos específicos que tentam determinar o contexto atual, a prioridade é identificar aspectos que ajudam a compreender a realidade sociocultural brasileira. Ainda que seja relevante reafirmar que a realidade brasileira tem suas particularidades específicas e que “apesar da intensa industrialização, urbanização e criação de uma sociedade de consumo, o Brasil ainda deveria ser considerado um estado de hibridação.”²⁶⁵

A realidade que emerge a partir dos avanços científico e tecnológico, associados aos meios de comunicação em massa da internet e redes sociais, formatou uma nova compreensão de mundo, das relações e da sociedade como um todo. “Fala-se hoje em dia de globalização ou mundialização [...]. Trata-se de uma sociedade interdependente (rede de relações) também denominada como aldeia global.”²⁶⁶

Daí virão os contornos da cidade pós-moderna [...]. Nessa emergente sociedade do espetáculo, sobressaem as técnicas de colagem e reciclagem, favorecidas pelo imediatismo das trocas, das migrações humanas e viagens de turismo, da circulação desordenada de imagens, informações e mercadorias. Mas trata-se também de uma sociedade baseada nas redes e conexões, no conhecimento e na liberdade, que permite até a passagem “do uni-verso para o multi-verso” como lugar da realidade humana e horizonte do seu conhecimento.²⁶⁷

Nessa nova realidade, tudo é compartilhado e as fronteiras geográficas já não servem como barreiras ou limites para as relações entre os povos, culturas e crenças. “Estamos vivendo em um mundo pluricultural, cibernético e pluricêntrico”.²⁶⁸ Mesmo as diferenças entre áreas urbanas e rurais ou entre um grande centro urbano e uma cidade do interior do Brasil, que em algumas décadas atrás eram bem diferentes, atualmente não são tão marcantes, devido à popularização e acessibilidade aos diferentes meios de comunicação, especialmente a internet, que se tornou a principal ferramenta de compartilhamento de conteúdo, informação, comunicação e consumo.

Ainda que tudo pareça fascinante à primeira vista e potencialize novas experiências, promovendo a coexistência entre diferentes saberes, culturas, crenças

²⁶⁵ ALVARENGA, L. F. C.; NINA E SILVA, C. H. Religião pós-moderna no Brasil? *HORIZONTE* - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 9, n. 23, 20 dez. 2011, p. 925.

²⁶⁶ LUI, Lukas. *A Igreja do Espírito de Deus que nasce no coração do povo: A relevância e o desafio do sensus fidei na Constituição dogmática Lumen Gentium do Vaticano II*. 2010. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2010. p. 96.

²⁶⁷ ARAGÃO, 2003, p. 194.

²⁶⁸ LUI, 2010, p. 95.

e valores, essa nova realidade traz desafios e agruras. Paradoxalmente, as mesmas facilidades que permitem aproximações, interações e cooperação entre as pessoas e suas particularidades, também favorecem, em boa medida, o aumento das muitas formas de injustiça, violência, intolerância e abuso contra pessoas ou grupos vulneráveis, gerando ou reforçando as muitas mazelas sociais e pessoais.

A racionalidade global da vida social e pessoal acabou por se desintegrar numa miríade de minirracionalidades. No que tange às relações entre a pessoa e a sociedade, observa-se ainda um nítido regresso ao indivíduo, à vida privada, ao narcisismo. Paradoxalmente, a vida individual nunca foi tão pública, nunca foi tão prontamente devassável e *standardizada* pelas *webcams* e *net meetings* da vida, pelos programas televisivos como esses big-brothers [...].²⁶⁹

A supervalorização e promoção do individualismo, a superficialidade nas relações, o imediatismo e o incentivo a uma cultura de consumo exagerado impactam negativamente os vínculos entre as pessoas, o meio ambiente e outras áreas. As enfermidades físicas, emocionais, espirituais e os problemas sociais se tornam mais perceptíveis em meio aos excessos e à sensação de saturação, numa sociedade em que tudo é muito intenso e, ao mesmo tempo, rapidamente descartável ou substituído.

[...] a pós-modernidade também tem gerado uma vivência superficial, fútil, épica e ardente. Onde o cheio provoca o oco, a saciedade gera a angústia, o permanente é trocado pelo atual, o “mais novo”, o “mais moderno”; a imagem é preferida à realidade: preferimos olhar o conferencista no telão de tv a olhá-lo na sua carne e osso ali à frente. Revela-se, assim, a marca primordial do nosso tempo, que é a paradoxalidade.²⁷⁰

Essa construção sociocultural também produz os seus impactos no campo religioso, ao mesmo tempo em que o desafia. “Sem dúvida, a situação mundial contemporânea e o crescente intercâmbio de ideias entre povos e religiões criaram um cenário inédito”.²⁷¹ No contexto brasileiro, a tradição cristã prevaleceu de forma hegemônica durante todo o período colonial. Ainda que existissem outras crenças e manifestações religiosas, elas foram suprimidas ou combatidas ao longo de todo o período colonial, o que, em alguns casos, perdura até os dias atuais. Contudo, o cenário religioso no Brasil está se transformado sob a influência dos novos tempos.

²⁶⁹ ARAGÃO, 2003, p. 202.

²⁷⁰ ARAGÃO, 2003, p. 197.

²⁷¹ BOSCH, 2014, p. 570.

“Destaca-se o traço de uma progressiva pluralização religiosa, que vai aos poucos quebrando a forte hegemonia cristã que ainda predomina no país”.²⁷²

Embora muitos segmentos vejam o crescente pluralismo religioso como uma das principais ameaças à fé cristã, a interação das pessoas com as diferentes expressões religiosas também abre espaço para novas possibilidades de aproximação, respeito, tolerância e testemunho. Se na modernidade muitas pessoas acreditavam na extinção da fé e da religião por causa da racionalidade predominante, na pós-modernidade a constatação é de que a experiência religiosa está em alta.

A pós-modernidade tem aspectos bons e maus. No lado positivo, a pós-modernidade percorreu um longo caminho para expor a modernidade como uma cosmovisão específica com seus próprios compromissos ideológicos: atualmente é bem mais difícil pressupor que a atividade modernista – tanto acadêmica-teórica quanto prática – seja objetiva e neutra. A pós-modernidade tem ajudado a mostrar que cada pessoa tem, de fato, uma cosmovisão, e do ponto de vista cristão, isso é algo para se comemorar.²⁷³

Evidentemente, esse novo cenário exige um reposicionamento da Igreja cristã, ao passo que a desafia a se ocupar de maneira séria e profunda com o seu papel e missão. Compartilhar o Evangelho de Jesus Cristo de forma sóbria e contextualizada para a realidade brasileira, em meio ao pluralismo religioso atual, demanda repensar modelos de atuação e estratégias adotadas.

Nessa nova composição cultural expressada pela religiosidade, o moderno e tradicional se misturam, gerando sincretismos e novas concepções são criadas e alimentadas. Tais fenômenos são possíveis devido a um processo de desencantamento com o moderno, e que ultrapassa as fronteiras dos “velhos” territórios institucionais, ocasionando no surgimento de novas expressões de se viver e celebrar o sagrado na cidade.²⁷⁴

Nesse contexto, o exercício do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, numa perspectiva missional, precisa ter em mente as oportunidades e os desafios que o mundo pós-moderno oferece. “Não é possível dialogar com pessoas ou dar-lhes testemunho se nos ressentimos com sua presença ou os pontos de vistas que sustentam.”²⁷⁵

²⁷² TEIXEIRA, Faustino. Campo religioso em transformação. In: CUNHA, Christina Vital da; MENEZES, Renata de castro (Org.). *Religiões em conexões*: números, direitos, pessoas. Rio de Janeiro: Iser, set. 2014. p. 43.

²⁷³ GOHEEN, BARTHOLOMEW, 2016, p. 169.

²⁷⁴ FEITOSA, José Ricardo Teles. A religião e sua dinâmica diante do processo de urbanização: o mercado religioso entre católicos e evangélicos. *RPGeo – Revista Presença Geográfica* da universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, v. 5, n. 1, jun. 2018. p. 5.

²⁷⁵ BOSCH, 2014, p. 577.

[...] se faz necessário adaptar-se às novidades. Paradoxalmente à tolerância cultural pós-moderna, a inculturação seria a base das regras interreligiosas para uma boa convivência social em um núcleo urbano haja vista a potencialidade dos conflitos provenientes da intolerância de grupos fundamentalistas. Certamente que o fenômeno apresentado acima se apresenta como um grande desafio, tanto às correntes fundamentalistas quanto às progressistas haja vista a impossibilidade de um prognóstico favorável, especialmente a ambos simultaneamente.²⁷⁶

Desse modo, não basta simplesmente continuar replicando o modelo missionário herdado do século passado. Se a realidade brasileira, assim como do restante do mundo, passa por transformações, a atuação e o testemunho da pessoa cristã precisam considerar os novos tempos e as profundas mudanças no cenário religioso brasileiro, pois a tradição cristã e a religião em si já não mais detêm o monopólio que determina os valores e crenças admitidos nas cidades pós-modernas, como bem observa Faustino Teixeira ao descrever o cenário religioso brasileiro atual:

Pesquisadores chamam a atenção para as mudanças que ocorrem hoje na relação identitária que vincula os fiéis às suas instituições religiosas. Isto não se dá mais de forma rígida e engessada, mas de maneira fluida, criativa e novidadeira. Os conteúdos e significado da identidade religiosa tendem a ser menos totalizantes e abertos a modalidades diversificadas. Daí ser pertinente [...] complexificar “o sentido das declarações de pertença religiosa”. Pode também ocorrer [...] uma dinâmica de representação e prática religiosa que escapa aos “circuitos institucionais”, operando muitas vezes fora ou à margem deles. Ou ainda uma vida espiritual destacada da vida religiosa instituída. Por fim, vale lembrar que a pluralização em curso não exclui a possibilidade de inserções identitárias mais radicais e exclusivistas, que visam um “regime forte de intensidade religiosa”. Os diversos matizes de fundamentalismos estão aí para não desmentir esse dado.²⁷⁷

O cenário descrito por Teixeira permite identificar com assertividade as mudanças que esse novo tempo, sob influência da pós-modernidade, representa para a atuação cristã e o testemunho do Evangelho, em face de uma realidade tão complexa e plurifacetada.

4.1.2 O processo de urbanização e os impactos na realidade brasileira

No entanto, não são apenas as influências socioculturais que determinam o contexto atual. O processo de urbanização pelo qual o Brasil passou nas últimas décadas também é fator extremamente relevante que merece ser considerado. “Não

²⁷⁶ FEITOSA, 2018, p. 6.

²⁷⁷ TEIXEIRA, 2014, p. 43.

é possível separar a lógica da pós-modernidade de seus efeitos socioeconômicos sobre os ambientes urbanos”.²⁷⁸

Seguindo a tendência mundial de profundas e aceleradas transformações, o Brasil de hoje é muito diferente do que era no início do século XX. O país deixou de ser predominantemente rural ao passar por um intenso processo de urbanização. A migração da população das áreas rurais para os centros urbanos, em busca de novas oportunidades de emprego e meios de subsistência, promoveu o crescimento acelerado e caótico das grandes cidades.²⁷⁹ “Foi em 1960 que a população urbana ultrapassou a rural. Em 2010, a população urbana representava 84% da brasileira.”²⁸⁰

O processo de urbanização no Brasil gerou impactos profundos na realidade de muitas pessoas e famílias, nem sempre com os mesmos resultados ou numa proporção equivalente. A expectativa por melhores condições econômicas e qualidade de vida não se concretizou para uma parcela considerável da população. “Uma característica bastante conhecida dos brasileiros, que ganhou visibilidade internacional, refere-se às suas desigualdades econômicas e sociais.”²⁸¹

Ainda que para algumas pessoas as condições de subsistência tenham melhorado se comparadas à realidade do campo, as desigualdades sociais e as dificuldades presentes no contexto urbano, como o déficit habitacional, a falta de saneamento, infraestrutura inadequada nos bairros periféricos, a ocupação de áreas de risco e o desemprego, entre outras situações, colocaram muitas famílias em situação de vulnerabilidade social. A urbanização e a globalização econômica criaram um fenômeno paradoxal, em que a produção de riqueza caminha ao lado da pobreza.²⁸² Não é possível ignorar o fato que as mudanças geográficas e de densidade populacional decorrentes dos fluxos migratórios trouxeram impactos significativos, afetando diretamente o meio social e urbano.

Junto a essa reconfiguração espacial, somam-se a violência, as péssimas condições de habitação, a falta de qualificação profissional e outros que

²⁷⁸ MINCA, 2009 *apud* SILVA, 2021, p. 47.

²⁷⁹ RIBEIRO; VARGAS, 2015, p. 18.

²⁸⁰ RIBEIRO, Helena; VARGAS, Heliana Comin. Urbanização, globalização e saúde. *Revista USP*, São Paulo, n. 107, out./nov./dez. 2015. p. 17.

²⁸¹ MATOS, Ralfo. Migração e urbanização no Brasil. *Revista Geografias*, Belo Horizonte, v. 08, n.1, jan./jun. 2012. p. 21.

²⁸² GOHEEN, 2019, p. 263.

contribuíram para o caos espacial urbano que pode ser conferido em muitos núcleos urbanos do Brasil.²⁸³

Outros fatores sociais e econômicos merecem ser considerados quando se avaliam os impactos sobre a saúde e o bem-estar da população em geral como resultado do processo de urbanização:

A agregação de pessoas em cidades maiores tem consequências sociais positivas e negativas. A urbanização promove inovação, desenvolvimento da economia local, otimização de recursos, como hospitais especializados, mas também se associa a maiores taxas de criminalidade, suicídio, emissões de dióxido de carbono e problemas mentais. [...] analisando indicadores de saúde, em cidades brasileiras, suecas e norte-americanas, de acordo com seu porte, demonstraram que cidades maiores têm incidência relativa maior de doenças infecciosas devido à maior densidade. Crimes violentos, estupros, violência doméstica também aumentam linearmente com o aumento da população. Já mortes por suicídios, infartos e diabetes são mais prevalentes em cidades menores, possivelmente por terem maior número de idosos.²⁸⁴

O rearranjo e o desordenamento desencadeado pelo processo de urbanização também produziram uma perceptível crise existencial coletiva em razão da “falta de identidade e ausência da sensação de pertencimento da população migrante pela não relação de origem com essas cidades e pela exclusão gerada pelo sistema econômico.”²⁸⁵ Os aspectos culturais, étnicos e religiosos que compunham a base de formação identitária das pessoas e famílias no contexto rural, com baixa densidade populacional, eram comuns, conhecidos e hegemônicos.

Na realidade dos grandes centros, esses aspectos se diluem em meio ao pluralismo cultural, étnico e religioso. “O urbano se tornou sinônimo de diversidade, nela as ideias são cada vez mais plurais, as culturas são diversas, e mesmo quando se busca manter viva certas tradições, se faz necessário adaptar-se às novidades.”²⁸⁶ O cenário religioso brasileiro sofreu impactos significativos nessa nova conjuntura social e urbana, conforme observa Feitosa:

Como a religião é um aspecto cultural e está sujeita a outros aspectos das dinâmicas sociais dos grupos considerados, houve a necessidade social de encontrar novas formas de cultuar o divino ao mesmo tempo em que se ia adequando ao frenesi das cidades.²⁸⁷

²⁸³ FEITOSA, 2018, p. 4.

²⁸⁴ RIBEIRO; VARGAS, 2015, p. 17.

²⁸⁵ RIBEIRO; VARGAS, 2015, p. 19.

²⁸⁶ FEITOSA, 2018, p. 6.

²⁸⁷ FEITOSA, 2018, p. 3.

A conformação urbana atual, com suas inúmeras oportunidades e desafios, associada à realidade pós-moderna pluricultural e multicêntrica, tornou-se um campo fértil para a expansão, interação e troca de experiências religiosas, sendo “um lugar privilegiado de reencantamento, reascendendo à busca do sagrado nas mais variadas versões e denominações religiosas”.²⁸⁸

As alternativas religiosas oferecidas no cenário urbano acabam por ser uma válvula de escape diante da realidade em que se encontram as cidades. A pluralidade de segmentos espirituais se tornou algo que marca sociedade contemporânea.²⁸⁹

Percebe-se, desse modo, um interesse crescente pela religiosidade como forma de lidar com as situações e tensões da vida urbana. A “religião passa a ter um papel fundamental, que é o de acalentar e renovar as esperanças de grande parte da população”.²⁹⁰ As cidades se tornaram espaços que oferecem oportunidades para o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo e o testemunho da Igreja cristã por meio de palavras e ações concretas. O sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e a atuação da Igreja têm como responsabilidade promover os valores e princípios do reino de Deus, ao mesmo tempo em que oferece sentido, orientação e significado para as pessoas, por meio da transformação de vida e da própria realidade em que elas vivem. A atuação cristã no mundo não busca apenas chegar ao “coração” das pessoas, mas se empenha em promover a justiça, o bem-estar social, melhoria das condições de vida, o combate à violência e busca meios de aliviar o sofrimento das pessoas. A salvação da alma não está desvinculada das necessidades do corpo. O alvo da missão da Igreja é restaurar a dignidade da pessoa em sua integralidade.

Uma Igreja que busca ter uma presença relevante e apresentar um testemunho impactante na cidade e no mundo se dedica e investe na preparação e formação de pessoas cristãs para que desenvolvam “um entendimento de contextualização maior que foi necessário aos cristãos do passado, uma maior familiaridade com o caráter das cidades e da urbanização.”²⁹¹

Por outro lado, a oferta religiosa abundante ao lado da cultura de consumo nas cidades pode representar um perigo para a atuação da Igreja, uma vez que existe

²⁸⁸ FEITOSA, 2018, p. 4.

²⁸⁹ FEITOSA, 2018, p. 5.

²⁹⁰ FEITOSA, 2018, p. 4.

²⁹¹ KELLER, 2014, p. 448.

a tentação de transformar a experiência religiosa em um produto de consumo, em que o sagrado é reduzido a uma mercadoria disponível para exploração comercial. “A cultura atual de consumo frenético [...] desperta desejos irrealizáveis, confundindo a felicidade com o bem-estar econômico e satisfação hedonista”.²⁹² Para Ricardo Agreste, a cultura de consumo se caracteriza pelos seguintes fatores:

Constante incentivo à aquisição contínua de “bens” e “serviço”; “Bens” e “serviço” tornam-se elementos de afirmação da própria identidade; Indivíduos se transformam em consumidores, dotados de sensação de poder; Os meios de comunicação geram necessidades e o fator de insaciabilidade.²⁹³

Esses comportamentos influenciam as pessoas em suas escolhas. Optar ou rejeitar determinadas crenças, valores e princípios passa a ser uma decisão individual tomada não por aquilo que são ou representam, mas pela forma como a pessoa entende o mundo a sua volta e as suas necessidades.²⁹⁴ A insaciabilidade da cultura de consumo transforma tudo e todos num produto descartável. Vive-se na expectativa de que o melhor ainda está por vir e a “igreja não se encontra à parte da cultura de consumo”²⁹⁵, sendo esse um risco concreto para sua missão e atuação. Algumas Igrejas se amoldaram e absorveram a cultura de consumo acriticamente, enquanto outras, ainda que de maneira ingênua ou inconsciente, acabaram influenciadas pelas demandas do mercado religioso. “Essa ‘colcha de retalhos religiosa’, oferecida em sistema de mercado”²⁹⁶, faz com que a missão da Igreja seja transformada numa disputa por espaços, territórios e público. Consequentemente, o testemunho da pessoa cristã e a missão da Igreja perdem seu referencial, que é o Evangelho de Jesus Cristo, e o crescimento e a manutenção denominacional acabam por determinar as ações e a inserção missionária na cidade. Feitosa identifica esse equívoco na maneira como “católicos e evangélicos têm travado uma grande disputa por fiéis nas cidades brasileiras”.²⁹⁷

As mudanças na realidade sociocultural brasileira decorrentes da urbanização e das tendências pós-modernas exigem que a Igreja cristã se ocupe com a reorientação teológica e prática que determinam a sua missão e atuação a partir do

²⁹² LUI, 2010, p. 98.

²⁹³ AGRESTE, Ricardo. *Igreja? Tô fora*. Santa Bárbara do Oeste: Socep, 2007. p. 42.

²⁹⁴ AGRESTE, 2007, p. 42.

²⁹⁵ AGRESTE, 2007, p. 46.

²⁹⁶ FEITOSA, 2018, p. 5.

²⁹⁷ FEITOSA, 2018, p. 7.

sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. A Igreja precisa ser fiel ao seu chamado e a sua vocação e, ao mesmo tempo, bíblica em sua atuação missionária. “A igreja que tem o compromisso de viver as boas-novas do reino de Deus a esse tipo de cultura não pode permanecer contente no *status quo*.”²⁹⁸

Nas cidades, a fé não se transmite mais por tradição familiar ou pressão social, a religião é uma escolha que a pessoa pode fazer livremente; e, se uma Igreja quer comunicar salvação, tem que mostrar sinais dessa experiência – para além da encenação litúrgica, que é o seu “ensaio”. [...] As torres e os sinos das nossas igrejas perderam-se aí, em meio aos apitos das fábricas e à grandiosidade transcendental dos arranha-céus.²⁹⁹

No esforço para se adaptar ao novo cenário global e local, a discussão primordial que tem ocupado as principais correntes da tradição cristã é a eclesiologia e a missiologia. “Paulatinamente [...] apareceu uma mudança fundamental na percepção da relação entre igreja e missão, tanto no catolicismo quanto no protestantismo.”³⁰⁰

A discussão em torno da eclesiologia e da missiologia cristã promoveram, em boa medida, uma abertura maior para o diálogo, respeito e cooperação entre as diferentes tradições cristãs. No contexto do catolicismo, a Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*) promoveu avanços à eclesiologia tradicional.³⁰¹

A igreja não é mais descrita como uma entidade social à semelhança de outras estruturas sociais, por exemplo, o estado, mas como ministério da presença de Deus no mundo [...]. A igreja não se apresenta soberba e orgulhosamente, mas de forma humilde; ela não se define em categorias jurídicas ou como uma elite de almas enaltecidas, mas como uma comunidade que existe para servir. A eclesiologia da LG é missionária do começo ao fim.³⁰²

Já no meio protestante, o debate sobre a missionalidade da Igreja sugere uma reorientação de determinados conceitos bíblico-teológicos que ajudam a determinar a atuação missionária da Igreja no contexto atual.

A dimensão missionária da vida de uma comunidade local manifesta-se, *inter alia*, quando ela é verdadeiramente uma comunidade de culto; é capaz de acolher pessoas de fora e fazer com que se sintam em casa; é uma igreja em que o pastor não possui o monopólio e os membros não são meramente objetos da assistência pastoral; seus membros são equipados para exercer sua vocação na sociedade; ela se mostra extremamente maleável e

²⁹⁸ GOHEEN, 2019, p. 263.

²⁹⁹ ARAGÃO, 2003, p. 185-186.

³⁰⁰ BOSCH, 2014, p. 443.

³⁰¹ BOSCH, 2014, p. 446.

³⁰² BOSCH, 2014, p. 446.

inovadora, e não defende os privilégios de um grupo seletivo. [...] a dimensão missionária da igreja evoca um envolvimento *intencional*, ou seja, *direto* na sociedade; ela efetivamente transpõe os muros da igreja e se engaja em “pontos de concentração” missionários, como a evangelização e o trabalho em prol da justiça e da paz.³⁰³

Resumindo, a urbanização no contexto brasileiro oferece desafios e oportunidades para o exercício do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes tendo em vista o testemunho do Evangelho. O interesse pela religião cresce à medida que as cidades se desenvolvem, criando múltiplas oportunidades para o testemunho do Evangelho. A maior concentração de pessoas e as muitas possibilidades de interação em razão do trabalho, moradia, estudo e outros espaços de convivência são fatores que permitem ao exercício do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes promovendo sinais da presença do reino de Deus na cidade. As necessidades físicas, sociais, emocionais e espirituais nos ambientes urbanos são oportunidades para a Igreja servir às pessoas e às famílias com amor, oferecendo auxílio, promovendo ações de cura, justiça, paz e sendo instrumento de Deus para a transformação da realidade de pessoas e famílias.

Por outro lado, um contexto fortemente marcado pelo consumo, pela pluralidade cultural e religiosa exige da Igreja a habilidade de fazer a ponte entre as diferentes culturas e crenças com humildade e respeito, ao mesmo tempo em que o testemunho e as ações cristãs desafiam e confrontam a cultura a partir do Evangelho.

Assim, sempre que nos deparamos com a análise de uma cultura, precisamos ter essa dupla perspectiva. Por um lado, na cultura podemos encontrar flashes da imagem de Deus e semelhança de Deus nos seres humanos. Por outro lado, nela também podemos encontrar valores e hábitos que refletem a desconexão entre eles e o Criador. Por isso, sempre teremos elementos positivos e negativos numa cultura em relação ao Evangelho. Sempre identificaremos aspectos que sabotam o plano de Deus para homens e mulheres e aspectos que funcionam como ponto de contato entre eles e o Evangelho de Deus.³⁰⁴

A atuação da Igreja e o testemunho da pessoa cristã neste novo cenário urbano e pós-moderno devem ser pensados adequadamente diante dos desafios, desesperança, interesses e anseios que as pessoas enfrentam e nutrem em sua vida cotidiana. A “igreja toda ela missional se envolverá com os problemas candentes de sua realidade tendo como critério a defesa da vida em todas as suas dimensões.”³⁰⁵

³⁰³ BOSCH, 2014, p. 447.

³⁰⁴ AGRESTE, 2007, p. 41.

³⁰⁵ ZWETSCH, 2010, p. 39.

Contudo, como bem observa Ricardo Agreste, a dificuldade em articular essa relação entre fé e cultura urbana tem sido um dos entraves para a atuação da Igreja cristã no contexto brasileiro, em especial das denominações históricas.

As transformações que vêm ocorrendo no cenário urbano brasileiro criam e recriam novos paradigmas gerando e adaptando culturas específicas, causando uma mescla de formas religiosas que combinam o velho e o novo, diante da exigência de adaptação as diversidades culturais que surgem no espaço geográfico.³⁰⁶

Essa dificuldade pode ser identificada na ambivalência entre o crescente interesse das pessoas pela espiritualidade e sua aversão à religiosidade institucionalizada. Geralmente, as pessoas se interessam pelo Evangelho de Jesus Cristo e até se dispõem a “assumir um estilo de vida como discípulos de Jesus, mas hesitam diante da ideia de se tornarem membros de uma organização religiosa chamada igreja, seja qual bandeira que represente.”³⁰⁷ Esse fenômeno ou movimento foi identificado pelo censo de 2010 do IBGE, que revelou o aumento significativo do grupo de pessoas que se autodenominam "cristãs sem igreja" ou "desigrejadas".

4.1.3 O fenômeno ou movimento das pessoas “desigrejadas”

Os dados apresentados no censo de 2010 do IBGE chamaram a atenção para o expressivo aumento do número de pessoas que se declaram cristãs sem vínculo com uma denominação religiosa. Até então desconhecidos ou ignorados pelas Igrejas cristãs brasileiras, esses dados têm chamado a atenção e despertado o interesse de muitas pessoas em compreender melhor esse fenômeno ou movimento. Ainda que seja difícil determinar com exatidão o perfil do público que compõe esse grupo, alguns artigos e literaturas analisam esse movimento e tentam esboçar algumas características dele. “Os desigrejados são pessoas que decidiram se desvincular da igreja institucionalizada e optaram por ficar em casa, reunindo-se ali para estudar a palavra”.³⁰⁸ São pessoas que buscam uma vivência religiosa, porém, “desvinculada da instituição eclesiástica e seus dogmas”.³⁰⁹

³⁰⁶ FEITOSA, 2018, p. 4

³⁰⁷ AGRESTE, 2007, p. 14.

³⁰⁸ BASTOS, Regina. Os desigrejados e a despercebida importância da Igreja. *Teologia e Espiritualidade*, Curitiba, v. 6, n. 11, jun. 2019, p. 114.

³⁰⁹ MACIEL, Rebecca Ferreira Lobo Andrade. Cristãos sem igreja: um olhar a partir da contemporaneidade. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2015, p. 88.

[...] os desigrejados ou sem igreja vão surgindo aleatoriamente aqui e ali, sendo que de forma acentuada nas grandes metrópoles. São pessoas adultas que desistiram de comungar, de frequentar cultos fortemente litúrgicos ou reuniões de adoração e expressão comunitária em templos, sendo impulsionados e alimentados pelos que estão no mercado da fé ou de serviços religiosos.³¹⁰

Ricardo Agreste sugere algumas situações, a partir de sua experiência pastoral, que ajudariam a entender essa relação paradoxal. Algumas dessas pessoas "desigrejadas" tiveram experiências extremamente negativas e traumáticas com a Igreja na infância ou em outros momentos, o que teria causado uma forte aversão a ela. De modo semelhante, pode-se identificar pessoas que em algum momento tiveram um contato inicial com a Igreja, em razão de convite de familiares ou conhecidos, mas a experiência desconfortante nesse primeiro contato, muito em razão do ambiente pouco acolhedor, com rituais e linguagem estranhos e, por vezes, agressivos, criaram uma resistência permanente a qualquer tipo de Igreja. Outra hipótese seria a experiência desagradável que pessoas tiveram com atitudes arrogantes e antiéticas de pessoas membros e frequentadoras de Igrejas cristãs. Por fim, Agreste sugere ainda que os frequentes escândalos envolvendo líderes e Igrejas têm contribuído para o aumento da rejeição popular.³¹¹

[...] ao observar este tipo de igreja completamente voltada para si mesma, insensível para com os de fora, irresponsável para com a moral e a ética na vida social, completamente envolvida por seus próprios modismos, teologismos e enfermidades que nada tem a ver com a essência da espiritualidade cristã, sou levado a gritar: "Igreja? Tô fora!" Concordo com meus amigos que jamais pisaram em uma e, em alguns casos, sou grandemente tentado a não os incentivar nem mesmo tentarem qualquer aproximação.³¹²

Levando em conta as ponderações de Agreste, percebe-se que a Igreja cristã sofre com suas limitações e fragilidades, o que acaba, de alguma forma, afetando o seu testemunho e missão. A Igreja, a exemplo da própria pessoa cristã, vive sob a tensão de sua dupla condição de ser simultânea justa e pecadora. Não se pode esperar que as pessoas cristãs sejam perfeitas e exemplo de conduta o tempo todo. A Igreja e as pessoas cristãs vivem o seu chamado e vocação no mundo a partir da graça de Deus e num constante processo de arrependimento e dependência dele.

³¹⁰ BASTOS, 2019, p. 116.

³¹¹ AGRESTE, 2007, p. 14-15.

³¹² AGRESTE, 2007, p. 16.

Como sinal de maturidade e humildade, cabe à Igreja reavaliar constantemente a sua conduta e posturas à luz do Evangelho.

A Igreja de Jesus Cristo não tem justiça própria, mas vive, ela mesma, do perdão que tem a anunciar. Sua dignidade não provém de eventuais méritos próprios, mas lhe é declarada gratuitamente. A Igreja de Jesus Cristo é Igreja cheia de debilidades, fraquezas e fracassos. Ela faz bem em reconhecê-los, a fim de que não incorra no erro de proferir condenações e juízos que não lhe competem. Reconhecendo-se limitada e falha, a Igreja de Jesus Cristo [...], como parte do Corpo de Cristo universal, propõem-se a dar o seu testemunho, em palavras, gestos e ações. Assim fazendo, não se conformam, de maneira fatalista, a seus erros e imperfeições, antes buscam superá-los; evitam, porém, “a construção de uma santidade que se afasta da graça”. Sabedora de que vive da misericórdia divina, a Igreja de Cristo é incentivada e capacitada ao anúncio e à prática da misericórdia. [...] Apenas “uma Igreja que se reconhece como simultaneamente justa e pecadora”, conclui Wachholz, “assumirá a *missio Dei* não como colonização do outro, mas como” instrumento de reconciliação entre Deus e as pessoas, das pessoas entre si e também de cada qual consigo mesmo.³¹³

Uma visão idealista cria a expectativa de que é possível encontrar uma Igreja perfeita, com pessoas plenamente ajustadas e bem resolvidas. Uma Igreja perfeita requer que as pessoas que fazem parte dela também sejam perfeitas. A grande questão é que isso não é possível e nem razoável. Em nenhum lugar dos relatos bíblicos é possível encontrar exemplos de Igrejas que poderiam ser descritas como perfeitas e completamente livres de problemas. Pelo contrário.

[...] o propósito de Deus, através da igreja, não é criar um grupo de pessoas que propaguem e divulguem suas virtudes enquanto indivíduos, mas sim as virtudes de Deus em amá-las, perdoá-las e restaurá-las através da obra de Jesus Cristo.³¹⁴

Apesar do tom aparentemente forte e crítico de Agreste, ele reconhece essa dimensão da Igreja e entende que é um fator importante a ser considerado.

Uma igreja local, nada mais é do que uma comunidade de pessoas ainda marcadas em suas lembranças pelos erros do passado, mas lavadas, santificadas e justificadas pelo sangue de Jesus no presente. Na medida em que são constantemente lembradas e relembradas de quão grande é o amor de Deus por elas, passam a buscar o projeto de Deus para suas vidas. No entanto, elas ainda estão sujeitas aos deslizos, o que faz delas pessoas limitadas e imperfeitas.³¹⁵

Evidentemente isso não pode se tornar um pretexto para posturas conformistas e condescendentes diante dos erros e abusos cometidos pela Igreja e

³¹³ DIETZ, 2022, p. 172.

³¹⁴ AGRESTE, 2007, p. 24.

³¹⁵ AGRESTE, 2007, p. 34.

por pessoas cristãs. Quando certas posturas e práticas afastam as pessoas, prejudicando o testemunho público do Evangelho e promovendo resistência nas pessoas em relação à Igreja, tais posturas e práticas precisam ser repensadas e reavaliadas sob a luz das Sagradas Escrituras. “Fechar os olhos para as opções erradas [...] não é um ato de graça, mas de descaso e irresponsabilidade.”³¹⁶

Ao mesmo tempo, é importante refletir sobre esse fenômeno ou movimento dos “desigrejados” a partir da realidade atual. A resistência às instituições, as relações fluídas e a cultura de consumo fomentam um tipo de experiência religiosa individualizada e que se organiza em grupos que se identificam em torno de conceitos ou tendências bem específicas.

Mais especificamente crescem estes que negam a necessidade de uma estrutura denominacional a princípio, podendo exercer sua espiritualidade de modos diversos. Bomilcar amplia em sua obra quem são esses cristãos sem igreja, apontando desde aqueles que estão dentro da instituição, porém não vivem uma experiência comunitária, até os que se especificam como cristãos sem igreja, os que se reúnem em lares, escritórios, salões parques ou escolas, ou acompanham reflexões via internet. Para o autor, porém, trata-se principalmente de pessoas que estão nesse movimento por modismo, descompromisso, passivos quanto a espiritualidade, cheias de reclames, amarguradas e ingênuas.³¹⁷

Ainda que esse fenômeno ou movimento de pessoas “desigrejadas” careça de pesquisas e estudos aprofundados para melhor compreendê-lo, por se tratar de um tema que ganhou notoriedade recente, o importante para a pesquisa é destacar que fatores internos na Igreja e fatores externos na cultura favorecem o crescimento do número de pessoas “desigrejadas” e que a Igreja cristã precisa considerar a situação ao refletir sobre a sua atuação e missão.

Ao se ocupar do tema dos “desigrejados”, por vezes, a preocupação com a manutenção institucional das Igrejas cristãs acaba sendo o fator preponderante. Ainda que tenha seu lugar e relevância, a preocupação com a manutenção institucional não pode substituir o compromisso e a fidelidade ao Evangelho e o reino de Deus, sob o risco de sucumbir à lógica da cultura de consumo, tornando-se refém das demandas e participe das disputas do mercado religioso. “Não queremos nos deixar levar por um espírito de competição que precisa manchar a reputação de outro para ser bem-sucedido.”³¹⁸ Muito mesmoincorrer no erro de substituir a centralidade do Evangelho

³¹⁶ AGRESTE, 2007, p. 37.

³¹⁷ MACIEL, 2015, p. 89-90.

³¹⁸ DIETZ, 2022, p. 177.

pelos interesses e desejos individuais das pessoas, que buscam experiências religiosas superficiais e sirvam como meio de barganha com Deus.³¹⁹

Igrejas que se deixam fazer reféns da cultura de consumo têm se tornado espaço no qual pessoas se aproximam para, simplesmente, serem servidas. Assim como entrem e se assentam em restaurantes e cinemas da cidade, elas adentram e se assentam nestas igrejas. A expectativa delas é serem servidas com um bom espetáculo (louvor e pregação e terem seus desejos atendidos prontamente (oração). Elas veem a si mesmas como clientes e a igreja como um balcão de prestação de serviços religiosos, comprometidos em alimentar seu egocentrismo.³²⁰

O fenômeno ou movimento dos “desigrejados” evidencia que a atuação cristã não pode ficar restrita às paredes dos templos e espaços religiosos. A Igreja precisa repensar e reavaliar as posturas, linguagem e liturgia se quiser estabelecer contato e promover diálogo e interação com as pessoas no contexto urbano e pós-moderno, como meio de superar as possíveis resistências. Por outro lado, a Igreja precisa ter clareza e convicção daquilo que é essencial e inegociável, ou seja, o Evangelho.

4.1.4 Os desafios da IECLB no contexto brasileiro atual

Verifica-se facilmente que a IECLB também sofreu impacto das transformações que a sociedade brasileira experimentou nas últimas décadas. No caso específico da IECLB, a “partir dos anos 1970 [...] dois movimentos que alterariam profundamente a geografia da sua inserção no país: a expansão da fronteira agrícola e a migração do campo para a cidade.”³²¹

O deslocamento do campo para a cidade também confrontou os luteranos, num grau de intensidade até então inédito em seu meio, com o tema do pluralismo religioso e a diversidade cultural do país. Essa conjuntura motivou diferentes esforços no sentido de articular a teologia luterana com as grandes questões sociais do Brasil e da América Latina.³²²

Dietz observa que as consequências desse movimento para dentro da IECLB fazem com que as pessoas membros sejam “desarraigados de suas localidades e Comunidades de origem, mas não conseguem fincar raízes nas Comunidades das

³¹⁹ DIETZ, 2022, p. 175.

³²⁰ AGRESTE, 2007, p. 59.

³²¹ WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismo brasileiro de rito luterano. In: PEREIRA, João Baptista Borges (Org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 107.

³²² WIRTH, 2012, p. 108.

grandes cidades, perdendo-se, muitas vezes, no anonimato das mesmas.”³²³ Se por muitos anos as Igrejas históricas sobreviveram graças aos laços históricos e familiares transmitidos de geração em geração, como era o caso da IECLB, a realidade atual não é mais tão simples. Com as muitas mudanças socioculturais, tornou-se “cada vez mais difícil a transmissão da tradição da fé de pais para filhos e netos.”³²⁴

A verificação dessa dificuldade que a IECLB enfrenta no atual cenário brasileiro pode ser observada através das estatísticas, que revelam uma queda constante do número de pessoas membros. Gerd Uwe Kliewer, em seu artigo sobre o declínio do crescimento natural da IECLB, identificou que a IECLB não apenas deixou de crescer como Igreja, com base no crescimento natural das famílias, mas decresceu, em grande parte, devido à evasão de pessoas membros.

Entre os membros das paróquias das cidades a reprodução natural já era negativa por volta de 1970. E provavelmente houve, já há mais tempo, um sangramento contínuo das hostes da IECLB, de membros se afastando da sua Igreja e diluindo-se [...].³²⁵

Influenciada por seu histórico, que a caracteriza como uma Igreja de imigração, os impulsos missionários e a inserção da IECLB para outras regiões do Brasil ocorreram, em boa medida, como uma estratégia que visava atender as pessoas membros que migraram em busca das novas fronteiras agrícolas. “Graças à migração, a IECLB está hoje em muitos lugares em que, de outra forma, provavelmente não estaria”.³²⁶

Contudo, diante dos desafios atuais, há consenso no âmbito da IECLB de que essa estratégia missionária não é suficiente nem atende à responsabilidade bíblico-teológica que fundamenta a missão e o testemunho da Igreja. Buscando aprofundar a reflexão sobre a atuação missionária e propondo novas estratégias e possibilidades de atuação missionária, a IECLB se ocupou intensamente nos últimos anos com a elaboração, implementação e fomento de planejamentos de ações missionárias. O Plano de Ação Missionária da IECLB, em suas diferentes versões e estágios, e atualmente o plano de Metas Missionárias, surgem como meios de redirecionar e reformular as compreensões e perspectivas missionárias até então estabelecidas.

³²³ DIETZ, 2022, p. 176.

³²⁴ DIETZ, 2022, p. 177.

³²⁵ KLIEWER, Gerd Uwe. IECLB – O declínio do crescimento natural. *Protestantismo em revista*, v. 5, set./dez. 2004, p. 92.

³²⁶ DIETZ, 2022, p. 176.

Ainda que, na avaliação de Miriam Zimmer, o PAMI tenha sido concebido originalmente por causa da preocupação com a manutenção institucional da IECLB, a iniciativa pode ser considerada o primeiro movimento institucional para atrair novas pessoas membros, sem vínculo étnico e religioso com o protestantismo.³²⁷ O PAMI trouxe para o centro do debate a necessidade de pensar a missão da Igreja numa perspectiva bíblico-teológica luterana.

Martin Dietz, ao analisar as diretrizes dos Planos de Ação Missionária propostos pela IECLB, destaca quais deveriam ser os princípios balizadores fundamentais para a atuação missionária na IECLB.

A missão da qual a IECLB se vê participante é missão de Deus, o Pai Criador, Filho Salvador e Espírito Santificador. A IECLB se compreende, portanto, como instrumento desse Deus apaixonado, que sofre com a perdição, a angústia, a fraqueza e a necessidade não apenas humanas, mas de todas as criaturas. A todas as pessoas Deus faz pregar o Evangelho, de modo que Igreja de Jesus Cristo é, em sua essência, igreja evangelística. O Evangelho testificado em palavra e sacramentos anuncia boa notícia em Cristo, “perdão, vida e salvação”, na linguagem do Catecismo Menor, de Lutero. Evangelização é serviço contínuo da Igreja. Embora possa recorrer a eventos não ordinários, a evangelização faz parte do dia a dia da Comunidade cristã, não se restringindo a acontecimentos pontuais. Proclamação evangelística condizente com o Evangelho – perdoem-me a redundância – se abstém de “apelos e chantagens” e concede ao ouvinte a liberdade de escolha, bem sabendo que a fé não é obra humana, mas dom do Espírito de Deus. Não por último, a evangelização somente pode ter esperança de frutificar quando e onde se der em um espaço de acolhimento por parte da Comunidade em relação a pessoas de fora que com ela entram em contato.³²⁸

Dietz argumenta ainda que a missão da Igreja precisa ser compreendida e plenamente desenvolvida a partir da relação da Igreja com o Cristo crucificado. Usando como referência o texto elaborado por Wilhelm Wachholz, que reflete o tema da missão com base na teologia de Martinho Lutero, Dietz chama a atenção para o que Wachholz “chama de uma ‘missão fraca’ para uma Igreja ‘conformada’ com Cristo, i. e., que carrega a forma de ser de Jesus”.³²⁹

A cristologia é, portanto, a fonte e o critério fundamental para o testemunho e a vida da Igreja. Ela anuncia o Cristo crucificado e vive conforme esse Cristo crucificado. Evita, por isso, força humana, pois sabe que “onde entra a força humana, a força de Deus se retira”. A fraqueza que a Igreja conscientemente toma sobre si diz respeito também ao pecado. A Igreja de Jesus Cristo não tem justiça própria, mas vive, ela mesma, do perdão que tem a anunciar. Sua

³²⁷ ZIMMER, Mirian Andrea. *Assimilação e organização religiosa: Como as igrejas étnicas lidam com a assimilação (estrutural) de seus membros, tendo como base o exemplo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Blumenau: Otto Kuhr, 2014. p. 120.

³²⁸ DIETZ, 2022, p. 169.

³²⁹ DIETZ, 2022, p. 171.

dignidade não provém de eventuais méritos próprios, mas lhe é declarada gratuitamente. A Igreja de Jesus Cristo é Igreja cheia de debilidades, fraquezas e fracassos. Ela faz bem em reconhecê-los, a fim de que não incorra no erro de proferir condenações e juízos que não lhe competem.³³⁰

Essas considerações demonstram que o princípio bíblico, insistentemente debatido na teologia de Lutero, de que cada pessoa cristã batizada é chamada e vocacionada a viver sua fé, servindo a Deus e ao próximo a partir do Evangelho de Jesus Cristo, reforçam a compreensão do ministério e da responsabilidade da Igreja, tanto para a época de Lutero quanto para os nossos dias. A missão da Igreja deve ser refletida e desenvolvida a partir de critérios e motivações apropriados. Quando os fundamentos e princípios que determinam a atuação missionária da Igreja são distorcidos, equivocados ou não se fundamentam no Evangelho de Jesus Cristo, a missão da Igreja é deturpada, o seu testemunho é comprometido e abusos são cometidos em nome da fé cristã. Por isso, faz-se necessário reforçar o que é primordial e inegociável no que diz respeito à missão da Igreja e ao testemunho da pessoa cristã no mundo.

4.2 A MISSÃO NA IECLB E POSSÍVEIS TENSÕES A SEREM SUPERADAS

A visão de David Bosch é que o atual cenário mundial indica um momento de reconfiguração de paradigmas que afetam a missão da Igreja Cristã. De acordo com Bosch, o momento atual é de reformulação e revisão em todos os campos da ciência e do conhecimento, sendo assim, não “era concebível que a igreja, a teologia e a missão cristã permanecessem incólumes.”³³¹ O objetivo deste tópico é chamar a atenção para ambivalências que precisam ser constantemente examinadas e superadas, pois representam uma ameaça constante à missão da Igreja e à atuação cristã no mundo. “Se hoje vivemos tempos de crise que exigem redefinições, de certa forma, é possível afirmar que a renovação da missão se dá justamente nesses períodos”.³³² No contexto da IECLB, identificam-se tensões que precisam ser distencionadas ou superadas para que o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e a atividade missionária da Igreja se desenvolvam sem maiores dificuldades.

³³⁰ DIETZ, 2022, p. 172.

³³¹ BOSCH, 2014, p. 436.

³³² ZWETSCH, 2010, p. 48.

4.2.1 Instituição a serviço da missão ou missão a serviço da instituição?

Uma das principais contribuições da missiologia contemporânea para a reflexão sobre a atuação da Igreja cristã no mundo diz respeito à superação da visão de missão como uma atividade especificamente atrelada e a serviço da instituição eclesiástica. “Deus enviou Jesus Cristo para salvar o mundo, não para fundar e sustentar uma Igreja.”³³³ A atividade missionária cristã não deve ter como prioridade os interesses particulares e a manutenção das instituições eclesiásticas, mas “precisa direcionar o seu olhar e esforço primordialmente para fora, para o mundo, e não para dentro, para si mesma.”³³⁴

Como já destacado, as implicações de colocar a manutenção institucional acima do compromisso de viver e testemunhar o Evangelho no mundo alimentam um clima de rivalidade e competição entre diferentes correntes e denominações cristãs.

[...] na terceira década do século 19, o fervor tanto pela missão quanto pela cooperação declinara. Substitui-o um denominacionalismo novo e, não raras vezes, feroz. [...] Isso significava, naturalmente, que não era mais só “o Glorioso Evangelho do Deus bendito” [...] que se exportava para outros países, mas o luteranismo, os presbiterianismos, o anglicanismo e afins. Nos “campos de missão”, isso levou, inevitavelmente, à rivalidade e à competição, muitas vezes em grande escala.³³⁵

A missão não deve estar a serviço das instituições eclesiásticas, mas toda e qualquer instituição eclesiástica deve estar comprometida e a serviço da *Missio Dei*. A Igreja cristã é resultado da ação missionária de Deus e é chamada e vocacionada a cooperar com Deus no mundo e em favor do mundo. “A própria essência da Igreja é testemunhar o que Deus está fazendo no mundo.”³³⁶

Esse entendimento cria espaços e oportunidades de cooperação, diálogo e troca de conhecimento entre as diferentes correntes e tradições cristãs, pois o que realmente importa é o testemunho do Evangelho e a promoção do reino de Deus, e não os interesses particulares de cada instituição. “Está se desenvolvendo hoje uma nova era ecumênica de missão na qual várias tradições têm muito em comum, mas também têm suas várias contribuições a fazer.”³³⁷

³³³ HEFNER, 1995, p. 243.

³³⁴ HEFNER, 1995, p. 243.

³³⁵ BOSCH, 2014, p. 547.

³³⁶ HEFNER, 1995, p. 243.

³³⁷ GOHEEN, 2019, p. 149.

O compromisso comum, compartilhado por todas as tradições, de fazer missão em unidade exige que todas as comunidades se engajem em diálogo com vistas ao fortalecimento de seu testemunho comum e à remoção de obstáculos à cooperação na tarefa inconclusa.³³⁸

Este novo paradigma missiológico promove com maior vigor a compreensão da Igreja como povo de Deus no mundo, superando a visão da mesma como instituição definida apenas por estruturas e dogmas. “A Igreja como povo de Deus testemunha o Reino e é, ela própria, um antegozo e sinal que aponta para a perfeição futura do Reino.”³³⁹

À medida que as comunidades cristãs compartilham suas mais profundas convicções sobre missão umas com as outras, elas crescerão em confiança e compreensão e descobrirão novas maneiras de manifestar sua unidade essencial na fé, não só através de oração, estudo e culto eucarístico, mas por fim também através de atos de testemunho comum perante o mundo.³⁴⁰

Portanto, a superação da visão de missão que serve à instituição é extremamente oportuna. Uma maneira apropriada de colocar essa visão em prática é por meio do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes numa perspectiva missional. Lutero corrobora com essa proposição ao afirmar que a vida cristã se realiza através de “ações para com outros seres humanos no curso da vida cotidiana no mundo.”³⁴¹

A Igreja que tem sua vocação essencial deve ser entendida como “povo de Deus” (1Pedro 2.8-9) (e não como instituição) que, em sua peregrinação terrena, pode, através do Espírito, valer-se de uma variedade de estruturas, expressões e relações para executar sua missão e ministério no mundo. A adaptabilidade à missão deveria ser um dos testes usados para avaliar as estruturas eclesiais em todos os níveis. À parte do mandato de pregar o evangelho a toda a criação e de administrar os sacramentos, todas as estruturas podem ser consideradas provisórias e sujeitas a mudança e renovação à luz da vocação da Igreja.³⁴²

Uma Igreja que busca ser missional e preparar as pessoas membros para o exercício do sacerdócio geral deve perseverar nessa visão e resistir à tentação de colocar interesses particulares e a autopreservação acima da sua vocação e missão. “Na atual situação global, esta missão [...] precisa ser interpretada como a efetivação na vida do mundo de um testemunho das intenções e do poder de Deus para operar

³³⁸ SCHERER, 1991, p. 172.

³³⁹ SCHERER, 1991, p. 173.

³⁴⁰ SCHERER, 1991, p. 172.

³⁴¹ HEFNER, 1995, p. 244.

³⁴² SCHERER, 1991, p. 173.

a consumação da criação de acordo com a vontade divina.”³⁴³ Ainda que legítimo à IECLB pensar e se preocupar com a sua manutenção e preservação institucional, esse não deveria ser o fator determinante para uma atuação missionária mais propositiva no contexto brasileiro. A fidelidade ao Evangelho e uma presença relevante na realidade brasileira, que serve aos propósitos de Deus, é o caminho apropriado a ser percorrido.

4.2.2 Ministério ordenado e (ou) sacerdócio geral

O guia da vida comunitária da IECLB denominado *Nossa Fé, Nossa Vida*, ao abordar o tema da responsabilidade pelo serviço e testemunho da Igreja cristã no mundo, define que:

Todos nós, como membros da Igreja de Cristo, somos sacerdócio real, representantes de Deus, encarregados por ele mesmo, de proclamar e viver a boa nova da salvação em Cristo no ambiente que vivemos. Os membros da comunidade têm muitos dons, nem sempre conhecidos e despertados. Todos eles devem ser utilizados na busca do alvo da comunidade: ser instrumento da missão de Deus no mundo.³⁴⁴

Nessa formulação, a IECLB enfatiza que a vivência e o testemunho evangélico são responsabilidade de todas as pessoas batizadas e ultrapassam os limites do espaço religioso e eclesial, conectando a vida cristã com o propósito original de Deus para toda a humanidade, que é o de cooperar com Deus para o bem de toda a criação. “O chamado de Deus dirige-se à humanidade em seu todo. [...] O ser humano foi criado para, em responsabilidade perante Deus e em gratidão a ele, usufruir os maravilhosos dons divinos e cuidar da criação.”³⁴⁵

Nesse sentido, a vocação e atuação cristãs precisam transpor os muros da Igreja num movimento intencional e responsável em direção ao mundo, à cidade, às pessoas e suas realidades específicas. Ao mesmo tempo em que as pessoas cristãs desenvolvem as suas muitas atividades e se relacionam com outras pessoas, o propósito de anunciar o Evangelho e revelar os propósitos redentores de Deus para o mundo devem inspirar cada ação e palavra.

³⁴³ HEFNER, 1995, p. 244.

³⁴⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa Fé, Nossa Vida: Guia prático da vida comunitária na IECLB*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 10.

³⁴⁵ BRAKEMEIER, Gottfried. *Vocação e profissão: Reflexões teológicas sobre o ministério na igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2020. p. 13.

Considerando a perspectiva bíblico-teológica sobre a queda é possível afirmar que a “humanidade perdeu a noção de sua razão de ser, de sua destinação, do sentido das coisas”³⁴⁶ justamente porque abandonou seu chamado e sua vocação em Deus. A doutrina bíblica do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes procura resgatar esse sentido de vocação, transformando todo agir da pessoa cristã em testemunho que aponta para os propósitos de Deus para a humanidade e toda a criação. “Por meio de Jesus Cristo, a vocação geral recebe aprofundamento e especificação.”³⁴⁷

Seja adiantado ser esta a incumbência da missão cristã por excelência, a saber, articular o convite de Deus à sociedade humana e lembrá-la de sua vocação. Igreja missionária é aquela que chama as pessoas para dar glória a Deus e promover paz na terra. O alvo da vocação divina é sempre salvação, e isso em sentido amplo.³⁴⁸

Contudo, ainda que a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes tenha recebido grande destaque na teologia do reformador Martinho Lutero e a IECLB a considere como um elemento essencial para a sua atuação missionária, Dietz chama a atenção para a tensão que se percebe dentro da IECLB entre ministério ordenado e liderança comunitária (leiga). “Temos aqui um dos dói-dóis das Igrejas Luteranas. Pois, por um lado, há a sensação de que esse sacerdócio geral não vai muito além de um belo discurso que não se concretiza na prática.”³⁴⁹

Essa tensão se verifica na prática, segundo o argumento de Dietz, no fato de algumas pessoas acusarem a Igreja de promover e favorecer um pastorcentrismo exagerado, alegando que a “IECLB é mais ‘pastorcentrista’ que o monopólio sacerdotal da Igreja Católica.”³⁵⁰ Por outro lado, há quem reclame do poder excessivo dado às lideranças comunitárias, “sem que, ao menos, esse poder seja ladeado por um acréscimo em termos de responsabilidade pela vida da Comunidade e pelo testemunho evangélico.”³⁵¹ Nessa “queda de braço” entre ministério ordenado e sacerdócio geral, quem perde é o Evangelho, e o testemunho da Igreja acaba prejudicado e enfraquecido. É importante distensionar essa ambivalência no sentido de reforçar o que é primordial.

³⁴⁶ BRAKEMEIER, 2020, p. 13.

³⁴⁷ BRAKEMEIER, 2020, p. 13.

³⁴⁸ BRAKEMEIER, 2020, p. 14.

³⁴⁹ DIETZ, 2022, p. 175.

³⁵⁰ DIETZ, 2022, p. 175.

³⁵¹ DIETZ, 2022, p. 176.

Diante dos desafios e das oportunidades que a realidade brasileira apresenta para a atuação missionária da Igreja, como já destacado, o sacerdócio geral numa perspectiva missional quer promover uma visão de Igreja menos focada no “venham até nós” e mais caracterizada pela disposição de “ir ao encontro das pessoas”. Com isso, a missão da Igreja deixa de ser uma tarefa apenas de teólogas e teólogos, centrada em pessoas especializadas ou ordenadas ao ministério eclesial, resgatando-se a responsabilidade todas as pessoas crentes. Porém, ainda que isso esteja claramente definido e expresso no guia de vida comunitária da IECLB, é fácil perceber uma diferença entre o ideal e a prática. Superar essa dificuldade é uma tarefa que se impõe permanentemente à IECLB.

Necessário é, quem sabe, que as bonitas ideias saiam do papel e se tornem realidade no dia a dia das comunidades. Há quem diga que o tema “missão” já chegou à cabeça da IECLB e de seus membros, mas ainda não aos corações e, por conseguinte, às mãos e aos pés. As comunidades e seus fiéis são tímidos e retraídos. Constata-se que há dificuldade de sair da zona de conforto, de se abrir ao que está fora e ir ao encontro de quem é estranho. Talvez, porém, o característico acanhamento não seja necessariamente falta de “coração”, mas apenas expressão de determinada cultura, história ou índole.³⁵²

Mais do que simplesmente mudar a forma de pensar, sentir ou viver o que significa ser Igreja, ou mesmo cair no erro de reduzir o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e a atuação missionária da Igreja em legalismo impositivo e expansionista, é necessário investir num longo e intenso processo de formação e discipulado.

[...] é preciso desenvolver a capacidade de comunicação da Comunidade e da Igreja, a fim de que ela se torne mais visível e audível no meio em que transita e seja perceptível como testemunha, em palavras, gestos e ações, do Cristo crucificado.³⁵³

A formação, capacitação e discipulado devem ajudar as pessoas cristãs a viverem pelo e para o Evangelho na realidade brasileira atual, para que os sinais do reino de Deus e os propósitos redentores de Deus se tornem presentes e perceptíveis em meio a tantas situações de sofrimento, caos, miséria e desordem que afetam as pessoas, as famílias e as cidades como um todo. “[...] treinamento para o discipulado,

³⁵² DIETZ, 2022, p. 170.

³⁵³ DIETZ, 2022, p. 170.

mudanças no estilo de vida e prática efetiva de compartilhamento da fé precisam ocupar um lugar central em toda essa atividade de equipamento.”³⁵⁴

Isso significa que a vivência da vocação não está acoplada a trabalho nem mesmo ao exercício de uma profissão. O que permanece válido, na concepção de Lutero, é o imperativo de moldar a vida a partir da vocação, seja no trabalho ou no lazer, seja em particular ou na família, seja na igreja ou na sociedade. Somos chamados a nos portar como pessoas cristãs em todas as circunstâncias a vida.³⁵⁵

A IECLB investe na visão de ministério compartilhado,³⁵⁶ afirmando que o ministério ordenado e o sacerdócio geral de todos os crentes não são realidades que se sobrepõe uma à outra, mas que cooperam uma com a outra. Tal concepção é sustentada tanto biblicamente quanto pela teologia de Lutero.

O conceito de sacerdócio dos crentes de fato afirma a necessidade do ministério ordenado, ao mesmo tempo que coloca este ministério num relacionamento adequado com o laicato. O conceito não afirma, antes de mais nada, que todo crente é um sacerdote, mas, antes, que qualquer sacerdócio que exista pertence a todos os crentes e funciona em favor deles. Conforme 1Pedro 2.9, todo o povo é e possui sacerdócio. As duas implicações significativas disso são: primeiro, que sacerdotes ordenados são necessários para executar o sacerdócio de todos, e, segundo, que esses sacerdotes não possuem ou controlam o sacerdócio, mas o desempenham em favor de todo o povo de Deus.³⁵⁷

Se é possível identificar pontos de tensão na IECLB entre ministério ordenado e sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, ou mesmo detectar fragilidades na aplicação prática do ministério compartilhado, não se pode ignorar esses fatos. Cabe a Igreja se ocupar seriamente com a situação, buscando meios para superar as tensões e fomentar uma melhor integração nessa relação. Numa visão orgânica de corpo, não se pode esquecer que os “membros complementam-se mutuamente, cada qual com sua função específica. [...] O chamado ao serviço é sempre multiforme, embora individualmente distinto.”³⁵⁸ Somente assim a Igreja poderá cumprir sua missão com integridade e efetividade, dentro e fora de suas paredes.

³⁵⁴ SCHERER, 1991, p. 178.

³⁵⁵ BRAKEMEIER, 2020, p. 16.

³⁵⁶ BRAKEMEIER, 2020, p. 19.

³⁵⁷ HEFNER, 1995, p. 235.

³⁵⁸ BRAKEMEIER, 2020, p. 17.

4.2.3 Sacralização e secularização

Por fim, cabe destacar dois aspectos que, no atual contexto sociocultural, representam uma ameaça permanente para toda e qualquer Igreja cristã em relação à sua missão e atuação no mundo. Michael Goheen as classifica como sacralização e secularização da fé cristã. Segundo Goheen, ao assumir qualquer um desses aspectos, a Igreja cristã se recusa a aceitar sua natureza missionária.

Na primeira, sacralização (ou *igrejismo*), o povo de Deus permanece dentro dos limites da igreja institucional. Ele está focado em seus ritos, linguagem e formas institucionais. Está preocupado apenas com sua vida institucional. Nesse sentido, a igreja tornou-se introvertida e egocêntrica. Na segunda, secularização (ou mundanismo), o povo de Deus está tão imerso no mundo que se assemelha e se conforma às formas idólatras da cultura. Aqui a solidariedade da cultura vence a antítese. Nos dois sentidos, a igreja evita o choque, a ofensa e o sofrimento provocados por um encontro missionário com o mundo.³⁵⁹

Enquanto a secularização pode ser considerada um risco evidente e, portanto, gerar uma atitude mais reativa, a sacralização, por outro lado, torna-se facilmente tolerada devido à sua roupagem religiosa. Isso não significa que a sacralização seja menos prejudicial à missão da Igreja. Ambas representam ameaça reais e colocam em risco a missão da Igreja e a atuação cristã no mundo.³⁶⁰

A secularização, de maneira sutil e acrítica, adentra a Igreja cristã quando a preocupação com o crescimento numérico e o sucesso ministerial se tornam a razão que impulsiona e determina a atuação missionária. No empenho para atrair um maior público e alcançar um crescimento numérico da membresia, evita-se confrontar ou denunciar os ídolos presentes na cultura. Ao invés disso, muitos desses ídolos são trazidos para dentro da Igreja e adaptados à espiritualidade através de uma teologia questionável. “As culturas ocidentais seculares criam ídolos da liberdade individual e isso leva ao colapso da família, ao materialismo desenfreado, ao carreirismo e à idolatria do amor romântico, da beleza física e do lucro.”³⁶¹

Na outra ponta desse tensionamento, muitas Igrejas se encontram acomodadas, numa postura semelhante à de uma associação religiosa, dedicada a

³⁵⁹ GOHEEN, 2019, p. 67.

³⁶⁰ GOHEEN, 2019, p. 68.

³⁶¹ KELLER, Timothy. *Deuses falsos: As promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa*. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 141.

organizar e promover atividades que atendam aos interesses dos seus associados.³⁶² São Igrejas resistentes a qualquer tipo de ajuste ou mudança que valorize ou potencialize as iniciativas e intenções missionárias. Até mesmo a chegada de pessoas “estranhas” é motivo para desconforto.³⁶³

Fazer da exatidão doutrinária, do sucesso ministerial ou da retidão moral um ídolo resulta em conflito interno constante, arrogância, justiça própria e opressão daqueles cuja visão é distinta da nossa. Esses efeitos tóxicos da idolatria religiosa têm levado a uma ampla alienação da religião em geral e do cristianismo em particular.³⁶⁴

Essa tensão não é um fenômeno dos dias atuais e da Igreja contemporânea. No livro dos Atos dos Apóstolos já é possível identificá-la. A Igreja em Jerusalém enfrentou momentos de tensão envolvendo sua atividade missionária. Muitas vezes, essa tensão estava relacionada ao modo como a Igreja lidava com a crescente adesão dos não-judeus à fé cristã. A Igreja de Jerusalém era predominantemente composta por pessoas vindas do judaísmo e fortemente influenciada pela cultura e pela tradição judaica. Ainda que a missão confiada por Jesus àquela Igreja envolvesse o anúncio do Evangelho para diferentes culturas e contextos, houve uma forte resistência das pessoas vindas do judaísmo em deixar Jerusalém e caminhar em direção aos não-judeus. “A igreja caracterizada pelo dinamismo e progresso, passa a ser uma instituição consolidada com o propósito de defender as preferências de seus membros e associados.”³⁶⁵

Uma inserção missionária para além do contexto judaico só foi possível a partir da Igreja de Antioquia, que designou Paulo e Barnabé como missionários entre os gentios.

A igreja de Antioquia representa a resposta de Deus aos cristãos de Jerusalém que tentavam transformar a comunidade de discípulos de Jerusalém em um espaço para o seu próprio bem-estar e subjugado pelas suas preferências pessoais.³⁶⁶

³⁶² AGRESTE, 2007, p. 79.

³⁶³ AGRESTE, 2007, p. 80.

³⁶⁴ KELLER, 2018, p. 144.

³⁶⁵ AGRESTE, 2007, p. 82.

³⁶⁶ AGRESTE, 2007, p. 88.

Com base no livro de George Hunter e trazendo um referencial bíblico-teológico, Ricardo Agreste defende que a Igreja cristã brasileira precisa superar certas barreiras que dificultam o testemunho e a atuação missionária da Igreja.³⁶⁷

A primeira barreira é a barreira da imagem, ou seja, a imagem que as pessoas cristãs constroem, a partir das suas experiências culturais, religiosas e preferências, de pessoas que não fazem parte desse círculo de familiaridades. Essa imagem pode se tornar um fator determinante para uma resistência às pessoas de fora da Igreja. Por outro lado, as pessoas que não estão familiarizadas com a fé cristã também constroem a sua imagem particular das pessoas cristãs, que pode ser negativa ou positiva, dependendo das experiências que tiveram. Nesse sentido, Agreste destaca a necessidade de desconstruir a imagem que as Igrejas midiáticas passam sobre a Igreja cristã, que não condiz com a realidade da maioria das denominações cristãs no Brasil.

A segunda barreira a ser superada é a barreira da subcultura cristã. Agreste escreve que a linguagem, os ritos, as canções e os elementos litúrgicos precisam ser atualizados e conectados com a cultura contemporânea. As pessoas cristãs vivem numa espécie de cultura paralela que se distancia da cultura em que a Igreja está inserida, criando um abismo e comprometendo a contextualização do testemunho e da comunicação do Evangelho por parte da Igreja.

Existe ainda a barreira do próprio Evangelho. A mensagem do Evangelho não é impositiva, mas deve ser compartilhada de tal modo que seja acolhida não por pressão, mas recebida pela fé. A fé não é algo que se produz por meio do conhecimento científico, racional ou por coerção. A fé é fruto da ação sobrenatural de Deus. E, nesse sentido, a Igreja precisa estar consciente desses limites, para não transformar sua atuação missionária e testemunho em ofensivas autoritárias e dominadoras.

Uma última barreira apresentada por Agreste é a do compromisso total. O Evangelho redefine prioridades, princípios e a própria visão de mundo. Essas mudanças constituem uma grande transformação na vida de qualquer pessoa que adere à fé cristã e exige muito comprometimento. Isso nem sempre é fácil de ser assimilado pelas pessoas.

³⁶⁷ AGRESTE, 2007, p. 90-95.

Assim, diante das barreiras que nos são apresentadas por George Hunter podemos concluir que a terceira e a quarta são de responsabilidade exclusiva do Espírito Santo. Não temos muito o que fazer a não ser anunciar o Evangelho com fidelidade. No entanto, o mesmo não podemos dizer da primeira e segunda barreiras. No caso das barreiras da imagem e da cultura são de responsabilidade da igreja. É tarefa zelar para que sua imagem e cultura não se tornem barreiras para o próprio Evangelho.³⁶⁸

As considerações apresentadas até aqui indicam um caminho no sentido de lidar com a tensão da Igreja entre a sacralização e a secularização. Pensando no caso específico da IECLB, elas apontam para o desafio de refletir sua missão e atuação, considerando fatores essenciais como sensibilidade, empatia, flexibilidade e humildade diante da realidade sociocultural brasileira para evitar o risco da sacralização. Ao mesmo tempo, a IECLB é chamada a se manter fiel e comprometida com o Evangelho de Jesus Cristo, assumindo a responsabilidade de compartilhá-lo em cada região e realidade do país, sem receio e constrangimento, não se omitindo, mas confrontando os ídolos da cultura que afrontam o reino de Deus e a sua justiça.

4.3 IGREJA MISSIONAL, SACERDÓCIO GERAL E A RELAÇÃO COM O MUNDO

A missão da Igreja e a atuação cristã no mundo a partir do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes são temas importantes para a IECLB e têm recebido atenção especial nas últimas décadas. O debate está na pauta e os motivos são descritos no documento de apresentação das Metas Missionárias 2019-2024.

Em amor e justiça, Deus cria, preserva, perdoa, salva. Deus está em constante ação. Em constante ação está também a sua Igreja. A Igreja é instrumento do agir de Deus e testemunha o agir de Deus. A missão da Igreja, portanto, é a missão de Deus. Mas o que caracteriza a missão de Deus? Como a Igreja pode desempenhar sua tarefa missionária? Na IECLB, a prática e a reflexão missionária caminham lado a lado. Da reflexão e da prática surgem novos impulsos e orientações para a missão.³⁶⁹

Na apresentação do documento, discorre-se sucintamente sobre o desenvolvimento da reflexão sobre a missão da Igreja no contexto da IECLB, destacando as formulações teológicas e iniciativas práticas que resultaram desse processo e orientaram a atividade missionária da Igreja. A partir do primeiro Plano de

³⁶⁸ AGRESTE, 2007, p. 95.

³⁶⁹ METAS MISSIONÁRIAS 2019-2024 (IECLB). *Metas aprovadas pelo XXXI Concílio da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Curitiba: 17 a 21 out. 2018. "META 1 – Uma Igreja que valoriza o sacerdócio geral, capacita as pessoas e aprofunda a fé para seu testemunho na Igreja e no mundo". p. 4.

Ação Missionária - PAMI I (2000-2008), aprovado no XXII Concílio da Igreja realizado em Chapada dos Guimarães - MT em 2000, o tema da missão ganhou impulso. Desde então, novos programas e diretrizes foram desenvolvidos, como o PAMI II (2008-2012). Já em 2012, com o objetivo de dinamizar e qualificar ainda mais as iniciativas missionárias “foram disponibilizadas as ‘Linhas Mestras do Plano Operacional’ e o ‘Roteiro para o Planejamento Comunitário’.”³⁷⁰ Atualmente, a IECLB trabalha com o plano de Metas Missionárias. As reflexões e propostas apresentadas ao longo desse período não significam suplantação de modelos ou descontinuidade, mas se mostram como um processo de maturação e avanço a partir das experiências adquiridas e estudos aprofundados.³⁷¹

Uma vez que a IECLB entende o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes como um elemento essencial para a missão da Igreja, conforme prevê a elaboração da Meta 1 do plano de Metas Missionárias, o presente capítulo pretende apresentar contribuições com base nos estudos realizados até aqui, tendo em vista a formação e capacitação para a ação missionária na e a partir da IECLB. Para evitar o risco de incorrer em redundâncias, tendo em vista as elaborações e reflexões já desenvolvidas nos capítulos anteriores, pretende-se apresentar de maneira objetiva três pontos considerados relevantes para a atuação missionária da Igreja, considerando o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes numa perspectiva missional.

4.3.1 A centralidade do Evangelho

Ao analisar a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero e os aspectos bíblico-teológicos sobre a Igreja missional, constata-se que o elemento fundamental convergente entre as duas construções teológicas é a centralidade do Evangelho de Jesus Cristo, que dá sentido à vida e à atuação cristã no mundo. “É preciso que o evangelho seja encarnado em todas as áreas da vida.”³⁷²

Na compreensão de Lutero, a Igreja não é uma invenção humana, mas divina. “Lutero via a igreja, como uma instituição, como uma das ordens encarregadas por

³⁷⁰ METAS MISSIONÁRIAS 2019-2024 (IECLB), 2018, p. 4.

³⁷¹ METAS MISSIONÁRIAS 2019-2024 (IECLB), 2018, p. 5.

³⁷² GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 215.

Deus, desde a criação”.³⁷³ A instituição da Igreja e o mandamento do sábado, segundo Lutero, serviam como meios para que a pessoa crescesse no conhecimento de Deus, cresse nele e lhe prestasse culto.³⁷⁴ Assim, a Igreja surge como resultado da Palavra de Deus e a sua existência e atuação no mundo está intimamente atrelada a essa Palavra e serve aos propósitos de Deus. “A igreja é um instrumento para permitir que a Palavra de Deus seja anunciada para toda a criação e para que a resposta humana possa ser expressada.”³⁷⁵

A realidade da queda, porém, colocou a pessoa humana num estado de rebelião contra Deus, que se manifesta na desconfiança em relação à Palavra de Deus e ao próprio Deus. “Verdadeiramente, a incredulidade e a dúvida são a fonte de todo pecado, quando nos afastamos da Palavra. Como o mundo está cheio disso, ele permanece em idolatria, nega a verdade de Deus e inventa um novo deus.”³⁷⁶ A queda não afetou apenas a relação da pessoa humana com Deus, mas gerou caos e desordem em toda a criação, como já destacado. “[...] todos os males resultam da incredulidade ou da dúvida em relação à Palavra e a de Deus.”³⁷⁷ No âmbito da criação, todas as relações foram profundamente afetadas. A quebra na relação de confiança entre a pessoa humana e Deus não comprometeu apenas a relação entre Criador e criatura, mas impactou todas as relações horizontais também, que envolve a criação como um todo.

No entanto, Deus não rejeitou e nem desistiu da sua criação., Buscando restaurá-la ao seu estado original de perfeição e ordem, agiu para salvá-la. A redenção da criação, na teologia de Lutero, se refere à ação amorosa e poderosa de Deus num movimento deliberado para restaurar a criação à sua condição pré-queda. O plano amoroso e redentor de Deus, centrado na pessoa e na obra de Jesus Cristo, busca restaurar o governo amoroso de Deus sobre toda a sua criação e promover uma reconciliação geral.

Pois a verdadeira vida é unicamente aquela que se vive diante de Deus. [...] fica claro que a natureza humana, depois da queda, não podia remover o pecado por suas próprias forças, nem evitar os castigos do pecado e da morte, nem recuperar a obediência perdida, pois, para isso, requerem-se um

³⁷³ WESTHELLE, Vítor. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017. p. 52.

³⁷⁴ LUTERO, 2020, p. 116.

³⁷⁵ WESTHELLE, 2017, p. 52.

³⁷⁶ LUTERO, 2020, p. 172.

³⁷⁷ LUTERO, 2020, p. 171.

poder e força superiores aos dos seres humanos. Por isso foi necessário que o Filho de Deus se tornasse sacrifício para realizar essas coisas por nós, para remover o pecado, devorar a morte e restituir a obediência perdida. Possuímos esses tesouros em Cristo, mas na esperança. [...] a morte será removida, o pecado será abolido, e a justiça, a vida e a paz serão restauradas.³⁷⁸

Essa é a boa nova de Deus para o mundo. A pessoa e a obra Jesus Cristo são o cerne do Evangelho, o qual a Igreja é chamada a testemunhar e no qual ela mesma redescobre o seu sentido de ser e existir. A obra redentora de Jesus, por meio da cruz, envolve toda a criação de Deus e desafia a Igreja e a pessoa cristã para uma postura propositiva em relação ao mundo, de modo que o seu testemunho e ações sejam condizentes com essa verdade e apontem para ela. “Para Lutero, [...] a missão é a tarefa essencial da Igreja em todas as épocas, mas somente pode fazer missão uma Igreja que está, ela própria, fundamentada no evangelho.”³⁷⁹ A esperança e a verdadeira liberdade decorrentes da confiança na reconciliação da pessoa pecadora com Deus, bem como a promessa de superação de todas as consequências do pecado, resultam única e exclusivamente da pessoa e obra de Cristo e não de méritos e esforços da pessoa humana.

A igreja não procura seu próprio incremento ou ampliação, mas apenas a consumação querida por Deus – manifestada em Cristo – para o mundo e a criação. Sua preocupação constante deve ser a busca da expressão do Reino querida por Deus sob as condições da história.³⁸⁰

Ao explicar como a Igreja e a pessoa cristã comunicam essa mensagem no mundo, em meio à tensão entre as realidades da queda e redenção, Lutero ensina que a pregação cristã se dá por meio da devida distinção entre a lei e o Evangelho. “A pregação cristã é o acontecimento entre lei e evangelho. [...] na efetiva distinção entre lei e evangelho se realiza a salvação”.³⁸¹ A lei traz consigo as exigências de Deus, as quais são impossíveis de serem atendidas pela pessoa pecadora. “Ensimesmado na incredulidade, o ser humano é incapaz de dar a Deus a honra que lhe é devida e permanece cego em relação ao seu próximo”.³⁸² Evidencia-se, assim, a total incapacidade e decadência humana que gera angústia e o desespero. Segundo Lutero, somente em meio à angústia e o desespero é que o Evangelho aponta para a

³⁷⁸ LUTERO, 2020, p. 213.

³⁷⁹ SCHERER, 1991, p. 44.

³⁸⁰ SCHERER, 1991, p. 65.

³⁸¹ EBELING, 1988, p. 92.

³⁸² DIETZ, 2022, p. 173.

radicalidade da graça de Deus. Quando a pessoa se reconhece perdida e incapaz de realizar as exigências da lei de Deus, tornando-se consciente da sua culpa e completa falência, pode, pela fé, descansar nas promessas de Deus. “Pois diante de Deus o ser humano não é agente; só pode corresponder-lhe devidamente, pela fé.”³⁸³

A atuação cristã no mundo é, então, compreendida a partir dessa nova condição que se descortina para a liberdade, na qual a pessoa toma consciência de que não precisa conquistar a salvação por si mesma, mas, uma vez impactada e alcançada pelo Evangelho, ela interage com o mundo a fim de testemunhar e anunciar os feitos poderosos e graciosos de Deus, em serviço amoroso dedicado a Deus, às pessoas e à criação.

A vida cristã deve ser compreendida como uma fé, uma visão, uma esperança, um posicionamento básico frente à vida produzido pela ação de Deus em Jesus Cristo, levando, subseqüentemente, a atitudes e ações no mundo em prol dos outros.³⁸⁴

A reflexão teológica sobre a Igreja missional segue o mesmo caminho. “Tendo como pano de fundo a boa criação que foi corrompida pelo pecado, Deus inicia uma longa jornada para restaurar toda a criação e a vida humana da devastação causada pelo pecado.”³⁸⁵

O evangelho que Jesus prega é um evangelho do reino: em Jesus, Deus está decididamente agindo com amor e poder para restaurar toda a criação e a totalidade da vida humana de modo que vivam novamente sob o seu governo. A missão da igreja é tornar conhecida essa salvação e convidar outras pessoas a participarem dela mediante a fé em Jesus, o Senhor Cristo.³⁸⁶

A visão abrangente da redenção como uma realidade cósmica é uma marca significativa de uma Igreja que procura ser missional. A relação da pessoa cristã com o mundo não se dá de maneira arrogante e prepotente, como que se pertencesse a uma casta de pessoas superiores e mais “santas”, que nada, ou pouco, tem a ver com a realidade do mundo presente.

Isso significa que a salvação de Cristo não apenas salva a nossa alma para que escapemos do sofrimento sobre o mundo físico. Antes, o objetivo final é

³⁸³ EBELING, 1988, p. 95.

³⁸⁴ FORDE, 1995, p. 403.

³⁸⁵ GOHEEN, 2014, p. 229.

³⁸⁶ GOHEEN, 2019, p. 190.

a renovação e a restauração do mundo físico, bem como a redenção da nossa alma e do nosso corpo.³⁸⁷

Resumindo, o sacerdócio geral de todos os crentes, numa perspectiva missional, tem como fundamento o Evangelho de Jesus Cristo. Tendo em vista a restauração e a redenção de todas as pessoas e da criação como um todo, a Igreja age no mundo não com o objetivo de promover a si mesma, mas o seu testemunho, por meio de palavras e ações concretas, aponta para a obra redentora e restauradora de Jesus Cristo por meio da cruz.

4.3.2 A importância da comunidade local

Analisando especificamente a realidade da IECLB, a grande questão que se apresenta no horizonte é como desenvolver o sacerdócio geral de toda as pessoas crentes em meio a tantas mudanças e diferenças socioculturais presentes na realidade brasileira. Sendo o Brasil um país de dimensões continentais, muito diverso cultural e socialmente, o testemunho do Evangelho e a inserção cristã na sociedade exigem que se considerem as múltiplas realidades e contextos. Assim sendo, a comunidade local tem um papel fundamental no processo de formação e capacitação para o exercício do sacerdócio geral numa perspectiva missional. “Na verdade, se a igreja quiser ser fiel nesse chamado, será essencial que a congregação local desempenhe um papel central no sentido de apoiar, treinar e preparar o povo de Deus para o seu chamado.”³⁸⁸

Grande parte da vitalidade concedida aos primeiros órgãos de ação ecumênica deveu-se ao fato de que os eclesiásticos profissionais eram contrabalançados por um grupo considerável de leigos muito competentes de áreas comerciais, governamentais e religiosas. [...] a principal realidade que temos que considerar na busca por um impacto cristão na vida pública é a congregação cristã. Como é possível que o evangelho seja crível, que as pessoas passem a crer que o poder que tem a última palavra nas questões humanas é representado por um homem pendurado na cruz? Estou sugerindo que a única resposta, a única hermenêutica do evangelho, é uma congregação de homens e mulheres que creem nisso e vivem para isso.³⁸⁹

São as comunidades locais que têm condições de promover e fomentar o sacerdócio geral numa perspectiva missional, quando nutrem as pessoas com a Palavra de Deus e os sacramentos, investem na formação das suas lideranças com o

³⁸⁷ KELLER, 2014, p. 43-44.

³⁸⁸ GOHEEN, 2019, p. 207.

³⁸⁹ NEWBIGIN, 2016, p. 291.

objetivo de prepará-las para viver o seu chamado e sua vocação a partir do Evangelho. É na comunidade local que se encontram os elementos e as situações vivenciais que permitem contextualizar o Evangelho e dão condições para que a Igreja desenvolva sua atuação de modo relevante, identificando os desafios e situações que afrontam os princípios e valores do reino de Deus, podendo, assim, denunciá-los e promover ações que transformem a realidade, com base no Evangelho.

Ser missional hoje requer que os cristãos leigos sejam preparados para três coisas: 1) para ser testemunha do evangelho por meio de palavras, em seus relacionamentos, 2) para amar o próximo e fazer justiça em seus bairros e cidade, 3) para integrar a fé ao trabalho com o objetivo de, assim, se engajarem na cultura por meio de suas profissões.³⁹⁰

Se um plano de ação missionária preconiza o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, então, as comunidades locais não podem ser vistas e nem tratadas como espectadoras passivas do processo de planejamento missionário, mas como protagonistas, pois é nas comunidades locais que as pessoas estão e é lá que o Evangelho se encontra com a realidade concreta da vida.

A adaptabilidade à missão deveria ser um dos testes usados para avaliar as estruturas eclesiais em todos os níveis. À parte do mandato de pregar o evangelho a toda a criação e de administrar os sacramentos, todas as estruturas podem ser consideradas provisórias e sujeitas a mudança ou renovação à luz da vocação da Igreja.³⁹¹

Ao mesmo tempo, é na comunidade local que o ministério ordenado e o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes se encontram, interagem e se edificam mutuamente. “O ministério ordenado existe com o propósito de lembrar a Igreja de maneira explícita de sua natureza, metas e missão.”³⁹² O sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e o ministério ordenado não estão em contraposição um ao outro, mas numa relação de codependência, uma vez que ambos fazem parte do ministério maior de Deus, que é promover o Evangelho de Jesus Cristo no mundo. Ambos podem ser interpretados como meios pelos quais o mundo pode conhecer seu destino e propósito dado por Deus.³⁹³

Martinho Lutero teve que se posicionar em seu tempo entre dois extremos. De um lado, o clericalismo exacerbado da Igreja Católica medieval que restringia o

³⁹⁰ KELLER, 2014, p. 322-323.

³⁹¹ SCHERER, 1991, p. 173

³⁹² HEFNER, 1995, p. 233.

³⁹³ HEFNER, 1995, p. 232.

ministério da Igreja como um direito exclusivo da classe clerical, tornando as pessoas reféns e dependentes do ministério ordenado. Por outro lado, os entusiastas que rejeitavam a legitimidade do ministério ordenado, o que criou caos e confusão. Na IECLB também há tensão entre o ministério ordenado e o sacerdócio geral. Ao tentar diluir essa tensão, corre-se o risco de pender para um dos lados, clericalismo ou laicismo. Independentemente de para qual lado se pende, o dano à missão da Igreja é certo. A situação exige equilíbrio, discernimento e humildade para reconhecer as posturas equivocadas de ambos os lados. Como bem observa Keller, o exercício efetivo do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes em nossos dias exige a disposição de se “vencer o clericalismo e a passividade leiga da cristandade.”³⁹⁴

4.3.2 Comunidades relevantes

Ao tratar do tema do sacerdócio geral, Lutero se viu diante da necessidade de superar a concepção dualista predominante em seu tempo que dividia a realidade entre espaços sagrados e profanos, reino espiritual e mundano, esfera religiosa e secular. Ao invés de manter a separação entre as realidades, Lutero preferiu fazer a distinção. O resultado dessa reflexão pode ser apreendido a partir da doutrina dos dois reinos e dos três estamentos. “O ser humano cristão testemunha, pela fé, no âmbito dos estamentos, a saber, da *oeconomia*, *politia* e *ecclesia* a esperança da restauração de todas as coisas.”³⁹⁵

Lutero chamou essas instituições de *larvae*, máscaras através e pelas quais Deus age como através de instrumentos. [...] Para Lutero elas não formavam classes, estratos ou castas discretamente separadas umas das outras, mas eram funções na sociedade humana, na qual todas as pessoas participam de uma ou outra forma, tanto passiva quanto ativamente. Como ele considerava a igreja não consistindo apenas da classe sacerdotal, mas de todas as pessoas que prestam culto, assim também é com o domicílio e o governo civil.³⁹⁶

Partindo do princípio da soberania de Deus, Lutero entende que tanto a esfera espiritual quanto a secular são meios pelos quais Deus age e mantém o mundo. Ainda que Lutero faça uso da distinção entre as realidades espiritual e secular, o reformador não as entende como espaços totalmente separados e sem nenhuma relação. Desse

³⁹⁴ KELLER, 2014, p. 322.

³⁹⁵ WACHHOLZ, 2017, p. 20.

³⁹⁶ WETHELLE, 2017, p. 52-53.

modo, o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, de acordo com Lutero, se dá através da plena liberdade e cooperação com Deus no mundo.

[...] através da cooperação do ser humano nos três estamentos, o regimento espiritual é feito secular e o secular, espiritual. Dessa forma os três estamentos implicam desconstrução de muros que visam afirmar um mundo fechado, seja “espiritual” ou “profano”. A rigor, um mundo fechado profano e outro espiritual não existem. Por essa razão Lutero denunciou o monasticismo medieval pela sua concepção antimundana.³⁹⁷

Martinho Lutero argumenta que a pessoa cristã, sendo totalmente livre, assume a condição de serva, não porque precisa se justificar diante de Deus ou do mundo, mas por causa do amor que nasce da confiança em Deus e na sua Palavra. Assim, pelo batismo, a pessoa cristã é chamada e vocacionada a exercer o sacerdócio geral em cada lugar e contexto, em confiança e compromisso com o Evangelho.

Por tal fé o fim e o objetivo são dados, e podemos começar a crer na bondade de ser criatura, a esperar “por enquanto” pela vinda do Reino em sua plenitude. O eu nos é devolvido como boa criação; concede-nos tempo para este mundo, para esta criação. [...] Ser salvo, curado, é receber de volta a criação como dádiva de Deus, é ganhar novamente tempo para ela, espaço para viver, alegrar-se e glorificar o Criador. [...] Isso acontece quando o fim e a meta são dados em Cristo.³⁹⁸

Desse modo, a relevância e o impacto do testemunho da Igreja são determinados pelos gestos, atos de amor e pela inserção comprometida em direção ao mundo, que se “concretizam através dos diferentes ministérios e das diferentes tarefas no mundo”³⁹⁹, impulsionados sempre pelo Evangelho. É a postura que Timóteo Carriker identificou ao analisar o impacto que a Igreja cristã promoveu nos primeiros séculos de sua formação no contexto do Império Romano. Para Carriker, dois valores fundamentais determinaram a atuação cristã e fizeram com que a Igreja conquistasse a adesão de muitas pessoas naquela época. Os dois valores identificados por Carriker são o amor em ação e a graça abundante.⁴⁰⁰

Seguindo em sua argumentação, Carriker enfatiza que uma Igreja que procura ter uma inserção missionária no mundo deve levar em conta esses dois valores, pois são elementos constitutivos do próprio Evangelho e dele resultam.

³⁹⁷ WACHHOLZ, 2017, p. 23.

³⁹⁸ FORDE, 1995, p. 457.

³⁹⁹ WACHHOLZ, 2017, p. 25.

⁴⁰⁰ CARRIKER, 2018, p. 25.

O impacto do reino de Deus não é mera questão de métodos e estratégias. Se fossem assim, outros grupos estariam avançando melhor que a gente. Mas acima de tudo, é uma questão de conteúdo. A nossa mensagem é a graça revelada na crucificação e ressurreição de Jesus e vivida diariamente pelo Espírito Santo. Somente a graça pode nutrir o amor do povo de Deus pelo seu próximo, o que, por sua vez, abre caminho para o anúncio efetivo do evangelho e a transformação que ele promove na vida daqueles que nele creem.⁴⁰¹

Esses dois valores fundamentais desafiam a Igreja a uma postura humilde e respeitosa em sua atuação e testemunho, já que a Igreja e a pessoa cristã se colocam diante do mundo não de forma arrogante e autoritária, mas servil e voluntária, com base numa fé que se mostra ativa através do amor. Newbigin segue a mesma linha de raciocínio e cita a postura de Jesus ao longo do seu ministério na Palestina, defendendo que, numa “necessária reação contra a ideia de uma igreja que age como vice-rei de Deus na terra, uma igreja triunfalista, temos nos últimos anos enfatizado o papel servil da igreja.”⁴⁰²

Se entendermos de verdade o nosso chamado [...] à luz do evangelho e o cumprirmos fidelidade, não somente estaremos apontando para o Senhor da criação e da restauração, mas também amaremos nosso próximo. É a justiça, a paz, a alegria e a justiça do reino de Deus que propiciam o pleno desenvolvimento da vida humanam e são essas dádivas para a sua criação que Deus confiou a nós para o bem do nosso próximo.⁴⁰³

A visão dualista do mundo prevaleceu por muito tempo dentro da Igreja cristã, com impactos profundos na relação da pessoa cristã com o meio em que estava inserida. A partir da modernidade, a visão dualista do mundo, que dividia a realidade entre as esferas sagrada e secular, foi substituída pela visão dualista que dividia a realidade entre as esferas pública e privada.

Como o evangelho não é acessível à comprovação por meio do método científico, sua mensagem foi basicamente relegada ao mundo inferior de simples valores privados, opiniões subjetivas e preferências pessoais. [...] A percepção pública do papel da igreja mudou [...].⁴⁰⁴

Como resultado, a vida cristã foi compartimentalizada e a fé se tornou um elemento vinculado à esfera privada, enquanto o trabalho e outras ocupações dizem respeito à esfera pública. A vida cristã ficou restrita e confinada aos espaços religiosos e âmbitos eclesiais.

⁴⁰¹ CARRIKER, 2018, p. 36.

⁴⁰² NEWBIGIN, 2016, p. 288.

⁴⁰³ GOHEEN; BARTHLOMEW, 2016, p. 214.

⁴⁰⁴ GOHEEN, 2014, p. 30.

A realidade atual apresenta mudanças significativas nesse sentido, com uma abertura maior para diferentes expressões religiosas e um interesse crescente pela espiritualidade. Nesse sentido, o desafio para a Igreja cristã é preparar as pessoas cristãs para uma inserção intencional na realidade em que se encontram. “Os vizinhos têm de ver a igreja como uma sociedade que serve e que de modo sacrificial dedica seu tempo e finanças para o bem comum da cidade.”⁴⁰⁵ O sacerdócio geral deve incorporar os conceitos bíblicos e reformatórios que comprometem a pessoa cristã com o mundo, agindo em cooperação com Deus para a preservação, promoção e valorização da vida humana e da criação como um todo. Ao mesmo tempo que testemunha o Evangelho de Jesus, que dá sentido e razão para a sua atuação no mundo, o “serviço sacrificial da igreja missional mostra ao mundo, então, uma ‘terceira via’ entre o egocentrismo individualista que o secularismo pode gerar e a autorretidão tribal que a religião pode gerar.”⁴⁰⁶

4.3.3 Comunidades de contraste

Vítor Westhelle, ao refletir sobre a relação da Igreja cristã com mundo, reforça o caráter escatológico do reino de Deus. Isso significa que a Igreja está no mundo e, ao mesmo tempo, ora para não ser do mundo.⁴⁰⁷ “A Igreja é o espaço híbrido da adjacência entre o velho *éon* e o novo”.⁴⁰⁸

No íterim entre a ressurreição de Cristo e seu retorno, a Igreja deve permanecer comprometida com a dúlice tarefa de proclamar a fé [...] e, ao mesmo tempo, testemunhar o Reino e se preparar para o retorno de Cristo no sentido mais abrangente (incluindo a oração pelo Reino e a denúncia das forças demoníacas que se opõem ao Reino). O resultado final pertence à providência divina.⁴⁰⁹

Aqui se faz necessário retomar o princípio de Lutero sobre a pregação cristã. A mensagem cristã se apresenta não apenas à pessoa humana, mas também diante das estruturas e organizações do mundo atual, como lei e Evangelho. Isso significa que a Igreja, em sua atuação e inserção no mundo, por meio do sacerdócio geral, não

⁴⁰⁵ KELLER, 2014, p. 323.

⁴⁰⁶ KELLER, 2014, p. 324.

⁴⁰⁷ WESTHELLE, 2017, p. 151.

⁴⁰⁸ WESTHELLE, 2017, p. 154.

⁴⁰⁹ SCHERER, 1991, p. 174.

pode assumir uma postura ingênua e acrítica em relação à cultura. A realidade cultural do mundo não é neutra e tão pouco isenta dos impactos da queda.

A igreja [...], se deseja mesmo ter um encontro missionário com a cultura ocidental, precisará confrontar os ídolos da sociedade e lidar de modo especial com a maneira como a modernidade transforma felicidade e autorrealização em absolutos. Uma das manifestações desse ídolo é o materialismo: consumismo e ganância que levam à injustiça.⁴¹⁰

Uma Igreja que visa promover o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes numa perspectiva missional precisa investir na formação de pessoas cristãs que desempenham um papel relevante dentro e fora dos âmbitos eclesiais. Pessoas capazes de fazer uma leitura crítica da realidade, discernindo, com base nas Sagradas Escrituras, as iniciativas e estruturas “idólatras”, sejam elas políticas, econômicas ou religiosas, que confrontam ou pervertem os princípios e valores do reino de Deus, colocando em risco a dignidade humana e a integridade de toda a criação.

A cruz e a ressurreição vistas juntas significam tanto juízo como graça, tanto ira como paciência sem fim. Deus ainda sustenta as estruturas; sem elas o mundo estaria em colapso e a vida humana seria impensável. Mas as estruturas perdem seu poder pretensamente absoluto. Nada agora é absoluto, exceto Deus como ele é conhecido em Jesus Cristo; todas as demais coisas são relativizadas. Esse é o ponto crucial do pensamento cristão e o ponto de partida para a ação cristã nas questões do mundo.⁴¹¹

O caráter profético da Igreja denuncia e acusa o mundo e suas estruturas corrompidas a partir da lei, para que o Evangelho penetre nos espaços e promova transformação e mudança de realidade. Através de atos de justiça e misericórdia decorrentes do Evangelho de Cristo, a Igreja promove o reino de Deus e torna visíveis os sinais da presença do reino vindouro no mundo.

Eis a vocação e a missão da Igreja, o caminho no qual o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes abençoa não apenas a Igreja internamente, envolvida e preocupa com sua própria manutenção e interesses, mas se torna sal da terra e luz do mundo, sendo instrumento de bênção para todos os povos da terra, a partir do contexto em que está inserida. Uma Igreja missional, que promove o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, tem como fundamento e principal motivação o anúncio do Evangelho e está comprometida com a promoção do reino de Deus. Enquanto aguarda a concretização efetiva do reino, inclui, perseverantemente em suas preces

⁴¹⁰ KELLER, 2014, p. 321

⁴¹¹ NEWBIGIN, 2016, p. 267.

dominicais, o clamor pela sua vinda, inspirada e motivada pela oração que Jesus ensinou aos seus discípulos e discípulas.

5 CONCLUSÃO

O estudo sobre a doutrina do sacerdócio geral de todos os crentes na teologia de Martinho Lutero é desafiador em razão de sua abrangência e profundidade. A quantidade de material e ênfases desenvolvidas pelo reformador oferecem inúmeras possibilidades de aprofundamento e aplicações, tanto para a relação da pessoa cristã com Deus, assim como com as demais pessoas e a criação como um todo. O modo abrangente e profundo como Lutero se ocupou com o tema, ainda que influenciado pelos aspectos históricos e contextuais do seu tempo, faz com que as suas considerações permaneçam atuais e relevantes, oferecendo contribuições significativas para a atuação missionária da Igreja e a atuação cristã no mundo ainda hoje. Isso fica comprovado na possibilidade de estabelecer conexões e aproximações entre as posições de Lutero e as reflexões missiológicas atuais sobre a Igreja missional. O princípio fundamental para Lutero é que o sacerdócio geral resulta da fé que une a pessoa com Cristo. Consequentemente, o testemunho e a missão da Igreja não ocorrem de forma impositiva, arrogante e autoritária. A pessoa cristã vive no mundo em cooperação com Deus. O Criador não se ocupa despreziosamente com a sua criação, mas está comprometido com a restauração e redenção de todas as consequências da queda e rebelião humana. A Igreja cristã é chamada a anunciar e testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo em todos os lugares e contexto. A partir de uma fé viva e ativa, que promove a Cristo em todas as áreas da vida, o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes é eficaz e impactante.

O sacerdócio geral, numa perspectiva missional, reforça o princípio bíblico de que a Igreja cumpre o seu chamado e a sua vocação por meio de uma inserção intencional no mundo. A atuação cristã e toda a atividade da Igreja têm como fundamento o Evangelho de Cristo. A Igreja missional se vê como uma comunidade de pessoas chamadas do mundo pela fé no Evangelho e enviadas ao mundo para viver e testemunhar esse Evangelho por meio de palavras e ações, em suas muitas ocupações e relacionamentos. A habilidade de contextualizar o Evangelho e de anunciá-lo de maneira bíblica e coerente permite que a pessoa cristã no mundo, a partir do discipulado com Cristo, sirva como luz do mundo e sal da terra, a partir de uma visão muito bem definida do seu papel e vocação no mundo. O debate atual sobre a Igreja missional permite estabelecer estreitas relações com a doutrina do sacerdócio

geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero, pois ambas resgatam o princípio bíblico de que a Igreja cumpre seu papel no mundo não apenas quando se reúne em horários predeterminados e no templos religiosos, pois o sacerdócio geral desafia as pessoas crentes em Jesus a uma vida que encarne o Evangelho e o torne real e perceptível em todas as esferas da vida, seja pública ou privada.

Uma vez que a IECLB entende que o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes é um elemento essencial para a sua inserção e atuação missionária no contexto brasileiro, a formação e capacitação das pessoas membros precisa considerar esses aspetos fundamentais. As pessoas cristãs são chamadas a viver e testemunhar a sua fé e vocação em todos os espaços e em todo o tempo. A relação da pessoa cristã com o mundo e com outras as pessoas ao longo da semana é reflexo e uma extensão do seu encontro com a Palavra de Deus e da comunhão com outras pessoas cristãs no domingo. Desta forma, a Igreja não está confinada e limitada pelas paredes do “templo”, mas está a serviço de Deus no mundo.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernadette Siqueira (org). *História da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

AGRESTE, Ricardo. *Igreja? Tô fora*. Santa Bárbara do Oeste: Socep, 2007.

ALVARENGA, L. F. C.; NINA E SILVA, C. H. Religião pós-moderna no Brasil? *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 9, n. 23, p. 916-931, 20 dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/2461>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ANIZOR, Uche, VOSS, Hank. *Representing Christ: A vision for the priesthood of all believers*. Downers Grove: IVP Academic, 2016. E-book (178 p.).

ARAGÃO, Gilbraz S. A Igreja na cidade pós-moderna. *Revista de teologia e ciências da religião* da Universidade Católica de Pernambuco, ano 2, n. especial, p.181-233, jan. 2003. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4509/4509.PDF>. Acesso em: 30 mar. 2023.

BASTOS, Regina. Os desigrejados e a despercebida importância da Igreja. *Teologia e Espiritualidade*, Curitiba, v. 6, n. 11, p. 113-126, jun. 2019. Disponível em: <https://faculdadecristadecuritiba.com.br/wp-content/uploads/2020/09/Artigo-8-Regina.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: uma atualização*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

BAYER, Oswald. *Viver pela fé: justificação e santificação*. Tradução de Enio R. Mueller. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BENTLEY, Wessel. Karl Barth's understanding of mission: The Church in relationship. *Verbum et Ecclesia* University of Pretoria, South Africa, v. 30, n. 1, p. 25-49, 17 Jul. 2009. Disponível em: <https://verbumeteclesia.org.za/index.php/ve/article/view/62>. Acesso em 17 de out. 2022.

BOSCH, David. *Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão*. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. 4. ed. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2014.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Vocação e profissão: Reflexões teológicas sobre o ministério na igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2020.

BRASILEIRO, Ricardo Adriano Massaro. Cristianismo primitivo rumo à institucionalização: Contexto imperial romano (séc. I). *Passagens: Revista Internacional de História Política Jurídica*, Rio de Janeiro, v. 13, nº 3, set./dez. 2021.

p. 551-572. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/revistapassagens/article/download/46141/30099/178773>.

Acesso em: 08 fev. 2023.

CARRIKER, Timóteo. *O que é Igreja missional: modelo e vocação da Igreja no Novo Testamento*. Viçosa: Ultimato, 2018.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Pós-modernidade e agenciamentos trajetivos: passagens insituáveis para uma educação estético-ético-política. *Revista Dialectus*. Universidade Federal do Ceará, ano 10, n. 22, jun. 2021. p. 42-63. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/71230>. Acesso em: 12 abr. 2023.

COCCARO, Giuliano Letieri. Pregando num “mar de mudança”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Lesslie Newbigin. *Tear online*. São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 4-26, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/tear>. Acesso em: 06 out. 2022.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. Teologia e pensamento decolonial: em busca de novos lugares para a enunciação da fé cristã. *Interações*, Belo Horizonte, Brasil, v. 16, n. 01, p. 132-148, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/23201>. Acesso em 13 de jun. de 2022.

DA CUNHA, Gladson Pereira. A trindade como chave-de-leitura da realidade no pensamento teo-missiológico de Lesslie Newbigin. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 46, n. 02, p. 153-170, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>. Acesso em 18 de out. 2022.

DA CUNHA, Gladson Pereira. Um povo para todos os povos: elementos introdutórios à eclesiologia trinitária de Lesslie Newbigin. *ATeo PucRio*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 68, p. 453-476, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/56652/56652.PDF>. Acesso em: 18 de out. 2022.

DIETZ, Martin T. “O futuro de nossas Igrejas”: o desafio missionário, fundamentado na teologia luterana. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 62, n. 01, p. 161-180, jan./jun. 2022. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/1385>. Acesso em: 29 mar. 2023.

DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

DREHER, Martin N. *A Igreja no mundo medieval*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*. Tradução de Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

FEITOSA, José Ricardo Teles. A religião e sua dinâmica diante do processo de urbanização: o mercado religioso entre católicos e evangélicos. *RPGeo – Revista Presença Geográfica* da universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, v. 5, n. 1, p. 2-10, jun. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unir.br/index.php/RPGeo/article/view/3191>. Acesso em: 26 abr. 2023.

FISCHER, Joachim. A respeito do papado em Roma contra o celeberrimo romanista de Leipzig; Dr. Martinho Lutero. Introdução. *In: Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2. p. 197-200.

FISCHER, Joachim. Das boas Obras; Dr. Martinho Lutero. Introdução. *In: Obras seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2. p. 97-100.

FORDE, Gerhard. Vida Cristã. *In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (ed.). Dogmática cristã*. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1995. v. 2. p. 399-472.

FORELL, George W. *Fé ativa no amor*. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1977.

FORELL, George W. *Introdução ao estudo da ética cristã*. 4. ed. Tradução de Walter Müller. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

GOHEEN, Michael W. *A igreja missional na Bíblia: luz para as nações*. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W. *A missão da igreja hoje: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas*. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2019.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. *Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e contemporânea*. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida, 2016.

GOHEEN, Michael W.; MULLINS, Jim. *The symphony of mission: playing your part in God's work in the word*. Grand Rapids: Baker Academic, 2019.

GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: De Agostinho às vésperas da Reforma*. Tradução de Vanuza Helena Freire de Matos. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. v. 2.

HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Tradução de Mário L. Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. 6. ed. Porto Alegre: 1999.

HEFNER, Philip J. A Igreja. *In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Ed.). Dogmática cristã*. Tradução de Luís M. Sander et al. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1995. v. 2, p. 195-253.

HIRSCH, Alan. *Caminhos esquecidos: reativando a igreja missional*. Tradução de Daniele M. Damiani Guabiraba. Curitiba: Esperança, 2015.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa Fé, Nossa Vida*: Guia prático da vida comunitária na IECLB. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

IWAND, Hans Joachim. *A Justiça da Fé*. Tradução de Walter Altmann e Lindolfo Weingärtner. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

JORGENSON, Allen G. Contornos do sacerdócio comum. *In*: HELMER, Christine (Ed.). *Lutero: um teólogo para os tempos modernos*. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

KELLER, Timothy. *Deuses falsos: As promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa*. Tradução de Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida, 2014.

KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KLIEWER, Gerd Uwe. IECLB – O declínio do crescimento natural. *Protestantismo em revista*, v. 5, p. 82-93, set./dez. 2004. Disponível em: <http://est.com.br/periodicos/index.php/nepp/article/view/2147>. Acesso em: 09 abr. 2023.

LANFRANCHI, Marcelo Amaral. Lutero e o sacerdócio universal do crente. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 13, n. 24, p. 81-99, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/45220>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

LUI, Lukas. *A Igreja do Espírito de Deus que nasce no coração do povo: A relevância e o desafio do sensus fidei na Constituição dogmática Lumen Gentium do Vaticano II*. 2010. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16843/16843_1.PDF. Acesso em: 19 abr. 2023.

LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão. *In*: *Obras Selecionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2, p. 280-340.

LUTERO, Martinho. A respeito do papado em Roma contra o celeberrimo romanista de Leipzig. *In*: *Obras Selecionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2, p. 200-238.

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero. *In*: *Obras Selecionadas – vida em comunidade: Comunidade, ministério, culto, sacramentos, visitação,*

catecismos, hinos. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016. v. 7. p. 325-446.

LUTERO, Martinho. Da vida matrimonial. *In: Obras Seleccionadas: Ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação - economia.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 5, p. 161-183.

LUTERO, Martinho. Das boas obras. *In: Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2, p. 100-170.

LUTERO, Martinho. Do cativoiro babilônico da Igreja. *In: Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016. v. 2. p. 343-424.

LUTERO, Martinho. Interpretação do Antigo Testamento. *In: Obras Seleccionadas: textos selecionados da preleção sobre Gênesis.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2020. v. 12. p. 53-166

LUTERO, Martinho. O sétimo capítulo de S. Paulo aos Coríntios. *In: Obras Seleccionadas: Ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação - economia.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 5, p. 184-229.

LUTERO, Martinho. Sexualidade. *In: Obras Seleccionadas: Ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 5. p. 160-363.

LUTERO, Martinho. Tratado sobre a liberdade cristã. *In: Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520.* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. v. 2, p. 436-460.

MACIEL, Rebecca Ferreira Lobo Andrade. Cristãos sem igreja: um olhar a partir da contemporaneidade. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 87-99, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2016/03/12-2-8.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MARTINS, José Eduardo; VERÁSTEGUI, Rosa de Lourdes Aguiar. Os paradigmas epistemológicos da modernidade e da pós-modernidade: educação e decolonialidade. *Revista Dialectus*. Universidade Federal do Ceará, ano 10, n. 22, jun. 2021. p. 11-25. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/71230>. Acesso em: 12 abr. 2023.

MATOS, Ralfo. Migração e urbanização no Brasil. *Revista Geografias*, Belo Horizonte, v. 08, n.1, p. 7-23, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13326>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MCGRATH, Alister. *A Revolução Protestante: Uma provocante história do protestantismo contada desde o século XVI até os dias de hoje.* Tradução de Lena e Regina Aranha. Brasília, DF: Palavra, 2012.

MENEZES, Flávio; PARLAGRECO, Natasha Mendes. A Igreja na pós-modernidade. Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 10, n. 25, p. 196-210, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1753>. Acesso em: 11 abr. 2023.

METAS MISSIONÁRIAS 2019-2024 (IECLB). Curitiba: XXXI Concílio da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 17 a 21 out. 2018. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/planejamento/metas-missionarias-2019-2024>. Acesso em: 11 mai. 2023.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte: Os teólogos protestantes e ortodoxos*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1980. 2 v.

NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma sociedade pluralista*. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2016.

PADILLA, C. René. Uma eclesiologia para a missão integral. In: PADILLA, C. René; COUTO, Péricles (Org.). *Igreja: Agente de transformação*. Tradução de Albana Neves e Dilmar Devantier. Curitiba: Aliança, 2011. p. 43-68.

PRILL, Thorsten. Martin Luther and evangelical mission: father or failure? *Foundation*, Cambridge, n. 73, p. 21-50, nov. 2017. Disponível em: <https://www.affinity.org.uk/foundations-issues/issue-73-martin-luther-and-evangelical-mission-father-or-failure>. Acesso em: 07 de jul. 2022.

QUIROZ, Pedro Arana. A missão integral no entrelaçamento de graça, mundo e igreja. In: PADILLA, C. René; COUTO, Péricles (Org.). *Igreja: Agente de transformação*. Curitiba: Aliança, 2011. p. 135-155.

RIBEIRO, Helena; VARGAS, Heliana Comin. Urbanização, globalização e saúde. *Revista USP*, São Paulo, n. 107, p. 13-26, out./nov./dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/115110>. Acesso em: 04 abr. 2023.

ROLDÁN, Alberto Fernando. O sacerdócio de todos os crentes e a missão integral. In: PADILLA, C. René; COUTO, Péricles (Org.). Tradução de Albana Neves e Dilmar Devantier. *Igreja: Agente de transformação*. Curitiba: Aliança, 2011. p. 113-134.

SCHERER, James A. *Evangelho, Igreja e Reino: estudos comparativos de teologia da missão*. Tradução de Getúlio Bertelli; Luís H. Dreher e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal; EST, 1991.

SHELLEY, Bruce L. *História do cristianismo ao alcance de todos: Uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos*. Tradução de Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A pós-modernidade e o pensamento social: complementariedade ou antagonismo? *Caminhos de Geografia* Uberlândia-MG, v. 22, n. 82, p. 41-52, ago. 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55716>. Acesso em: 18 abr. 2023.

STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. *Igrejas que transformam o Brasil: Sinais de um movimento revolucionário e inspirador*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

TEIXEIRA, Faustino. Campo religioso em transformação. In: CUNHA, Christina Vital da; MENEZES, Renata de castro (Org.). *Religiões em conexões: números, direitos, pessoas*. Rio de Janeiro: Iser, set. 2014. Disponível em: https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Comunicacoes_ISER_n69.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Aste, 1988.

WACHHOLZ, Wilhelm, SELL Wilhelm. Sacerdócio geral de todas as pessoas crentes: uma introdução a perspectiva de Martinho Lutero. Florianópolis: *Encontros Teológicos*, v. 33, n. 1, p. 69-86, 2018. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/827>. Acesso em: 08 jul. 2022.

WACHHOLZ, Wilhelm. *História da Igreja antiga e medieval*. São Paulo: Know How, 2010.

WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano cooperador com Deus: Ética cristã a partir dos dois regimentos e três estamentos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 14-29, jan./jun. 2017. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2936. Acesso em: 08 nov. 2022.

WENZ, Gunther. Evangelho e escritos confessionais: A hermenêutica das confissões do luteranismo. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 46-63, 2004. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/570. Acesso em: 21 mar. 2023.

WESTHELLE, Vítor. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. Tradução de Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017.

WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismo brasileiro de rito luterano. In: PEREIRA, João Baptista Borges (Org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

ZEFERINO, Jefferson. Estudos sobre Karl Barth e teologia pública. *Revista de cultura teológica* da PUCSP, São Paulo, n. 97, p. 294-312, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/51826>. Acesso em: 13 de out. 2022.

ZIMMER, Mirian Andrea. *Assimilação e organização religiosa: Como as igrejas étnicas lidam com a assimilação (estrutural) de seus membros, tendo como base o exemplo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Tradução de Uwe Wegner. Blumenau: Otto Kuhr, 2014.

ZWETSCH, Roberto. Missão no século 21 no Brasil: missão como com-paixão. *Revista Caminhando*. v. 15, n. 2, p. 34-50, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/2055>. Acesso em: 29 mar. 2023.